

Instituto Politécnico de Santarém
Escola Superior de Educação de Santarém

*Avaliação no jardim-de-infância e no 1º
ciclo do ensino básico: o uso do
portfolio*

**Relatório de Estágio para obtenção do Grau de Mestre em
Educação Pré-Escolar e em Ensino do 1º Ciclo do Ensino
Básico**

Por Ana Melissa Cerdeira Bettencourt

Orientadora: Professora Mestre Marisa Correia
Coorientadora: Professora Doutora Gracinda Hamido

2014

abril

Dedicatória

O fruto deste trabalho é inteiramente dedicado ao meu avô Mário Isidro Labandeira Bettencourt que sempre foi um pai para mim e apesar das circunstâncias menos boas da vida ensinou-me que devemos ser sempre corajosos e acima de tudo devemos acreditar em nós próprios. Esperava ultrapassar esta última etapa da minha vida académica contigo, mas ensinaste-me a ver a vida com um sorriso e só espero vir a ser uma campeã como tu o foste até ao final dos teus dias. Obrigada por tudo avô! Foste, és e serás sempre o meu campeão.

Agradecimentos

O produto final deste trabalho deve-se a várias pessoas que contribuíram e às quais quero dar uma palavra de agradecimento pelo apoio que demonstraram. Mais uma etapa finalizada, sendo esta uma das mais importantes da minha vida, deve-se a todos vós. Apoiaram-me nesta longa caminhada e ajudaram-me a por de pé quando eu caía, ajudaram-me a acreditar em mim e a nunca desistir.

À minha mãe Elizabeth Cerdeira, avó Lúcia Cerdeira e avô Mário Bettencourt, por me terem dado esperanças, apoio incondicional, conselhos, compreensão e motivação neste último ano tão difícil para mim. Palavras que me souberam dar sempre no momento certo, palavras essas de sabedoria e amor que me ajudaram a seguir em frente. Em especial à minha mãe por toda a força, amor e carinho que me soube dar todos os dias. Pelo exemplo de grande mulher que ela é.

À minha alma gémea, o meu namorado Fábio Sousa, pela paciência, carinho, força, conselhos, motivação e compreensão. Sem ti não teria conseguido, foste a minha âncora, o meu incentivo!

Às minhas amigas que me apoiaram incondicionalmente Carla Vicente, Joana Évora, Joana Coração, Joana Loureiro, Liliana Romão, Maria Margarida Duarte, Rosa Pereira, Vanessa Chaves. Sem vocês não teria chegado aqui. Estiveram sempre preocupadas e ansiosas de eu acabar. Devo-o a vocês o facto de ter chegado até aqui, pois sem o vosso carinho, palavras de conforto e incentivo eu poderia não ter conseguido.

Às Professoras Mestre Marisa Correia e Doutora Gracinda Hamido, orientadoras desta dissertação, pelo apoio, compreensão, paciência e motivação na supervisão do meu trabalho ao longo deste ano. Quero deixar um profundo e especial agradecimento a vocês pela excelente orientação, sabedoria, conselhos e diária disponibilidade!

Às professoras Carla Vieira, Sofia Cruz e educadora Teresa Bondoso pela vossa disponibilidade e simpatia! Pelo empenho demonstrado e sempre disponíveis para ajudar e colaborar.

Às professoras e educadoras que puderam colaborar e me apoiar nesta etapa.

Por fim, mas mais importante ao meu avô Mário Bettencourt que mesmo não estando cá, olhas por mim!

A todos, um muito obrigada!

Resumo

O presente relatório integra-se no Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico. Foi elaborado com base nas unidades curriculares de Prática Supervisionada em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico lecionadas no Mestrado na Escola Superior de Educação de Santarém.

Ao longo deste período em que estive envolvida na Prática Supervisionada em Educação Pré-escolar e em 1º Ciclo do Ensino Básico tive oportunidade de observar, questionar, vivenciar, refletir, ultrapassar, avaliar, entre outras. Fui-me deparando ao longo do tempo com diversas questões que me fizeram refletir e investigar. Uma delas acarretou um especial interesse quer para mim quer para a minha prática, tendo esta a ver com a avaliação, mais propriamente, a utilização do portfolio como instrumento de avaliação das crianças do jardim de infância e dos alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico.

De forma aprofundar o tema, realizei diversas pesquisas e considerou-se que a melhor forma de desenvolver o presente processo seria através de um método misto, utilizando processos de natureza quantitativa (inquérito por questionário) e qualitativa (inquérito por entrevista).

O presente estudo pretende identificar as metodologias e instrumentos de avaliação a que os professores e educadores recorrem para realizarem a avaliação dos alunos, mais propriamente, perceber como entendem e se utilizam o portfolio como instrumento de avaliação e como decorre esse mesmo processo.

Participaram neste estudo vinte pessoas. Destas vinte foram aplicados vinte questionários que foram divididos em dez realizados a dez educadoras de infância de duas instituições distintas e dez questionários a dez professoras do ensino básico de duas instituições distintas. Depois foi realizada uma entrevista a uma educadora de infância e a uma professora do ensino básico.

Depois da recolha e análise de dados foi possível concluir que o portfolio é pouco utilizado como instrumento de avaliação, tendo outras funções.

Palavras-Chave

Crianças, Alunos, Avaliação, Instrumentos de Avaliação, Portfolio

Abstract

This report is the final stage of the Masters in Early Childhood Education and Teaching of the 1st Cycle of Basic Education(primary). This report was based on the curricular modules of a supervised placement in preschool and primary school education, as part of a Masters course of the 'Escola Superior de Educação de Santarém'.

During the time of my supervised placement, working with preschool children as well as with children in the in their first years of primary education, I had the opportunity to observe, question, experience, reflect, and evaluate, many situations in an educational environment. Hence, this experience enhanced my curiosity on a few issues that I had been stumbling over for some time. Thus, this exposure to the educational system made me reflect and want to investigate these into more depth. One of these issues in particular brought a special interest to me; this being the use of the portfolio as an assessment instrument for children in preschool stage and students in the first years of primary education.

Therefore, to enhance my knowledge on this subject, I conducted several researches and came to the conclusion that the best way to develop this study would be through the use of mixed experimental methods, such as quantitative (questionnaire survey) and qualitative (interview survey).

The aim of this study was to identify the methodologies and tools that teachers and educators use in order to conduct the assessment of students. More specifically, to understand how the portfolio is interpreted by these professionals and used as an evaluation tool as well as to comprehend how that process takes place.

This study consisted of twenty participants, whom were each given a questionnaire. The questionnaires were divided between ten preschool teachers and ten primary school teachers from two different localities (schools). In addition, an interview was conducted with one preschool teacher and one primary school teacher.

After the data was collected and analyzed it was concluded that the portfolio had little use as an evaluation tool, having other functions instead.

Key Words

Children, Students, Assessment, Assessment Tools, Portfolio

Índice

Introdução.....	1
Parte I – Contextos de estágio.....	2
1. Estágio em Jardim de Infância.....	2
1.1. Caraterização da Instituição	2
1.2. Caraterização da Sala de Atividades.....	3
1.3. Caraterização do grupo de crianças.....	3
1.4. Prioridades do Projeto da Escola e do Projeto Curricular de Turma.....	4
1.5. Percurso de desenvolvimento profissional.....	5
2. Estágio em 1º Ciclo do Ensino Básico (1º ano de escolaridade).....	13
2.1. Caraterização da Instituição.....	13
2.2. Caraterização da Sala de Atividades.....	13
2.3. Caraterização do grupo de crianças.....	14
2.4. Prioridades do Projeto da Escola e do Projeto Curricular de Turma.....	14
2.5. Percurso de desenvolvimento profissional.....	15
3. Estágio em 1º Ciclo do Ensino Básico (4º ano de escolaridade)	20
3.1. Caraterização da Instituição.....	20
3.2. Caraterização da Sala de Atividades.....	21
3.3. Caraterização do grupo de crianças.....	21
3.4. Prioridades do Projeto da Escola e do Projeto Curricular de Turma.....	22
3.5. Percurso de desenvolvimento profissional.....	22
4 - Percurso Investigativo.....	24
Parte II – Representações de educadores de infância e professores do 1.º ciclo do ensino básico acerca do uso do portfolio como instrumento de avaliação das aprendizagens das crianças.....	29
1- Questão de pesquisa e metodologia de trabalho.....	29
1.1.- Caraterização dos participantes no estudo.....	31
1.2.- Objetivos da investigação.....	32
1.3.- Fundamentação teórica.....	32
1.4.- Análise dos dados e principais conclusões.....	39
1.5.- Análise das entrevistas.....	49

Reflexão final.....	52
Referências Bibliográficas.....	53
Legislação.....	55
Anexos.....	56
Índice de Anexos.....	57
Anexo I.....	58
Anexo II.....	60
Anexo III.....	74
Anexo VI.....	86
Anexo V.....	90
Anexo VI.....	94

Índice de figuras

1.1. – Planeamento do Projeto de Estágio.....	10
1.2. – Planeamento do Projeto de Estágio.....	19
1.3. – Momento entre a educadora e a Inês.....	27
1.4. e 1.5. – comentários feitos aos trabalhos dos alunos.....	39

Índice de quadros

1.1.- Pessoal docente e não docente.....	2
1.2.- Pessoal docente e não docente.....	13
1.3.- Pessoal docente e não docente.....	20
1.4. - Dados de identificação.....	40
1.5. - Anos de docência.....	40
1.6. - Ano de escolaridade.....	40
1.7. - Grupo de crianças.....	41
1.8. – Instrumentos de avaliação usados pelos educadores e professores.....	41
1.9. – Instrumentos de avaliação mais usados pelos educadores e professores.....	41
1.10. – Instrumento como tendo maior peso ou importância.....	42
1.11. – Planeamento da avaliação.....	44
1.12. – Liberdade na definição dos parâmetros e formas de avaliação.....	44
1.13. – Representações acerca do portfolio.....	44
1.14. – Utilização do portfolio.....	45
1.15. – Razões para o uso do portfolio.....	47
1.16. –Vantagens e desvantagens do portfolio.....	47

Introdução

O presente relatório integra-se no Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico. Foi elaborado com base nas unidades curriculares de Prática Supervisionada em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico lecionadas no Mestrado na Escola Superior de Educação de Santarém.

Segundo Carmo (1998), “o objetivo de um relatório, seja ele qual for, é pôr em comum uma determinada ação do autor e partilhar um conjunto de informações por ele consideradas relevantes.” (p.153).

Ao longo deste período em que estive envolvida na Prática Supervisionada em Educação Pré-escolar e em 1º Ciclo do Ensino Básico tive oportunidade de observar, questionar, vivenciar, refletir, ultrapassar, avaliar, entre outras. Fui-me deparando ao longo do tempo com diversas questões que me fizeram refletir e investigar. Uma delas acarretou um especial interesse quer para mim quer para a minha prática, tendo esta a ver com a avaliação, mais propriamente, a utilização do portfolio como instrumento de avaliação das crianças do jardim de infância e dos alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Quanto à estrutura do relatório, este está dividido em dois capítulos. O primeiro dedica-se aos contextos de estágio, nomeadamente a caracterização da Instituição; a caracterização da sala; caracterização da turma/grupo de crianças; prioridades do projeto da escola e do projeto Curricular de Turma; percurso de desenvolvimento profissional e por fim o percurso investigativo.

O último capítulo refere-se ao trabalho de investigação, sendo este sobre as representações de educadores e professores do 1.º ciclo acerca do uso do portfolio como instrumento de avaliação das aprendizagens das crianças.

Além destes capítulos, apresento ainda no final do presente relatório uma reflexão final.

Parte I – Contextos de estágio

1. Estágio em Jardim de Infância

1.1. Caracterização da Instituição

O meu primeiro estágio enquanto aluna de Mestrado em Educação Pré-escolar e em 1º Ciclo do Ensino Básico foi realizado em contexto Pré-escolar num Jardim de Infância que pertencia a um Agrupamento Vertical em Santarém. Este estava sob a tutela da rede pública e dependia da entidade oficial Ministério Público. Tinha capacidade para cerca de setenta e cinco crianças, repartidas e integradas por três grupos.

O Jardim de Infância situava-se na cidade de Santarém e estava integrado numa zona essencialmente habitacional, onde predominavam vários edifícios de apartamentos. Este funcionava desde 1997 e possuía dois edifícios.

O horário de funcionamento desta instituição era das 8h45m às 17h30m, contemplando duas componentes, nomeadamente a letiva e as atividades de animação e apoio à família, incluindo o serviço de almoço.

O seguinte quadro apresenta os recursos humanos desta instituição:

Quadro 1.1. - *Pessoal docente e não docente*

Pessoal docente	3 Educadoras de infância 1 Professora de Educação Especial 1 Professor de Expressão dramática 1 Professor de Expressão Musical 1 Professor de Expressão Motora
Pessoal não docente	4 Assistentes Operacionais

Este Jardim de Infância apesar de cumprir algumas das normas que vigoram no Despacho Conjunto nº 268/97, de 25 de agosto, onde constam todos os requisitos pedagógicos e técnicos para a instalação e funcionamento de estabelecimentos de educação pré-escolar, pude verificar que existiam outras em falta, como as instalações sanitárias para as crianças. Estas deveriam possuir uma sanita para cada dez crianças e no entanto o que observei foram apenas cinco sanitas e nenhuma delas tinha apoios para crianças com dificuldades de locomoção, outro incumprimento da legislação.

1.2. Caracterização da Sala de Atividades

A sala onde estagiei era bastante ampla, acolhedora e luminosa. Este último facto devia-se à existência de grandes janelas o que permitia a entrada de bastante luz natural.

A organização da sala estava dividida por diferentes áreas, nomeadamente sete: área dos jogos de mesa, área das ciências, área da casinha, área da biblioteca, área do computador, área da garagem e área da pintura. Todas estas continham o material necessário e indicado para determinada área.

É de salientar que na sala existiam variados placares. Estes acarretavam diversas funções, seja para expor trabalhos realizados pelas crianças, seja para afixar o quadro das presenças, dos aniversários, do tempo e ainda o calendário. Todos estes materiais estavam ao nível das crianças, permitindo assim a utilização destes diariamente.

1.3. Caracterização do grupo de crianças

A primeira semana de estágio é muito importante, visto que é neste período inicial que observamos o grupo de crianças com quem vamos desenvolver o nosso trabalho. Assim sendo, tive oportunidade de observar de acordo com as Orientações Curriculares Educação Pré-Escolar OCEPE (1997),

cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, recolher informação sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem, são práticas necessárias para compreender melhor as características das crianças e adequar o processo educativo às suas necessidades. (...) A observação constitui, deste modo, a base do planeamento e da avaliação, servindo de suporte à intencionalidade do processo educativo. (p. 25).

Durante esta observação, foi também possível verificar as práticas, as metodologias e os recursos utilizados pela educadora.

O grupo de crianças com quem tive o privilégio de estagiar era um grupo heterogéneo constituído por vinte e cinco crianças com idades compreendidas entre os três e os cinco anos de idade. Sabia que a maior parte das crianças já tinha sido acompanhada pela educadora cooperante desde os 3 anos de idade, exceto 3 crianças que tinham entrado há pouco tempo. Através da observação da interação das crianças, pude perceber que o grupo de crianças já se conhecia, porém os que tinham entrado há pouco ainda se encontravam numa fase de ambientação. Deste grupo não fazia parte nenhuma criança com necessidades educativas especiais e todas residiam na zona de Santarém.

Logo na primeira semana de estágio, foi-me possível perceber que a maior parte das crianças reconhecia e respeitava as regras estabelecidas da sala. Eram completamente autónomos na sua higiene pessoal e às refeições já manifestavam um certo zelo na postura a seguir.

Este grupo de crianças era muito cooperante, participativo e interessado em adquirir novas aprendizagens. A escolha da amizade assim como a do melhor amigo era cada vez mais acentuada e verificava-se a escolha de colegas do mesmo sexo.

Era um grupo de crianças desinibido, alegre, que manifestava algumas dificuldades em se concentrar nas atividades, dispersavam-se com muita facilidade e muitas das vezes não respeitavam os colegas em momentos de conversa no tapete, porque falavam e depois não ouviam. Tive oportunidade de observar que as crianças mais velhas tinham tendência em ajudar as mais novas e preocupavam-se com estas. Nas atividades livres, a maioria das crianças optava pelas mesmas áreas ou jogos.

Tive oportunidade de observar que este grupo de crianças gostava muito de ouvir história, canções, ir brincar para o recreio, modelar plasticina e realizar atividades que fugiam da rotina diária deles, como por exemplo: sair da instituição para passear, fazer a experiência flutua ou não flutua, entre outras. Durante as atividades pude perceber que existiam crianças mais participativas, atentas e ativas que as restantes.

Relativamente à participação e relação dos pais, estes desempenhavam um papel ativo. Todas as manhãs, as crianças eram recebidas na sala de acolhimento e era neste momento que os pais informavam às educadoras ou auxiliares se as crianças estavam bem e se era necessário algum cuidado especial. À despedida a educadora ou auxiliar transmitia aos pais como tinha sido o dia dos filhos. Também foi notório o papel ativo dos pais em relação às festividades, como no S. Martinho ou no Natal. Estes eram várias vezes convidados a participar, por exemplo, na realização de um lanche ou num teatro apresentado pelas crianças. Durante a minha prática, tive oportunidade de observar que para além destas atividades os pais ainda realizavam trabalhos pedidos pela educadora, como decorar uma bola de esferovite para colocar numa árvore de natal do jardim-de-infância, realizar pesquisas no computador, entre outras.

1.4. Prioridades do Projeto da Escola e do Projeto Curricular de Turma

Em relação às prioridades do Projeto Curricular de turma, não as posso divulgar porque ainda não existiam na altura, pois encontravam-se em construção. Contudo, posso dizer que devido à observação direta, conversas informais e variadas questões sobre o projeto curricular de turma à educadora consegui perceber qual seria a essência do projeto. A educadora estava a ter formação na área de artes e realizava bastantes atividades com o grupo de crianças em torno dessa mesma área. As crianças demonstravam bastante curiosidade, empenho e interesse em realizar tais atividades. Por conseguinte, a educadora decidiu que o projeto curricular de turma iria incidir no tema em que estava a ter formação, nomeadamente as artes,

uma vez que já estava a desenvolver atividades neste sentido e o facto de as crianças terem manifestado um grande interesse foi o ponto primordial que a fez decidir tal tema.

O Projeto da Escola tinha como prioridades as seguintes competências consideradas nucleares e transversais no percurso educativo de todas as crianças, sendo as seguintes: as competências de literacia, em que é pretendido que as crianças desenvolvam em simultâneo a comunicação, a linguagem e o conhecimento e que potenciem o desenvolvimento fonológico, morfológico, sintático e pragmático; as competências cognitivas e metacognitivas mais especificamente: desenvolver a capacidade de raciocínio, de resolução de problemas e de estratégias de aprendizagem, o sentido crítico e a reflexão sobre a observação e as práticas e as competências sociais, nomeadamente cidadania, solidariedade, identidade, aceitação do outro e responsabilidade.

Durante a semana de observação foi-me possível verificar que as atividades que a educadora cooperante realizou com as crianças visavam atingir os objetivos contidos no projeto da escola. Uma das situações que posso destacar que desenvolveu o sentido crítico e a reflexão sobre a observação foi quando a educadora convidou as crianças a irem ao recreio para observarem a natureza. Depois de uma conversa sobre o que observaram no recreio e aproveitando o momento, a educadora decidiu dar a conhecer às crianças Monet, explicando quem era e o que fazia este famoso artista. Para tal, foram ao computador da sala pesquisar sobre ele. Era evidente o entusiasmo e o à vontade que as crianças tinham perante esta tecnologia. Soube mais tarde que este à vontade devia-se ao facto de terem acesso a este tipo de tecnologia em casa, como também ao acompanhamento dos pais nos trabalhos de casa que a educadora por vezes solicitava, como por exemplo trazer uma pesquisa sobre um determinado assunto. Outra situação que ajudava a promover as competências de literacia, mais propriamente a comunicação, eram as constantes conversas realizadas no tapete, em que a educadora facultava uns minutos para as crianças falarem entre si e também quando lhes era pedido que esperassem pela sua vez de conversar também estaria a desenvolver competências sociais. Por fim, outra situação que gostaria de referir tem a ver com o desenvolvimento do raciocínio e resolução de problemas. Quando as crianças nos chegavam com um problema para resolver, por exemplo: “Não tenho cadeira para me sentar nesta mesa”. Nesta situação, em vez de a educadora dizer o que a criança tinha que fazer, por exemplo ir buscar uma cadeira a outra mesa, esta não o fazia e dizia para a criança refletir no que tinha que fazer.

1.5. Percurso de desenvolvimento profissional

O meu desempenho centrava-se particularmente em manter uma atitude bastante cooperativa e disponível quer para com a minha colega de estágio, quer para a comunidade

educativa. A meu ver, tentei mostrar simpatia e abertura perante qualquer circunstância e tentei demonstrar igualmente respeito e atenção à cultura da Instituição.

Gostaria ainda de referir que a minha adaptação à rotina da sala e às crianças foi positiva na medida em que as crianças não estranharam a minha presença e demonstraram-se recetivas às intervenções que eu fui estabelecendo com elas, sendo assim, senti um grande à vontade em trabalhar com estas.

Senti também uma grande proximidade e afetividade com as crianças e para além disso, senti que perante estas representava uma amiga e uma educadora, pois quando tinham alguma dúvida ou algum receio vinham ter comigo. Isto, a meu ver, prova que eu era alguém que acompanhava e guiava as crianças no seu processo de desenvolvimento e que estas vinham ao meu encontro quando precisavam de ajuda. A educação pré-escolar é, de acordo com as OCEPE (1997),

A primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita cooperação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário (p.15).

Tendo em conta esta afirmação, eu enquanto estagiária no contexto Pré-escolar visei promover o desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança. Por esta razão, senti que também desempenhei um papel de agente de desenvolvimento. De acordo com Marques (1996), “um agente de desenvolvimento tem como objetivo facilitar e estimular o desenvolvimento.” (p.15). Este autor afirma também que o desenvolvimento é um produto de múltiplos fatores em interação, entre os quais gostaria de salientar: as atividades de aprendizagem adequadas ao seu estágio de desenvolvimento.

Segundo as Orientações Curriculares, eu enquanto educadora tinha de organizar o processo educativo de modo a responder de uma melhor forma às necessidades de cada criança. Neste sentido, percebi que devia criar condições para o sucesso da aprendizagem de todas as crianças e ainda mostrar ser recetiva e flexível para as três faixas etárias distintas que existiam. Desta forma, de acordo com o OCEPE (1997), “Planear implica que o Educador reflita sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando os recursos humanos e materiais necessários à sua realização.” (p.26).

Relativamente às atividades que no decorrer do estágio eu tive de planificar, estas foram pensadas e realizadas com base num recurso intitulado: Brochuras da Educação Pré-escolar. Este documento constituiu um recurso bastante utilizado na ação e enquanto estagiária consultei as brochuras para me orientar no processo de planificação. Para além destas, utilizei também as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar para consulta e gostaria de dizer que graças às brochuras nos domínios da Matemática e da Linguagem Oral e da

Abordagem à Escrita, entre outras, foi-me possível uma melhor compreensão e operacionalização no Jardim de Infância.

As atividades que planeiei foram ao encontro das dificuldades e interesses das crianças. Contudo, tentei também que fossem ao encontro do interesse da educadora cooperante, pois foi ela que nos orientou ao longo do período de estágio. Por conseguinte, sendo eu responsável pela organização de atividades educativas quer a nível individual e em grupo, promovendo e incentivando o desenvolvimento físico, psíquico, emocional e social das crianças tentei sempre no ato de planificar dar importância e articular todas as áreas de conteúdo, fazendo com que a minha ação obedecesse assim a orientações curriculares e pedagógicas emanadas pelo Ministério de Educação, mas ao mesmo tempo esta também partiu dos interesses das crianças, das expectativas e do ritmo próprio de aprendizagem de cada uma.

Para além destas preocupações também me baseei na rotina diária das crianças pois de acordo com as OCEPE (1997), “A sucessão de cada dia ou sessão tem um determinado ritmo existindo, deste modo, uma rotina que é educativa porque é intencionalmente planeada pelo educador e porque é conhecida pelas crianças que sabem o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão.” (p.40). Durante esta rotina, pude perceber que as crianças, quando iam para as áreas de atividades, tendiam a escolher sempre a mesma, isto acontecia muitas das vezes, porque o melhor amigo ia para determinada área e porque gostavam mais das brincadeiras que surgiam naquele espaço. Esta explicação emergiu durante as conversas que realizei com as crianças e com a educadora cooperante. Por conseguinte, de modo atenuar esta situação tentei realizar distintas atividades para que as crianças pudessem brincar noutras áreas e ficar a gostar delas.

Devo referir que neste primeiro estágio aprendi primordialmente que para planificar era necessário procurar, mobilizar saberes teóricos e práticos para ajudar a conhecer as necessidades do grupo, as estratégias que melhor poderiam permitir concretizar tal atividade e rentabilizar os recursos espaciais, materiais e humanos existentes na Instituição. Inicialmente, talvez devido à falta de experiência, senti alguma dificuldade no ato de planificar, isto porque confundia o termo atividade com estratégias, pensava primeiro nas atividades e depois nos objetivos e utilizava sempre idênticos instrumentos de avaliação. Sendo assim, a primeira questão levantada neste estágio teve a ver com a planificação e a segunda prendeu-se com a dita avaliação, mais propriamente que instrumentos de avaliação deveria utilizar.

Contudo, ao longo do estágio, verifiquei que houve uma evolução na realização da planificação, na medida em que já pensava primeiro nos objetivos e só depois nas atividades e nas estratégias que deveria adotar para desenvolvê-los, a diferença entre o termo estratégia e o termo atividade já estava clarificado e em relação à avaliação, esta tinha sido alvo de

melhoria devido aos instrumentos de avaliação que utilizei serem distintos e mais adequados. De acordo com Zabalza (1994),

(...) avaliação vai depender, portanto, não apenas da utilização de boas técnicas, do facto de as perguntas estarem correctamente formuladas e serem representativas, etc. (exigências de rigor), mas também do facto de a avaliação nos dar uma imagem verdadeira e completa do que sucede na aula (p.228).

Outro aspeto a referir foi a realização da planificação semanal, esta só começou a ser feita na terceira vez que realizei a planificação diária. Esta surgiu, essencialmente, porque através desta foi-me possível verificar com mais facilidade as áreas de conteúdo que estavam a ser abordadas e que atividades iriam ser realizadas naquela determinada semana.

Assim sendo, depois de ter realizado diversas planificações, senti que evoluí bastante e que reunia variadas capacidades que me permitiam planificar melhor, tais como: a capacidade de análise e síntese, a capacidade de aplicar os conhecimentos na prática, a capacidade de gestão do tempo, a capacidade de crítica e autocrítica, a capacidade de adaptação e resolução de problemas, entre outras.

Relativamente ao projeto de estágio que desenvolvi com o meu par de estágio e com as crianças, tendo em conta o texto intitulado “Projetos e Aprendizagem” de Lopes da Silva (2005), este assentava num modelo construtivista, cuja abordagem era negociável entre as crianças e as estagiárias. O início deste projeto incidiu na identificação conjunta do problema e na recolha do que as crianças já sabiam. Desta forma, deu-se o planeamento do projeto pensado primeiramente pelas estagiárias e posteriormente elaborado com a educadora cooperante e o grupo de crianças.

O projeto surgiu por uma proposta das estagiárias ao grupo de crianças. Contudo, mesmo que a tomada de iniciativa tenha partido das estagiárias, a ideia foi debatida em conjunto e enriquecida com as contribuições de todos, inclusive as crianças e a educadora cooperante.

O ponto de partida do projeto de estágio surgiu de uma situação fortuita e daqui desenvolvemos um problema social, ou seja, pensámos o que fazer e como fazer para dinamizar uma nova área na nossa sala (área de música). Em conjunto decidimos intitular o nosso projeto de estágio de “criação e dinamização de uma área de música na nossa sala”.

O projeto de estágio teve como principal intenção apoiar e continuar o trabalho da educadora, tendo em conta que esta estava a ter uma formação em artes e realizou variadas atividades em torno desse tema com as crianças, era favorável assim este tipo de projeto que foi ao encontro igualmente dos interesses e dificuldades das crianças, na medida em que estas desde o início do nosso estágio demonstraram bastante gosto por música e cantavam diariamente.

O desenvolvimento deste projeto assentava assim, numa negociação que garantia a autonomia de todos, uma vez que as crianças tinham um papel bastante ativo nas decisões a

tomar em todas as fases do processo. Este envolvimento no desenrolar do projeto, para além de motivador, tornava-se promotor de diferentes aprendizagens, não só as que se relacionavam diretamente com a temática, como também as que decorriam durante o processo.

Os objetivos gerais deste projeto eram: utilizar a percussão corporal e instrumentos musicais diversos para marcar a pulsação e a divisão (expressão musical); produzir plasticamente, de um modo livre ou mediado, as representações integradas em cenas do quotidiano, histórias inventadas ou sugeridas, utilizando diferentes modos de expressão: desenho, pintura e/ou colagem (expressão plástica); praticar jogos infantis, cumprindo as suas regras, selecionando e realizando com intencionalidade e oportunidade as ações características desses jogos, designadamente: posições de equilíbrio; deslocamentos em corrida; combinações de apoios variados; lançamentos de precisão de uma bola; pontapés de precisão (expressão motora); contar, recontar, inventar e recriar histórias e diálogos, oralmente ou desempenhando “papéis” e elaborar guiões cénicos, com recurso a diversificados tipos de registo, como a ilustração, simbologia inventada e registo escrito, ou animação como os fantoches (expressão dramática); reconhecer e explicar padrões simples e ler sequências pictóricas (geometria e medida); utilizar os números ordinais em diferentes contextos (números e operações) e praticar diferentes formas de registar o que aprenderam na canção (reconhecimento e escrita das palavras).

O planeamento do projeto de estágio vai ser apresentado em tabela, em que o tema se centra no meio e em torno deste apontam-se os vários objetivos, as estratégias, as atividades, os recursos, a avaliação, o que as crianças sabem e o que vão aprender de forma a clarificar melhor o trabalho realizado. Esta tabela é baseada no modelo de Hernández (2000) e é apresentada na página seguinte.

<p>Os alunos podem aprender:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Diversas canções de diferentes tipos; - Diferentes formas de registar o que aprenderam na canção; - Construção de novos instrumentos musicais com recurso a materiais reutilizáveis; - Ler sequências pictóricas para a reprodução de sons rítmicos. 	<p>Estratégias a serem desenvolvidas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conversa com as crianças acerca da criação de uma nova área na sala: área da música; - Construção de um livro intitulado: 'As nossas canções'; - Construção de instrumentos musicais, utilizando materiais reutilizáveis. - Mini orquestra musical, onde as crianças vão cantar e tocar ao mesmo tempo. 	<p>Como iniciar: os conhecimentos e as experiências de que se parte:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sugestões dadas pelas estagiárias acerca do que pode ser feito e as crianças mediante estas vão manifestar a sua opinião e as variadas possibilidades. - Queremos conhecer o que as crianças sabem e o que pensam acerca da situação exposta para que a partir daí possamos planejar diversas possibilidades de desenvolvimento do projeto, cujas contribuições das crianças servirão para as contemplar e enriquecer. 	<p>Recursos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Materiais de pintura (tintas, canetas de feltro, lápis de cor, lápis de cera); - Materiais de recorte e colagem (tesoura, cola); - Material têxtil (tecidos); - Material reutilizável (por exemplo, recortes de revistas, copos de iogurte, areia, grãos de arroz, feijão, grão).
<p>Conexões com outras áreas do saber:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Tema do projeto abrange várias áreas e domínios; - A área da linguagem oral e abordagem à escrita, contacto com as letras e exploração do carácter lúdico da linguagem; - Domínio da matemática: explorar padrões pictóricos e musicais; - Área de Expressão Plástica: pintura, recorte e colagem; - Área de Expressão Motora: coreografias, estafetas e jogos infantis. - Área do Conhecimento do Mundo: reutilizar materiais e contactar com meio ambiente (folhas de árvores - herbário) 	<p>Tema: Criar e dinamizar a área da música na sala de atividades.</p>	<p>Apresentação final:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Criação e dinamização da área da música na sala; - Elaboração de um livro de canções; - Construção de instrumentos musicais; - Apresentação de uma mini orquestra às crianças das outras salas. 	
<p>Atividades para toda a turma:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ensino de novas canções sobre determinadas temáticas; - Exploração de instrumentos musicais; - Formação de uma mini orquestra. 	<p>Atividades em grupo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A decoração do livro: 'As nossas canções' e a construção dos instrumentos são atividades que vão ser realizadas em pequeno grupo. 	<p>Avaliação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Construção de duas grelhas de observação: sobre a participação das crianças na área da música e sobre a utilização dos instrumentos musicais; - Conversa com as crianças acerca do livro de canções elaborado pelas mesmas, para verificar o interesse e as intervenções realizadas ao longo desta. 	

Fig. 1.1 – Planeamento do Projeto de Estágio (adaptado de Hernández, 2000)

Durante este estágio senti uma fase de transição, em que passei de estagiária/observadora, a estagiária/participante. Refletindo sobre o momento de intervenção pedagógico-didática posso dizer que existiram situações em que me senti mais confiante, atingindo um bom nível de competência e outras em que me senti menos e precisavam de ser melhoradas.

Relativamente à competência em que considero ter um bom nível, é a competência relacional, isto porque durante a prática pedagógica sentia-me bastante à vontade. Isto deve-se também à minha personalidade, visto que tenho facilidade em adaptar-me a novos contextos. Por isso, sinto que este é o meu ponto forte e graças a este a minha relação com a comunidade escolar é favorável ao meu desempenho, uma vez que existia um ambiente saudável a nível de comunicação e formas de estar. É de realçar que a comunicação que estabeleci com as crianças não foi apenas um simples diálogo mas sim uma interação social que através desta pude desenvolver condições propícias para que a criança pudesse adquirir a linguagem oral e escrita.

Outro dos aspectos em que durante a minha prática profissional penso ter tido um bom nível é a leitura de histórias. Durante o estágio tive a oportunidade de a realizar mais do que uma vez e nesses momentos sentia-me total à vontade e confiante, uma vez que sou uma pessoa bastante expressiva e faço várias entoações ao longo da história, tendo também uma boa colocação da voz. No entanto, nomeei este aspeto sobretudo porque consegui verificar que as crianças estavam atentas e motivadas para ouvir a história e ainda porque colocavam bastantes questões pertinentes acerca desta.

A nível pedagógico-didático, acho que utilizei diversas atividades que foram ao encontro dos interesses e dificuldades das crianças. Deste modo, acho que promovi estratégias de aprendizagem para que cada criança conseguisse estruturar o seu pensamento e as suas ideias. Também considero que as estratégias que utilizei foram eficazes, pois antes de as pôr em prática já as tinha visto através da observação entre a educadora e as crianças, o que me facilitou a elaboração de variadas estratégias. Contudo, as conversas com a educadora antes da minha operacionalização também foram cruciais e ajudou-me bastante para que eu sentisse que as estratégias que utilizei foram as mais favoráveis perante as crianças, bem como às situações que nem sempre podemos prever. Neste sentido, irei dar alguns exemplos dessas situações, uma delas foi quando as crianças estavam sentadas no tapete em grande grupo mas começavam-se a dispersar, eu nesse momento cantei uma canção para chamar a atenção do grupo e muitas vezes entoava a seguinte frase: “Um, dois e três. Era uma vez... Todos os meninos com perninhas à chinês. Feche *éclair*”. E foi a partir destas estratégias e outras que consegui que as crianças tomassem atenção ao que eu ia dizendo, conseguindo que ficassem em silêncio. Outro exemplo foi a importância do esclarecimento da atividade enquanto as crianças ainda permaneciam sentadas no tapete, ou seja, antes de iniciar qualquer atividade com as crianças, senti necessidade de explicitar o que ia acontecer e se existiriam vários grupos de trabalho ou não para que as crianças se sentissem mais confiantes e menos orientadas por mim na realização da atividade.

Por último, gostaria ainda de referir que durante a minha prática pedagógica existiram momentos em que as crianças acabavam os seus trabalhos mais cedo ou já estavam todos no tapete a aguardar a hora da refeição mas ainda faltavam quinze minutos. Nessas situações, conseguia improvisar, ou seja, de imediato dizia para fazermos um jogo ou cantarmos algumas canções. Este aspeto foi-me muito vantajoso no estágio, porque existiram diversas vezes situações em que as crianças estavam sentadas no tapete sem nada para fazer porque tinha dito que era para arrumar, porque estava quase na hora de ir comer e então não podiam ir para as áreas ou realizar um jogo de mesa. Daí a importância de salientar esta capacidade de improvisação e que as crianças gostavam tanto.

Em relação às situações pedagógico-didáticas em que senti dificuldades e precisei de melhorar foram nomeadamente: a planificação de atividades que são realizadas anualmente,

como o Natal. Senti dificuldade e receio relativamente à abordagem e dinamização de atividades em relação ao Natal, porque em todos os estágios que tive oportunidade de observar e participar nunca presenciei o mês de dezembro, ou seja, não tinha um suporte anterior para me basear e conceber a minha ação. Contudo, pedi apoio à educadora e esta concedeu-me e pouco a pouco senti-me mais confiante para abordar o tema - Natal. Porém, dúvidas e receios se acumulavam pois as crianças já tinham ouvido falar do Natal com a educadora e eu não sabia que estratégia seria mais pertinente para introduzir a carta ao pai natal.

Depois da realização da carta pedi opinião à educadora e esta disse-me que a carta realizada estava muito bonita, mas não era aquilo que tinha em mente para dar às crianças, pois por estar tão colorida as crianças não tinham muita participação neste trabalho e como eu tinha um espaço com linhas horizontais para que as crianças escrevessem o seu pedido ao pai natal, a educadora advertiu-me que deveria retirá-las de as retirar, uma vez que limitava o espaço. Assim sendo, aceitei a crítica construtiva e perguntei se poderia fazer outra. Depois de realizar outra carta ao pai natal e de entregar à educadora, a opinião desta alterou-se, ficou contente porque fui ao encontro dos ideais dela. Por conseguinte, percebi que a carta ao pai natal deve ser realizada com o intuito de as crianças colorirem e decorarem, ou seja, não deve de vir com cores, mas a preto e branco. Também percebi que tem de se deixar um espaço para as crianças escreverem o seu pedido ao pai natal, mas sem linhas de modo a não delimitar o espaço. Perante esta situação é fundamental referir que de acordo com Mata (2008)

a criança demonstra interesse, toma a iniciativa, imita comportamentos de outros, mostrando que está atenta à utilização da linguagem escrita em diferentes contextos. No dia-a-dia o educador apercebe-se deste interesse pelo facto de, com naturalidade, surgirem pedidos, comentários, observações ou mesmo utilizações por parte da criança, realçando o facto de ela compreender que a escrita e a leitura têm uma função específica (p.19).

Em relação ao cartaz coletivo sobre o Natal, eu senti-me menos confiante porque nunca tinha feito nenhum e porque não sabia o que colocar num cartaz de medida grande que seria o registo coletivo das crianças. Tive várias ideias, como: colocar as opiniões das crianças acerca do Natal, colocar palavras que associavam ao Natal, entre outras. Depois questioneei-me se deveria fazer em grande ou pequeno grupo, mas visto que seria um trabalho coletivo, decidi realizar em grande grupo. Apesar do receio que senti esta atividade correu bastante bem, porque depois de uma conversa em grande grupo, coloquei numa folha o que as crianças pensaram e o que se lembravam acerca do Natal. Então pedi às crianças que decorassem o cartaz e escrevessem as palavras que disseram, fazendo muito mais sentido para elas e tal como refere as OCEPE (1997) “vivendo num meio em que contactam com a linguagem escrita, as crianças, desde muito pequenas, por volta dos 3 anos, sabem distinguir a escrita do desenho.”

Por fim, a apropriação do vocabulário é outro dos aspetos que tenho de melhorar, porque em algumas situações eu sentia-me tão à vontade que as frases saíam naturalmente e usava, por vezes, vocabulário pouco apropriado.

Relativamente à forma de avaliar a intervenção pedagógico-didática, penso que através destes dois instrumentos de avaliação: a observação direta e as grelhas de avaliação consegui verificar o cumprimento dos objetivos definidos e da aprendizagem das crianças, pois por exemplo, em conversa com as crianças sobre o inverno pude perceber que a maioria das crianças nunca tinha tido contato com a neve. Então decidi realizar uma experiência com as crianças em que fizemos neve. De seguida foi pedido às crianças o registo em desenho da experiência. Ao avaliar os desenhos pude felizmente comprovar que a maioria das crianças percebeu e como se processou toda a experiência e ainda alguns dos conceitos desenvolvidos nesta, sendo estes os diferentes estados da água, como o líquido e o sólido e ainda que a partir do gelo dá-se a neve.

Em suma, todas as vivências, experiências e aprendizagens que tive ao longo deste estágio foram bastante promotoras, uma vez que cresci quer a nível pessoal e profissional.

2. Estágio em 1º Ciclo do Ensino Básico (1º ano de escolaridade)

2.1. Caracterização da Instituição

O meu segundo estágio enquanto aluna de Mestrado em Pré-escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico foi realizado em contexto de 1º Ciclo no 1º ano de escolaridade numa escola que pertencia a um agrupamento vertical. Este está sob a tutela da rede pública e depende da entidade oficial Ministério Público.

A escola situava-se na cidade de Santarém e estava integrada numa zona essencialmente habitacional, onde predominavam vários apartamentos. Esta funcionava desde 1986 e possuía um edifício e um largo recreio.

O seguinte quadro apresenta os recursos humanos da instituição:

Quadro 1.2 - *Pessoal docente e não docente*

Pessoal Docente	18 Professores
Pessoal Não Docente	4 Assistentes Operacionais

2.2. Caracterização da Sala de Atividades

A sala era composta por vinte mesas que estavam dispostas por filas. Era bastante ampla e luminosa. Esta dispunha vários materiais, nomeadamente, vários armários para

arrumação de materiais e de alguns trabalhos, placares e posters relacionados com as respetivas temáticas que a professora ia lecionando.

Relativamente aos suportes, realço ainda que existia um computador com acesso à internet, um quadro de giz e um quadro interativo.

Durante a semana de observação, tive oportunidade de verificar que a disposição da sala mudava consoante o comportamento dos alunos, tendo como finalidade um maior controlo, bem como uma maior aproximação da professora em relação aos alunos.

2.3. Caracterização do grupo de crianças

O grupo era constituído por 26 alunos com idades compreendidas entre os seis e os dez anos. Era um grupo heterogéneo, formado por treze crianças do sexo masculino e treze do sexo feminino. A maior parte das crianças residia na zona de Santarém. Este grupo de alunos tinha como característica bem assente a participação, a cooperação e o interesse em adquirir novas aprendizagens. A maioria dos alunos já reconhecia as regras estabelecidas da sala. Contudo, ainda existiam alunos que não cumpriam estas mesmas regras, como por exemplo: falar sem pôr o dedo no ar, brincar com plasticina, má postura, falar na vez do colega, entre outros.

Durante a semana de observação verifiquei que os alunos manifestavam bastante interesse e motivação nas variadas áreas de conteúdo e verifiquei também que alguns alunos apresentavam dificuldades de concentração e de aprendizagem. Sendo que existia uma heterogeneidade da turma a nível de ritmos de trabalho.

2.4. Prioridades do Projeto da Escola e do Projeto Curricular de Turma

Em relação ao Projeto de Escola, este tinha como tema: “Construção partilhada de mais Qualidade” e tinha como prioridades estimular a mobilização, a participação e a cooperação de todos os elementos da comunidade educativa.

No que diz respeito ao Projeto Curricular de Turma, este regia-se pelo projeto educativo, porque para além de ter o mesmo tema, apresentava igualmente as metas, sendo estas a quatro dimensões: pedagógica, organizacional, social e relacional. A primeira dimensão tinha como finalidades promover melhorias nas práticas e nos contextos da relação ensino/aprendizagem e proporcionar percursos escolares de sucesso, garantindo a qualidade das aprendizagens realizadas. Já a segunda dimensão tinha como objetivos promover a melhoria contínua da qualidade nos serviços e valências da escola, na perspetiva da satisfação do beneficiário e organizar de forma articulada e eficaz o conjunto das ofertas sócioeducativas de apoio a alunos e famílias, tendo em conta a sua ação de enriquecimento e complemento

curricular e de atendimento e estrutura social. A terceira dimensão tinha como prioridades alargar a ação da escola no campo da promoção da educação para a saúde e da prática de atividades desportivas; promover a qualidade ambiental dentro e fora da escola e a segurança, a qualidade e a conservação dos espaços físicos e equipamentos. Por fim, a quarta dimensão tinha como finalidades promover a civilidade nas relações interpessoais e favorecer relações interculturais.

Na minha opinião, as atividades da sala que tive oportunidade de observar e de intervir foram ao encontro dos objetivos referidos no Projeto Curricular de Turma. Uma das situações que posso destacar que desenvolveu a dimensão pedagógica, social e relacional foi a visita ao hospital de Santarém, em que toda a comunidade escolar participou para ir ver um teatro realizado pelos funcionários e pelos utentes desse mesmo hospital. Outra das situações em que tive oportunidade de intervir foi na realização de um arco-íris. Esta atividade desenvolveu essencialmente as competências pedagógicas e relacionais, na medida em que a turma compreendeu o que significava a primavera e a razão de termos feito um arco-íris e como esta foi a nossa primeira atividade realizada com os alunos, penso que também desenvolveu competências relacionais, uma vez que pude obter o primeiro contato com eles e estabelecer uma relação. Também foi ao encontro dos objetivos do PCT, porque mostrámos este trabalho às restantes turmas, uma vez que o trabalho foi exposto na sala polivalente para que todos da instituição pudessem ver.

2.5. Percurso de desenvolvimento profissional

No decorrer do estágio tive a oportunidade de me relacionar com os alunos e a restante comunidade educativa. É crucial referir que senti acolhimento e disponibilidade por parte da comunidade educativa e isso influenciou desde logo a minha integração, fazendo com que agisse naturalmente, interagindo e integrando-me no meio dos alunos mais facilmente.

A meu ver, as competências que dominava melhor eram a nível relacional e a nível pedagógico-didático.

A primeira devia-se essencialmente ao meu à vontade e predisposição para a comunidade escolar. A meu ver, é extremamente importante esta competência, porque de todas é esta que nos guia em todo o nosso processo envolvente. Ser professor implica muitas vezes trabalhar em conjunto. É crucial referir que esta capacidade também nos ajuda a ter em atenção o público-alvo e adequar o discurso e a relação que se tem com o outro, melhorando o nosso desempenho como professores, porque a existência de uma boa relação com os outros, quer seja com pais, alunos, professores ou assistentes operacionais é primordial, uma vez que garante uma relação de qualidade profissional. Confesso que esta competência também não é das mais fáceis, porque para desenvolvê-la é preciso vivê-la e a partir do estágio tive oportunidade de aprender que é necessário muitas vezes esconder os sentimentos negativos

que podem surgir de alguma situação e ouvir com atenção o que o outro tem para dizer e antes de responder pensar e depois falar. A competência relacional permitiu-me também mobilizar o conhecimento da melhor forma que sabia.

Já a segunda centrava-se com a aprendizagem dos alunos, ou seja, se eu era capaz de organizar as estratégias e atividades necessárias para que essa aprendizagem existisse. Considero que ao longo da minha prática foi-me possível utilizar diversificadas estratégias e atividades que foram ao encontro das dificuldades e interesses dos alunos. Deste modo, acho que promovi estratégias de aprendizagem para que cada aluno conseguisse estruturar o seu pensamento e as suas ideias.

Considero que algumas das estratégias que utilizei na minha semana de operacionalização foram eficazes, pois ao colocá-las em prática percebi que os alunos demonstravam bastante interesse e estavam bastante motivados para aprender. Neste sentido, irei dar alguns exemplos destas situações, sendo uma delas quando ensinei a letra “h”. Naquele dia, li uma história que realizei em power point para cativar os alunos e ao mesmo tempo eles identificarem palavras que continham a letra “h”. Depois pedi outras palavras que continham essa letra e a maioria dos alunos estava a participar. Também ensinei aos alunos a canção da letra h, cuja letra era de um texto que posteriormente iríamos tratar. Os alunos aderiram bastante e perceberam que a canção que eu tinha ensinado era o texto que estava presente no manual e depois fizeram os exercícios do mesmo. A partir destas estratégias os alunos para além de tomarem atenção ao que eu ia dizendo, conseguindo que ficassem em silêncio, também iam participando quando era pedido e estavam bastante motivados em aprender a letra.

Em relação às situações pedagógico-didáticas em que senti algumas dificuldades foram nomeadamente, a gestão do tempo e a avaliação. Ao longo da minha prática senti dificuldade em gerir o tempo, ou seja, sentia que não tinha noção de quanto tempo determinada atividade iria demorar, lembro-me de olhar para o relógio e pensar: “Falta meia hora para acabar a aula e ainda nos faltam três coisas para fazer!”. A meu ver, a gestão do tempo é algo que se aprende com a experiência e com o estudo dos alunos que temos, pois ao longo do estágio senti que esta dificuldade foi ultrapassada na medida em que fui-me apercebendo do ritmo de trabalho de cada aluno e graças a essa análise conseguia realizar tudo o que tinha planeado e consequentemente que os alunos atingissem os objetivos que tinha delineado.

Relativamente à avaliação, devo dizer que esta acarretou uma evolução gradual no meu estágio, porque inicialmente utilizava quase sempre os mesmos instrumentos de avaliação, nomeadamente a observação direta, as fichas de trabalho, grelhas de avaliação e observação. Depois graças ao *feedback* da professora Gracinda Hamido e através de leituras pude aperceber-me de que a avaliação era mais do que simplesmente pôr em prática instrumentos

de avaliação, era necessário também saber em que momento ia avaliar, quem avaliar, o que avaliar e como avaliar.

De acordo com Hadji (1994),

Todo e qualquer juízo é uma proposição precedida, implícita ou explicitamente, do enunciado “eu julgo que”. O sujeito, produtor do discurso, envolve-se no seu enunciado. O enunciado avaliativo traduz um certo tipo de envolvimento. Pelo enunciado prescritivo, digo como a realidade deveria ser. Pelo enunciado avaliativo, pronuncio-me sobre aquilo que vejo. Aprecio as coisas de um ponto de vista que as transcende. Digo o valor delas em função de uma norma que as ultrapassa e permite julgá-las (p.34).

Ao avaliar percebi ainda que utilizo três espécies de juízos. Primeiramente o juízo da observação, depois o juízo de prescrição e por fim o juízo de avaliação. Passo a dar o seguinte exemplo: juízo de observação: “Ela realizou o trabalho pedido pela professora”; juízo de prescrição: “Ela devia ter realizado o trabalho pedido pela professora”; juízo de avaliação: “O trabalho está correto.”

Ao realizar este procedimento, eu enquanto avaliadora, necessito alcançar um espaço de mediação, pois ao mesmo tempo assumo um papel de prescritor em que digo como o objeto deveria ser avaliado e por outro lado assumo um papel de observador, em que vejo e digo como o objeto é na sua realidade.

Saliento ainda que durante a minha prática profissional tive muitas ocasiões em que precisei refletir sobre a relação que a avaliação e a gestão de tempo podiam manifestar durante as aulas, isto porque os alunos em questão eram bastante participativos e este fator fazia com que me delimitasse o meu trabalho muitas das vezes, porque como os alunos gostavam tanto de participar, por vezes era tarefa difícil dizer já chega e passar para o outro tema, uma vez que é tão importante a participação dos alunos. Neste sentido, acho que a avaliação pode desempenhar uma forte relação com a gestão de tempo da aula, porque para a efetuarmos corretamente temos de reservar alguns momentos para observarmos os alunos ou o aluno se decidirmos avaliar individualmente um aluno em cada dia (avaliação de desempenho). Por exemplo, quando realizei um exercício em conjunto e permitia que os alunos dissessem a resposta em voz alta, existiam alunos que davam a resposta completa e outros que ainda não tinham essa preocupação. Toda esta observação que tem a ver com a avaliação insere-se muitas vezes na gestão de tempo. Por conseguinte, tem de ser muito bem trabalhada para que avaliemos de forma correta sem prejudicar o resto da turma e que consigamos abordar todos os conteúdos.

Em suma, gostaria de dizer que em cada momento da nossa atividade como professoras, temos de refletir. E refletir no quê? Na nossa prática, nomeadamente na gestão da aula quer a nível da resposta e respetiva reação dos alunos perante a atividade, quer a nível do tempo que previmos para a mesma, bem como, a forma como temos de avaliar em cada instante.

Em relação ao projeto de estágio que foi desenvolvido, tendo em conta o texto intitulado “Projetos e Aprendizagem” (Silva, 2005) assentava num modelo predominantemente diretivo, cuja abordagem era orientada pelo professor. O início deste projeto incidia na apresentação do tema pelo professor que motivaria os alunos. De seguida, deu-se o planeamento do projeto pensado apenas pelo professor. Neste ponto, importa salientar ainda que o tema deste projeto foi criado com o intuito de continuar o trabalho da professora. Por esta razão, o projeto surge em colaboração com a professora cooperante.

O ponto de partida do projeto de estágio surgiu logo no meu primeiro dia de estágio, em que estava a observar a professora cooperante a dar aulas e nesse mesmo momento pude verificar que os alunos não mantinham uma postura correta nas aulas, não colocavam o dedo no ar para falar, ou seja, não revelavam o cumprimento das regras da sala de aula. Depois através de uma conversa informal com a professora, pude perceber que apesar de a professora cooperante trabalhar desde setembro com os alunos estas regras, observei que os alunos tinham alguma dificuldade em cumpri-las e por este motivo, eu e o meu par de estágio achámos por bem dinamizar um projeto que envolvesse regras de comportamento na sala de aula, porque apesar de os alunos saberem quais são as regras, não as cumpriam.

Neste sentido, o par de estágio decidiu designar como tema de projeto “Aprender a respeitar”.

Este tema foi criado com o intuito de continuar o trabalho da professora como já tinha referido anteriormente. Contudo, fomos também ao encontro dos conflitos e dificuldades das crianças, na medida em que estas demonstraram desde o início do nosso estágio dificuldades em respeitar os outros colegas, a ter uma postura correta, a falar só na sua vez e em colocar o dedo no ar.

Posto isto, o assunto foi debatido em conjunto com os alunos, para que estes nos ajudassem a problematizar a situação, partilhando as suas opiniões e possíveis soluções para este problema. Para tal, primeiramente, demos sugestões acerca do que podia ser feito e os alunos mediante estas sugestões manifestaram as suas opiniões e as várias possibilidades face a este problema.

Durante a realização deste projeto demos importância ao conhecimento dos alunos, porque pretendíamos identificar o que estes já sabiam e o que pensavam acerca da situação exposta para que a partir daí pudessemos planear diversas possibilidades de desenvolvimento do projeto, cujas contribuições dos alunos serviram para as contemplar e enriquecer.

O desenvolvimento deste projeto assentou assim na orientação do professor, bem como a envolvimento de toda a turma nas tarefas previstas. Este envolvimento no desenrolar do projeto, para além de motivador, tornou-se promotor de diferentes aprendizagens, não só as que se relacionaram diretamente com a temática, como também as que decorreram do processo.

O planeamento deste projeto é apresentado numa tabela na página seguinte na qual pretendo evidenciar como ele foi desenvolvido juntamente com os alunos e abordou várias áreas de conteúdo. Esta tabela é baseada no modelo de Hernández (2000) pois em torno da questão central apontam-se os vários objetivos, as estratégias, os recursos, o que as crianças sabem e o que vão aprender ao longo deste projeto.

<p>Os alunos podem aprender:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Demonstrar capacidade de respeito por si e pelo outro; - Organizar os seus materiais; - Utilizar os espaços e deixá-los em condições de serem utilizados por outros; - Utilizar expressões de saudação e de agradecimento; - Aceitar as diferenças de género, físicas, sociais, raciais e étnicas; - Respeitar, reconhecer e aceitar as diferenças do outro; - Colaborar em atividades com o grupo; - Ser capaz de interagir e cooperar; - Ajudar os colegas; - Saber esperar a sua vez para falar; - Ouvir o outro; - Partilhar os materiais com o outro; - Participar democraticamente na vida do grupo; - Definir, aceitar e cumprir regras; - Ser responsável pelas decisões e materiais; - Discutir o seu ponto de vista com o colega; - Cumprir tarefas combinadas; - Ser cooperante; - Ser participativo; - Resolver conflitos com os colegas. 	<p>Estratégias a serem desenvolvidas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conversa com as crianças acerca da indisciplina; - Diálogo e reflexão crítica sobre os comportamentos desajustados e o porquê dos mesmos; - Realização de atividades de caráter lúdico; - Concretização dos objetivos estipulados pelos programas de ensino; - Elaboração de mapas de comportamento (autoavaliação); - Valorização e recompensa pelo bom comportamento; - Motivação para o melhor comportamento; - Construção de um livro do comportamento. 	<p>Como iniciar: os conhecimentos e as experiências de que se parte:</p> <p>Sugestões dadas pelas estagiárias acerca do que pode ser feito e as crianças mediante estas vão manifestar a sua opinião e as variadas possibilidades para manterem um bom comportamento.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Queremos conhecer o que as crianças sabem e o que pensam acerca da situação exposta para que a partir daí possamos planejar diversas possibilidades de desenvolvimento do projeto, cujas contribuições das crianças servirão para as contemplar e enriquecer. 	<p>Recursos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Materiais de pintura (tintas, canetas de feltro, lápis de cor, lápis de cera, aguarela); - Materiais de recorte e colagem (tesoura, cola); - Material de modelagem (plasticina); - Material têxtil (tecidos, botões); - Material reutilizável (por exemplo, caixas de ovos, areia, feijão, grão); - Variados tipos de papel (cartolina, gxa, papel cavalinho).
<p>Conexões com outras áreas do saber:</p> <p>Tema do projeto abrange várias áreas e domínios;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Língua portuguesa: exprimir por iniciativa própria em pequeno e grande grupo; relatar acontecimentos; experimentar múltiplas situações que façam surgir a necessidade de produção escrita (bilhete, convite). - Matemática: compreender várias utilizações do número; ler, explorar e interpretar informação (tabelas e gráficos); estabelecer relações entre factos e ações que envolvam noções temporais; compreender o que é uma unidade de medida e o que é medir. - Educação e expressão plástica: pintura, recorte, colagem, desenho, moldagem. - Expressão motora: jogos de equipa; atividades de cooperação com os outros e de aceitação, de ajuda/apoio ao outro. - Estudo do meio: reconhecer unidades de tempo; reconhecer alguns cuidados a ter com as plantas e com os animais; reconhecer manifestações da vida vegetal e animal. - Formação pessoal e social: desenvolver o respeito pelos outros, o espírito de cooperação e solidariedade; demonstrar autonomia, capacidade de negociação e tomada de decisão; respeitar opiniões diferentes, valores e interesses do grupo. 		<p>Tema: Aprender a respeitar</p>	<p>Apresentação final:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Elaboração de um livro do comportamento com as respetivas valorizações; - Apresentação de um filme com a evolução das crianças que posteriormente foi entregue aos pais.
<p>Atividades para toda a turma:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Explorar os tipos de textos: convite e bilhete; - Representar as dezenas e unidades no ábaco vertical; - Reconhecer os cuidados a ter com plantas e animais. 	<p>Atividades em grupo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Análise e construção de calendários; - Construção de um gráfico pictograma e de outro de barras; - Medição de objetos do quotidiano; - Germinação do feijão; - Experiência do flutua ou não flutua; - Experiência do gelo (neve). 	<p>Avaliação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Construção de uma grelha de observação em que são avaliados os seguintes parâmetros: participação, responsabilidade, organização, participação, colaboração, sentido de oportunidade e autonomia. - Conversa com as crianças acerca do filme com a evolução das mesmas, para verificar o interesse e as observações realizadas ao longo desta. 	

Fig. 1.2 – Planeamento do Projeto de Estágio (adaptado de Hernández, 2000)

A dinamização do projeto de estágio teve como objetivo proporcionar um conjunto de atividades relacionadas com a Formação Pessoal e Social e dinamizá-las de forma articulada com as outras áreas de conteúdo. Esta aprendizagem teve um carácter regular, com sessões semanais. Ainda nos foi possível criar um livro do comportamento, para que os alunos verificassem o seu comportamento e a sua evolução.

Relativamente aos valores que enquanto professoras definimos desenvolver foram os seguintes: sensibilidade, respeito, responsabilidade, atenção, partilha, igualdade e ambição.

A avaliação do projeto foi feita com recurso a grelhas de observação em que registámos a frequência e o interesse das crianças em relação às atividades e ainda uma grelha de comportamento dos alunos e o livro do comportamento destes.

A divulgação deste projeto foi realizada graças à criação de um livro de comportamento dos alunos, divulgando-o aos pais.

Em suma, gostaria de dizer que sofri uma evolução progressiva, tanto a nível de organização, gestão, como a nível de reflexão na ação e sobre a ação, fundamentais para a minha intervenção e graças à realização de reflexões semanais pude sentir mais concretamente e detalhadamente essa evolução.

A reflexão sobre a ação pode ter graus diferentes de distanciamento no tempo, sendo à distância que, muitas vezes, o professor reafirma e atribui valor positivo (aquele que o levaria a reutilizar a mesma estratégia) à sua ação, ou então refuta ou pelo menos questiona-se seguindo o caminho mais adequado (Roldão, 2005, pág. 56).

Isto deveu-se a um trabalho tanto reflexivo como um entrosamento no grupo.

Conhecer a turma e aprender com a mesma tornou a minha aprendizagem profissional mais enriquecedora e mais competente que crescerá ao longo do tempo e da experiência. Neste sentido, finalizo com esta citação: “ O professor não é apenas uma pessoa que fala, que ensina, mas uma pessoa que age toda inteira sobre a totalidade dos seres a quem se dirige.” (Gal, 1977, citado em Roldão, 2005, p.56).

3. Estágio em 1º Ciclo do Ensino Básico (4º ano de escolaridade)

3.1. Caracterização da Instituição

O meu terceiro e último estágio enquanto aluna de Mestrado em Pré-escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico foi realizado em contexto de 1º Ciclo no 4º ano de escolaridade numa escola que pertencia a um agrupamento vertical. Este estava sob a tutela da rede pública e dependia da entidade oficial do Ministério Público.

A escola foi construída de raiz em 1984. Esta situava-se numa zona urbana, essencialmente habitacional em Santarém. Era constituída por 10 salas de aula, distribuídas por 2 blocos, cada um deles organizado em dois pisos, três salas e uma zona comum. É de referir ainda que esta instituição acolhia um total de 288 crianças distribuídas por várias turmas, sendo que as crianças tinham idades compreendidas entre os 5 e os 17 anos (tendo em conta

as crianças com NEE). Por conseguinte, existiam diferentes horários de turma de forma a fazer a gestão do espaço tendo em conta o número de crianças.

Relativamente ao pessoal docente e não docente que fazem parte desta instituição, é possível verificar no seguinte quadro:

Quadro 1.3. - *Pessoal docente e não docente*

Pessoal Docente	1 Coordenadora de estabelecimento 14 Professoras titulares de turma 4 Professoras de Educação Especial 1 Professora bibliotecária
Pessoal Não Docente	11 Assistentes operacionais

3.2. Caracterização da Sala de Atividades

A sala da turma com quem estagiei era bastante ampla e acolhedora, pois as suas cores proporcionavam um clima afetuoso e de harmonia. Nesta sala encontravam-se diversos posters que auxiliavam a aprendizagem, bem como as regras de comportamento de sala de aula, de higiene, segurança entre outros. Pude também observar que a sala se encontrava bem apetrechada de material, como armários de arrumação, um computador com acesso à internet, um quadro de giz, um quadro interativo e jogos.

As mesas dos alunos estavam organizadas por filas e os alunos sentavam-se a pares.

3.3. Caracterização do grupo de crianças

A turma era constituída por dezanove alunos com idades compreendidas entre os nove e os dez anos, sendo que uma das alunas tinha o português como língua não-materna e cinco alunos apresentavam necessidades educativas especiais, nomeadamente: Síndrome de down, X-frágil e autismo, Síndrome de Asperger, défice de atenção e dislexia.

Era um grupo heterogéneo, formado por catorze crianças do sexo masculino e cinco do sexo feminino. As crianças eram, na sua maioria, residentes na zona de Santarém. Era um grupo bastante participativo, com imenso espírito crítico, cooperante e interessado em adquirir novas aprendizagens.

Uma das áreas de conteúdo pela qual a maioria dos alunos demonstrou bastante interesse foi pelo Estudo do Meio, mais propriamente a História de Portugal. Contudo, a turma manifestava também interesse pelas restantes áreas de conteúdo.

Sendo o intervalo um espaço de interação, convívio e brincadeiras, observei que os alunos eram um grupo unido, tanto no intervalo como na sala de aula. Logo na primeira semana de estágio os alunos acolheram-nos muito bem nas suas brincadeiras e partilharam

conosco algumas das suas vivências, bem como solicitaram a nossa ajuda para a realização de algumas atividades.

3.4. Prioridades do Projeto da Escola e do Projeto Curricular de Turma

Este projeto dava prioridade a todas as competências centrais e transversais que fazem parte do percurso educativo da criança, tais como, as competências de literacia (comunicação, linguagem e conhecimento e desenvolvimento fonológico, morfológico, sintático e pragmático), competências metacognitivas, que está relacionado com o raciocínio, resolução de problemas e de estratégias de aprendizagem, sentido crítico e reflexão sobre a observação e práticas, e, por último, competências sociais (cidadania, solidariedade, identidade, aceitação do outro e responsabilidade).

Neste contexto de estágio o período de observação foi relativamente curto, apenas de três dias, não permitindo o esclarecimento de algumas questões, como a rotina e as estratégias que a professora cooperante utilizava, por exemplo. Contudo, vou tentar falar sobre o que observei e relacionar com o Projeto de Escola, uma vez que o Projeto Curricular de Turma não se encontrava concluído, não sendo possível estabelecer uma relação. Neste sentido, passo a explicar as atividades que eu observei em sala de aula e que na minha opinião foram ao encontro dos objetivos referidos no Projeto de Escola.

Uma das atividades que posso destacar que desenvolveu as competências de literacia, como a linguagem e o sentido crítico foi quando a professora deu como tema o perfil psicológico e físico. Os alunos tinham de realizar o próprio perfil. Para tal, tiveram que desenvolver uma autoanálise e crítica por escrito. Também outra atividade que observei e que penso que ajudou a desenvolver as capacidades de raciocínio foi quando os alunos tiveram que resolver problemas matemáticos.

3.5. Percurso de desenvolvimento profissional

É crucial referir que enquanto estagiária em intervenção pedagógico-didática, senti necessidade em realizar uma autoanálise e refletir amiudadamente sobre este processo para que pudesse assim ser capaz de saber e de dizer o que estava a dominar melhor e o que devo melhorar. Senti que existiam variadas situações em que me sentia mais confiante, atingindo um bom nível de competência e outras em que me sentia menos e precisavam de ser melhoradas.

Relativamente à competência que considero ter um bom nível é a competência relacional. Esta competência repete-se mais uma vez como um ponto positivo da minha prática, mesmo num diferente contexto, porque penso saber relacionar-me com os outros. Tentei sempre comunicar com clareza e coesão, adaptar-me da melhor forma face ao novo

contexto, manter um senso de parceira com o meu par de estágio e encarar críticas construtivas de forma positiva e produtiva. Desta forma, refiro mais uma vez que penso ter conseguido trabalhar em equipa, garantir o respeito e cooperação.

Penso que também tive um bom nível pedagógico-didático, na medida em que centrei o meu papel de professora como facilitador e orientador da aprendizagem dos alunos. Para tal, tentei sempre articular os conhecimentos que tenho com quatro perguntas que fazia a mim própria, nomeadamente: como hei-de ensinar? A quem vou ensinar? O que vou ensinar? E porque é que vou ensinar? Esta estratégia permitia-me estar mais confiante na minha prática.

A competência curricular é fundamental quando temos de planificar. Penso que, as atividades que planifiquei foram ao encontro da maioria das dificuldades e interesses dos alunos. Digo maioria, porque em relação às crianças com síndrome de Down, X-frágil e autismo senti inicialmente no estágio que não existia um progresso significativo com elas no que diz respeito à aprendizagem, visto que faziam sempre o mesmo tipo de atividade ou acabavam por não fazer nada durante a aula. Por conseguinte, sentia dificuldades em planificar para estas crianças que vinham da sala TEACCH para a nossa sala e ficavam cerca de uma hora, hora e meia.

Contudo, este sentimento alterou-se porque com ajuda da professora supervisora e da professora cooperante, e a partir de leituras que efetuei, foi-me possível realizar outro tipo de trabalhos com estas crianças e assim sendo, senti que para além da afetividade que consegui estabelecer com estas crianças, estas conseguiram desenvolver um pouco mais a sua aprendizagem, na medida em que já realizavam contagens, diferenciavam o pequeno do grande, estabeleciam a correspondência correta, compreendiam e interagiam de forma correta, entre outros.

A dificuldade que senti inicialmente pode estar associada à falta de experiência e ao não contato com estas realidades, visto que foi a primeira vez que em contexto de estágio tive crianças com NEE.

Gostaria de dar um exemplo que mostra a competência curricular que consegui desenvolver e melhorar com o estágio. Este tem a ver com uma atividade que realizei no domínio da Matemática. Comecei por explicar aos alunos que naquele dia iriam manusear um outro instrumento matemático, a calculadora. Lembro-me que não estava planificado perguntar à turma quais seriam os outros instrumentos matemáticos que conheciam e apesar de não estar planificado, realizei na mesma esta pergunta aos alunos porque por mais que tenhamos um plano, este nunca é estanque e dificilmente conseguimos prever todas as situações. Naquele momento, lembro-me de pensar que esta pergunta faria sentido e assim o fiz. Na minha opinião, foi benéfico porque os alunos souberam responder corretamente e assim sendo foi uma mais-valia porque consegui relacionar o que eles sabiam com um conteúdo novo, fazendo com que se familiarizassem mais rapidamente. Depois ainda formulei outra questão

aos alunos, sendo esta: o que é uma calculadora e qual a utilidade desta? Claro que só depois de ouvir as concepções dos alunos e valorizá-las é que procedi para a explicação do significado e utilidade de uma calculadora, consolidando com o que os alunos tinham dito anteriormente.

Posteriormente, decidi apresentar um *PowerPoint* de forma a abordar também um pouco a história da calculadora, questionando os alunos se sabem qual foi a primeira calculadora da história. Este aspeto funciona como um elemento de cativar os alunos e ao mesmo tempo de saberem uma curiosidade sobre este tipo de instrumento matemático.

Sinto que este tipo de curiosidades ajudam a estimular o interesse do aluno pelo tema e por conseguinte, tento que em todas as planificações para além de lecionar certo conteúdo, revelar também uma curiosidade sobre esse mesmo tema, porque muitos temas de várias áreas de conteúdo repetem-se ao longo dos anos de escolaridade e se não tivermos um fator surpresa, ou seja, algo novo para contar aos nossos alunos, apenas estamos a consolidar conhecimentos e não a desempenhar um papel ativo como orientador e facilitador da aprendizagem dos alunos. Assim, e de acordo com a Organização Curricular e Programas Ensino Básico — 1ª Ciclo (2004)

Os programas propostos para o 1.º Ciclo implicam que o desenvolvimento da educação escolar, ao longo das idades abrangidas, constitua uma oportunidade para que os alunos realizem experiências de aprendizagem ativas, significativas, diversificadas, integradas e socializadoras que garantam, efetivamente, o direito ao sucesso escolar de cada aluno (p.23).

Relativamente à forma de avaliar a intervenção pedagógico-didática, penso que através deste dois instrumentos de avaliação: a observação direta e as grelhas de avaliação, consegui verificar o cumprimento dos objetivos definidos e da aprendizagem das crianças, pois por exemplo, através da grelha de participação, pude verificar quem tinha participado menos e na aula seguinte pedia a esses alunos para participarem. Outro exemplo é quando aponto na grelha de avaliação as dificuldades que os alunos manifestaram a realizar determinado exercício e depois no dia seguinte questiono de novo.

Por fim, gostaria de referir o nível científico como um aspeto fulcral, nomeadamente o domínio dos assuntos e conceitos a transmitir. Um exemplo disto foi quando os alunos colocaram dúvidas e eu respondi adequadamente, tendo estas ficado esclarecidas. No entanto, penso que preciso de melhorar e continuar a desenvolver esta capacidade, visto que nesta profissão preciso de estar em constante aprendizagem, de modo a conseguir responder às necessidades e exigências dos alunos.

4 - Percurso Investigativo

Durante os três estágios de prática supervisionada surgiram-me várias questões que senti necessidade de pesquisar e aprofundar os meus conhecimentos, invocando assim por um plano de trabalho. Este consistia em realizar leituras, efetuar pesquisas, refletir, perguntar,

confrontar, tentava fazer tudo para resolver as questões que ao longo do meu percurso emergiram. Umas tinham soluções, outras nem por isso. Percebi então que não existe resposta para tudo, pois esta não é igual para todas as situações que podemos estar a vivenciar.

A primeira questão levantada por mim teve a ver com a avaliação, mais propriamente, que instrumentos de avaliação são mais adequados perante determinada estratégia? Esta questão surgiu logo no primeiro contexto de estágio, ao realizar a planificação, sentia que utilizava sempre os mesmos instrumentos de avaliação e questioneimei-me se isso seria correto e o mais adequado para a minha ação. Para mim, a avaliação foi sempre um tema bastante interessante e complexo, tendo sido um dos aspetos mais importantes a trabalhar durante a minha prática pedagógica. Por isso, importou clarificar a importância da avaliação no pré-escolar e as etapas da mesma, visto que o meu primeiro contexto estava a ser o de jardim-de-infância.

Após alguma pesquisa acerca da avaliação pude compreender que, quando falamos de avaliação, há que considerar várias dimensões: o que avaliar, qual o contexto, quem avaliar, porque é que se avalia e como se avalia. Tendo em conta Cardona (2007), a primeira tem a ver com aspetos específicos do processo ensino/aprendizagem, podendo assim ser mais valorizado o processo ou os resultados. A segunda pode variar, sendo a sala de aula ou um nível institucional mais amplo. A terceira diz respeito ao educador ou professor e a última refere-se ao tipo de metodologia que se pode vir a utilizar. Pude compreender também, que, de uma forma geral, podemos ver a avaliação como tendo essencialmente três funções, sendo estas, de acordo com Cardona (2007), “a recolha de informação, a sua interpretação e a consequente adoção de decisões que possibilitem o aperfeiçoamento da ação educativa.” (p.10).

Como refere Hadji (1994), “avaliar pode significar, entre outras coisas: verificar, julgar, estimar, situar, representar, determinar, dar um conselho. Verificar o que foi aprendido, compreendido, retido. Verificar as aquisições no quadro de uma progressão.” (p.27). Posso concluir que é através da avaliação que conseguimos refletir e tomar decisões fundamentais sobre as nossas práticas educativas.

Relativamente aos instrumentos de avaliação, começo por citar Meirieu (1987), que distingue, em qualquer instrumento de avaliação, quatro elementos:

o suporte, a estrutura, os materiais e a situação social que nunca é neutra. O suporte pode ser a escrita, a oralidade, o desenho, a expressão corporal. O contexto em que o instrumento é aplicado influencia também o desempenho do aluno. Se alguns indivíduos gostam de trabalhar isoladamente e têm bons resultados em testes escritos, outros podem acusar bloqueios perante uma folha de papel em branco, sentindo sobre si o olhar do professor. Não quer isto dizer que se deva construir um instrumento de avaliação para cada aluno. No entanto, a diversificação é não só desejável como possível. A tentativa de avaliar com justiça levou à criação de novos tipos de instrumentos e à utilização, em educação, de outros tradicionalmente ligados a outras áreas (p.149).

Finalizado o primeiro estágio, a pesquisa e a reflexão que efetuei sobre a minha questão inicial estava esclarecida. Neste processo descobri um instrumento de avaliação que podia ser aplicado em pré-escolar e que eu desconhecia, sendo este o portfólio. Este de acordo com Grubb e Courtney (1996), estava a ganhar popularidade entre os educadores e professores e afigurava-se como uma estratégia que se inscreve no movimento de avaliação alternativa e que apresenta componentes adequadas para a avaliação de crianças pequenas, tornando possível aceder a múltiplas fontes de evidência para olhar e documentar o processo de aprendizagem da criança.

Posto isto, percebi que o portfolio é um dossier documental, onde se colocam todas as atividades realizadas pelas crianças. Este detém um papel predominante a nível da participação da criança, em que esta aprende o valor do seu próprio trabalho e desenvolve a participação na sua própria aprendizagem e também permite desenvolver competências a nível organizacional, pois a criança é que organiza o seu portfólio e a sua disposição. Durante este processo, existe um processo de auto regulação das suas aprendizagens, permitindo assim a existência de um ato de consciência por parte da criança que pode vir a encorajar a reflexão e a autoanálise, favorecendo assim processos de metacognição (Cardoso, 2006).

Também importa referir os objetivos do portfólio, sendo estes de acordo com Cardoso (2006), “apreciar e documentar o crescimento e o desenvolvimento da criança, obter informação para planear o processo de ensino e aprendizagem, comunicar com pais e professores, identificar necessidades educativas especiais e desenvolver na criança procedimentos de autoavaliação do seu próprio trabalho.” (p.15).

Em suma, é um método em que a criança é envolvida na sua própria avaliação. Este tipo de instrumento que desconhecia nunca foi aplicado em nenhum dos contextos em que estagiei. A partir daqui, mais questões começaram a surgir: Porque é que nunca tinha visto este tipo de instrumento a ser aplicado? Será interessante realizar este tipo de instrumento? Terá vantagens? Será que é utilizado apenas em pré-escolar? Posto isto, decidi que estas questões seriam ótimas para colocar e investigar no meu próximo estágio, sendo este em 1º ciclo. Assim sendo, tentei dar continuidade à problemática formulada no pré-escolar, pois tal como no jardim-de-infância, é fundamental no contexto de 1º Ciclo do Ensino Básico a avaliação, e a principal pergunta era, então sendo o portfólio um instrumento de avaliação no pré-escolar, seria vantajoso ou não utilizá-lo no contexto de 1º Ciclo também.

A partir da pesquisa e da reflexão que realizei ao longo deste processo, originaram-se outras questões. Uma delas surgiu em contexto de estágio e relacionava-se com a existência de momentos de reflexão, com os alunos, na sala de aula, acerca dos trabalhos desenvolvidos que estavam no dossier. Esta questão surgiu, porque sentia dúvidas em relação à utilidade que era feita deste recurso em sala de aula, sendo que este ao longo do estágio apenas serviu para coletar os trabalhos realizados pelos alunos e ainda colocar no meio destes nas suas mesas

quando realizavam testes de avaliação. Portanto questionava-me acerca disto porque será que não podia ter outra utilidade? Como avaliar ou conhecer melhor as dificuldades e interesses dos alunos? Compreendi que os professores não utilizavam o portfolio como instrumento de avaliação, mas utilizavam um dossier. Era pedido aos alunos que trouxessem um dossier de modo a coletar todos os trabalhos realizados ao longo do ano.

Para aprofundar este tema, decidi realizar algumas leituras, destas destaco a seguinte. A partir do texto de Santos (2006), pude perceber que a minha questão-problema fazia muito sentido. Este tema era cada vez mais tratado entre os educadores e os professores, pois cada vez mais falava-se em portfolio e utilizava-se como instrumento de avaliação. Através do estágio, percebi que o dossier dos alunos tinha apenas duas utilidades como já referi anteriormente, servia para coletar os trabalhos que os alunos tinham feito ao longo do ano e para colocar no meio destes quando faziam testes de avaliação. Por isso questionava-me: Não se poderia fazer mais do que isto em relação aos dossiers dos alunos? Porque se existia um espaço para os alunos guardarem os seus dossiers dentro da sala de aula, será que não seria importante, reservar alguns momentos semanais para trabalhar com estes os trabalhos que estão guardados nesses dossiers? Transformando-o em portfolio?

Caso os alunos tivessem oportunidade de refletir com a professora acerca dos trabalhos coletados no dossier, estes estariam assim a refletir acerca dos seus trabalhos e das suas aprendizagens. Eis um momento em que uma professora reflete com uma aluna sobre um trabalho do seu portfólio:

PORTFOLIO DA INÊS
Registo de Conversa

<p>Teresa</p> <p>Porque escolheste este trabalho?</p> <p>[trabalho 1]</p> <p>faio alguma coisa?</p> <p>Continua, por favor.</p> <p>E o nº 2?</p> <p>[trabalho 2]</p> <p>Porque é que dizes que a um tb. + indicado?</p> <p>[trabalho 3]</p>	<p>Inês</p> <p>Porque é um trabalho.</p> <p>Não.</p> <p>....</p> <p>Porque é um tb. com coisas + difíceis.</p> <p>É porque é um tb. de colagem.</p> <p>É um tb. + indicado.</p> <p>Quer dizer que é apontado e colado em cima de um livro?</p> <p>É porque é difícil. É um tb. muito difícil.</p> <p>Data: 1^a Quinta-feira 26 de Setembro</p>
--	---

Figura 1.3. – Momento entre a educadora e a Inês

Santos, L.

Este tipo de atividade providenciava ao aluno uma visão complexa e abrangente das suas realizações em contexto e ainda permitia refletir o currículo, conteúdos e estratégias utilizadas.

Para ser considerado portfólio, o processo de coleção deve implicar as crianças a selecionar as evidências e a refletir sobre elas. Através dos portfólios, as crianças podem envolver-se na sua própria história pessoal de aprendizagem.

Durante o segundo estágio, não consegui desenvolver tanto a minha problemática de investigação como pretendia inicialmente. Senti que tinha de ter um acompanhamento de um professor para continuar a desenvolver a minha questão, de modo a ajudar-me a procurar informação mais concreta e a ajudar-me a descobrir e a compreender quais os instrumentos de recolha de dados mais adequados para esta investigação. O que não aconteceu, visto que ainda não tinha orientador para a minha problemática de investigação. Também pretendia entrevistar os professores da escola onde estagiei naquele semestre. No entanto, não foi possível, visto que era o último período do ano letivo e os professores encontravam-se sempre ocupados com os processos de referenciação (fazer a referenciação dos alunos, escolher os manuais, etc.), as avaliações e as reuniões de final do ano.

Visto que era uma questão que me interessava bastante, tentei então dar continuidade à questão formulada no jardim-de-infância para o terceiro estágio.

Inicialmente, a minha questão problema era: como se pode utilizar o portfolio como instrumento de avaliação? Qual a utilidade do portfolio dos alunos em contexto de sala de aula? Contudo, depois de efetuar algumas pesquisas e leituras acerca deste tema, que irei referir mais à frente neste trabalho, e de conversar com a supervisora de estágio percebi que a questão tinha de ser melhorada. Deste modo, esta passou a ser: Qual a importância que o portfolio assume em sala de aula como instrumento de avaliação?

Parte II – Representações de educadores de infância e professores do 1.º ciclo do ensino básico acerca do uso do portfolio como instrumento de avaliação das aprendizagens das crianças

1. Questão de pesquisa e metodologia de trabalho

A temática subjacente a este estudo, que em seguida se descreve, é motivada pelo interesse em relação à utilização do portfolio enquanto instrumento de avaliação.

O presente estudo pretende identificar as metodologias e instrumentos de avaliação a que os professores e educadores recorrem para realizarem a avaliação dos alunos, mais propriamente, perceber como entendem e se utilizam o portfolio como instrumento de avaliação e como decorre esse mesmo processo. A recolha de dados e respetiva análise incidiu inicialmente sobre vinte questionários realizados a dez educadoras e a dez professoras. Mais tarde, fez sentido realizar duas entrevistas, sendo uma realizada a uma educadora e outra a uma professora, pois ambas utilizavam o portfolio como instrumento de avaliação e assim sendo dava-me oportunidade de aprofundar algumas das minhas questões.

De acordo com Sousa e Baptista (2011), “a metodologia de investigação consiste num processo de seleção da estratégia de investigação, que condiciona, por si só, a escolha das técnicas de recolha de dados, que devem ser adequadas aos objectivos que se pretendem atingir.” (p.52).

Considerou-se que a melhor forma de desenvolver o presente processo seria através de um método misto, utilizando processos de natureza quantitativa (inquérito por questionário) e qualitativa (inquérito por entrevista). A meu ver, a combinação das abordagens qualitativa e quantitativa visou um conhecimento mais alargado, melhor e mais completo neste estudo.

De acordo com Flick (2005), “um estudo pode incluir abordagens qualitativas e quantitativas em fases diferentes do processo de pesquisa, sem necessariamente apontar para a redução de uma das abordagens ao papel inferior ou definir a outra como verdadeira investigação.” (p.270). Decidi utilizar um método misto, porque numa primeira fase os questionários faziam sentido e esclareciam as minhas questões, mas numa segunda fase surgiram mais dúvidas e a necessidade de realizar entrevistas era evidente. Barton e Lazarsfeld (1955) sugerem que “se use a investigação qualitativa para elaborar hipóteses, que serão posteriormente testadas por abordagens quantitativas. (...) A pesquisa qualitativa e a quantitativa estão localizadas em partes diferentes do processo de investigação.” (Barton & Lazarsfeld, 1955, citados em Flick, 2005, p.270).

Tendo em conta Sousa e Baptista (2011), “a investigação quantitativa integra-se no paradigma positivista, apresentando como objetivo a identificação e apresentação dos dados, indicadores e tendências observáveis.” (p.53). A vantagem de uma investigação quantitativa é a “análise e integração dos resultados de um conjunto mais ou menos alargado de

investigações já realizadas sobre o tema.” Como desvantagem Sousa e Baptista (2011) apontam o facto de “o investigador não conseguir controlar as variáveis independentes.” (p.55). O questionário utilizado neste estudo visa recolher informações e para tal são colocadas variadas questões que abrangem um tema. O tipo de questionário que eu utilizei foi aberto, pois realizei questões de resposta aberta. Desta forma, permitiu-me encontrar respostas mais profundas, pois o inquirido responde com uma maior liberdade do que um questionário do tipo fechado. Contudo, importa referir que a interpretação e o resumo deste questionário torna-se mais difícil devido à variedade de respostas. Este teve como objetivo recolher dados de identificação, conhecer decisões dos profissionais quanto aos instrumentos de avaliação que utilizam, identificar a metodologia de avaliação que utilizam, identificar as conceções dos profissionais acerca do portfolio e o uso que o profissional faz do portfolio e a apreciação que faz dele. O guião desta entrevista encontra-se no anexo I.

Segundo Sousa e Baptista (2011), a investigação qualitativa “surgiu como uma alternativa ao paradigma positivista e à investigação quantitativa, os quais se mostraram ineficazes para a análise e estudo da subjetividade inerente ao comportamento e à atividade das pessoas e das organizações.” (p.56). Este tipo de investigação centra-se em compreender os problemas, observando os comportamentos, as atitudes e os valores. A principal vantagem desta investigação é a possibilidade de gerar boas hipóteses de investigação, devido ao facto de se utilizarem técnicas como: entrevista detalhadas, observações minuciosas e análise de produtos escritos. Como desvantagem Sousa e Baptista (2011), mencionam a “objectividade. Existem problemas de objectividade que podem resultar da pouca experiência, da falta de sensibilidade do investigador.” (p.57).

Apliquei a entrevista a uma professora e a uma educadora em que tiveram oportunidade de justificarem e desenvolverem a sua resposta livremente. Estas profissionais foram escolhidas a partir dos questionários que realizaram pois pude perceber que ambas utilizavam o portfolio e fazia sentido explorar melhor esse campo. A entrevista não era estruturada, tendo sido realizado um guião com um conjunto de perguntas a abordar na entrevista. Contudo, como referi anteriormente dava liberdade ao entrevistado para responder e justificar não fugindo muito do tema. Esta entrevista teve um carater de aprofundamento, sendo que apenas realizei a duas pessoas, sem limite de tempo e com ampla liberdade, sendo assim realizadas questões abertas.

De acordo com Gil (1999), pode-se definir entrevista

como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista, é, portanto uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como doente de informação (p.117).

A entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizada no âmbito das ciências sociais. Esta teve como objetivo conhecer decisões dos profissionais quanto aos instrumentos de avaliação que utilizam, identificar a metodologia de avaliação que utilizam, identificar as concepções dos profissionais acerca do portfólio, identificar o uso que o profissional faz do portfólio e a apreciação que faz dele, perceber como é iniciado este processo e continuado, compreender se os profissionais conhecem outros tipos de portfólio, perceber como reagem as crianças e os pais ao portfólio e saber se recomendariam a outros colegas a utilização do portfólio como instrumento de avaliação.

Entre o ano de 2013 e 2014 obtive a autorização para aplicar os questionários e as entrevistas às professoras e às educadoras de várias instituições educativas. Depois procedi à aplicação dos mesmos. É de salientar que realizei um primeiro questionário apenas a uma professora de forma a verificar se as perguntas tinham sido bem colocadas e entendidas pela professora e se não era necessário reformular alguma pergunta ou até dar mais espaço de linhas para responder. Depois deste *feedback* é que apliquei os questionários. Alguns destes foram entregues pessoalmente e outros por email. Relativamente à entrevista, teve lugar numa sala da dita instituição com auxílio de um gravador e durou cerca de uma hora/uma hora e meia.

1.1. Caracterização dos participantes no estudo

Participaram neste estudo vinte pessoas. Foram aplicados questionários a dez educadoras de infância de duas instituições distintas e a dez professoras do ensino básico de duas instituições distintas. Destas vinte entregas, resultaram apenas quinze retornos (de 9 educadoras de infância – E1 a E9 e de 6 professoras do 1º ciclo do ensino básico – P1 a P6).

Posteriormente considerou-se pertinente realizar duas entrevistas a duas inquiridas da amostra que utilizavam o portfólio, sendo uma realizada a uma educadora de infância e outra a uma professora do ensino básico. Relativamente à distribuição dos participantes, por ano de escolaridade, uma professora leciona o 1º e 2º ano de escolaridade, uma professora leciona o 3º e 4º ano de escolaridade, duas professoras lecionam o 3º ano de escolaridade, duas professoras lecionam o 4º ano de escolaridade e uma professora dá apoio a alunos com dificuldades de aprendizagem. Em relação às educadoras, três educadoras encontram-se na sala de 1 ano, duas educadoras encontram-se na sala de dois anos, duas educadoras encontram-se na sala de 4 anos. A professora entrevistada encontrava-se a dar aulas ao terceiro ano e a educadora entrevistada encontrava-se numa sala mista, tendo crianças dos quatro aos seis anos de idade.

1.2. Objetivos da investigação

Para poder dar resposta ao problema definido e com o intuito de encaminhar o processo de investigação, defini como principal objetivo analisar as conceções e uso do portfolio enquanto instrumento de avaliação por parte de educadoras e professoras. Depois como objetivos específicos delineei os seguintes:

- Conhecer as representações das educadoras e professoras do 1.º ciclo acerca da avaliação das aprendizagens dos alunos
- identificar as representações dos educadores e dos professores do 1º ciclo do ensino básico acerca do portfolio;
- perceber que papel desempenha o portfolio no contexto dos processos avaliativos;
- compreender a relação entre as representações do portfolio e as representações de avaliação dos educadores e dos professores do 1º ciclo do ensino básico;
- perceber que implicações as profissionais de educação pensam ter o uso do portfolio na avaliação dos alunos e na sua própria ação quotidiana;

1.3. Fundamentação teórica

A avaliação é um processo regulador das aprendizagens, que orienta o percurso escolar e certifica as diferentes aquisições realizadas pelo aluno ao longo desse mesmo percurso. De acordo com Abrantes (2002) a avaliação “tem como principal função promover ou melhorar a formação dos alunos.” (p.7). A meu ver, para concretizar um boa avaliação podemos utilizar diversos instrumentos de avaliação, entre eles destaco o portfolio.

O portfolio teve origem no campo da arte, foi primeiramente utilizado pelos artistas e fotógrafos que utilizavam este tipo de instrumento para colocarem os seus trabalhos e ao mesmo tempo mostrarem uma visão global do seu trabalho aos outros. Esta conceção foi adotada mais tarde pelos professores e de acordo com López (2004),

o conceito do portfolio é emprestado pelas práticas profissionais de campo, em especial o artista, o fotógrafo, o jornalista que apresentam um futuro empregador, um painel de juízes ou exibição pública num conjunto de produções que demonstram competências (p.46).

Pode-se definir portfolio como “uma coleção sistemática, organizada e intencional de amostras de trabalhos e evidências das aprendizagens das crianças, recolhidos ao longo do tempo e que demonstram e documentam os progressos realizados, as aprendizagens e as competências das crianças.” (McAfee & Leong, 2006, citados em Parente, 2012, p.307).

De acordo com Parente (2012),

Os portefólios são, assim, coleções intencionais de trabalhos e outras evidências das crianças que mostram os seus esforços, progressos e realizações e que providenciam uma documentação rica das diversas experiências das crianças ao longo do tempo. Os portefólios tornam possível à criança envolver-se no processo de aprendizagem e

avaliação através do procedimento de seleção, análise e apreciação dos trabalhos e evidências relevantes para aí colocar (p.307).

Conforme Bernardes e Miranda (2003),

Os portfólios são coleções sistemáticas feitas pelos alunos e pelos professores. Podem servir de base para examinar o esforço, a melhoria, os processos e o rendimento, assim como para responder às exigências habitualmente feitas por métodos mais formais da avaliação. Através da reflexão sobre as coleções sistemáticas de trabalhos de um aluno, os professores e os alunos podem trabalhar em conjunto, no sentido de compreenderem as forças do aluno, as suas necessidades e os seus progressos. (Tierny & Alii, 1941, citados em Bernardes e Miranda, 2003, p.17).

O significado de portfolio é bastante vasto, mas em todas as definições ficamos a perceber que o portfolio é uma coleção de atividades realizadas pelo aluno bem organizadas, evidenciando a sua aprendizagem. Contudo, alguns portfolios podem ser autos reflexivos e outros não. De uma forma geral, o portfolio é uma compilação organizada, estruturada e intencional de trabalhos realizados ao longo do tempo pela criança que assinalam o desenvolvimento e aprendizagem desta. Este beneficia o desenvolvimento da capacidade de auto avaliação do aluno, pois este é um instrumento de auto regulação da aprendizagem do aluno.

O portfólio pode assumir diversos tipos e ser utilizado por diversos agentes. Para Shores e Grace (2001) existem três tipos de portfolios: o particular, o de aprendizagem e o demonstrativo. O primeiro é o mais usual, onde os professores mantêm registos escritos a respeito dos seus alunos, nomeadamente a ficha de identificação do aluno e dos pais, registos de saúde, isto é, todas as informações ou documentos que o autor considere confidenciais. Estes registos não deixam de ser importantes e uma parte imprescindível da avaliação do portfólio, pois permitem verificar evidências do progresso de cada aluno ao longo do tempo. Este portfolio assegura privacidade à criança e à sua família.

Ao contrário do anterior, o portfólio de aprendizagem contém todo o trabalho do aluno, desde rascunhos a trabalhos recentes. Este é o maior portfolio e é o mais usado pelos alunos e está em constante construção.

Por fim, o terceiro tem amostras representativas de trabalho do aluno, ou seja, trabalhos que demonstraram avanços importantes ou problemas resolvidos pelo aluno. Também fazem parte deste portfolio fotografias ou gravações de relatos do aluno. Este portfolio é mostrado aos pais e conseqüentemente aos professores do ano seguinte e este é um dos benefícios deste portfolio, sendo que as crianças e os seus futuros professores têm oportunidade de ver os trabalhos realizados anteriormente.

Danielson e Abrutyn (1997) apresentam outros três tipos de portfolio. Sendo eles: o portfolio de trabalho, o portfolio de apresentação ou dos melhores trabalhos e portfolio de avaliação. O portfolio de trabalho é uma coleção de todos os trabalhos realizados

pelo aluno. Este pode abarcar várias funções, desde diagnosticar as dificuldades e interesses do aluno a reorganizar o processo do professor no ensino. A partir deste, o aluno torna-se reflexivo e organizado pois elabora o seu portfolio sozinho. Outra particularidade que importa referir deste portfolio é o facto de auxiliar os pais, ajudando-os a perceber as dificuldades dos filhos e como ultrapassar esses mesmos obstáculos. O portfolio de apresentação tem como principal função apresentar os melhores trabalhos do aluno para que eles se possam orgulhar de si próprios. Este pode ser mostrado a futuros professores, amigos e familiares. O portfolio de avaliação mostra a aprendizagem do aluno, através dos trabalhos que realizou e do *feedback* do professor. Este tipo de portfolio devido ao seu potencial pode ser considerado um instrumento de avaliação, pois qualquer que seja a área de conteúdo ou a sua utilização tem elementos para concretizar a avaliação.

Não obstante toda a diversidade de portfolio, é de salientar que qual quer que seja o tipo de portfolio utilizado, este instrumento tem vindo a ganhar uma grande notoriedade e adesão por parte de educadores e professores. Apesar de ser um assunto bastante atual e abrangente, permite-nos que seja realizada uma avaliação ao longo do tempo, genuína, cooperativa e contextualizada dos alunos. Durante este processo de construção do portfolio cria-se oportunidade de vários momentos de interação professor-aluno, que permite conhecer muito melhor a personalidade, dificuldades, anseios e interesses deste. A partir deste instrumento, centramo-nos mais no pensamento reflexivo do aluno, dando-lhe assim oportunidade para estimular e ativar esse mesmo pensamento, porque ao refletir sobre os seus trabalhos o aluno compreende o que fez, como fez, o que aprendeu, como evoluiu e como ultrapassou determinado obstáculo. Para além disso, ajuda o aluno a estruturar o seu pensamento e os seus trabalhos, contribuindo não só para uma componente organizativa como também na sua aprendizagem, pois a partir do portfolio o aluno consegue aprender a aprender, pois motiva-o a interessar-se mais pelas aulas e até a alterar o seu próprio estudo caso esteja a fazer de modo errado, permitindo ao professor agir no momento certo, sendo um ato mais rápido e eficaz.

Outro aspeto que importa clarificar tem a ver com a competência organizacional, responsabilidade e autonomia que o aluno adota com o implemento do portfolio em sala de aula. Graças a este, o aluno aprende a ser responsável com o seu portfolio e os seus trabalhos, organizando-os da melhor forma que sabe.

Segundo Piaget (1994), “toda e qualquer aprendizagem põe em jogo um mecanismo de regulação de duplo efeito: por um lado (mecanismo de *feedback*), o sujeito situa-se em relação à meta pretendida; por outro (mecanismo de orientação), haverá ajustamento ou reorientação da acção.” (Piaget, 1974, citado em Hadji, 1994, p.61).

Para os defensores de uma educação com base numa perspetiva construtivista e sociocultural, a criança tem de participar ativamente no processo de aprendizagem e,

consequentemente no direito de participar no processo de avaliação da aprendizagem. (Cardona, 2012, p.305). Graças ao portfolio isso é possível. Este torna-se um instrumento privilegiado de regulação das atividades de aprendizagem dos alunos. Isto acontece quando o aluno toma consciência das suas aprendizagens e dos seus erros e ainda de como ultrapassar determinados obstáculos.

A avaliação baseada no portfolio pode e deve concentrar a atenção de todos, desde crianças, professores a familiares nas tarefas mais importantes do aluno. De acordo com Shores e Grace (2001), “o processo pode estimular o questionamento, a discussão, a suposição, a proposição, a análise e a reflexão.” (p.15). Este processo faz com que o ensino seja ainda mais centrado na criança, na medida em que a encoraja a refletir sobre o seu trabalho, pois realiza reflexões, bem como estabelece objetivos, desafios e estratégias.

O portfolio pode fazer parte de uma avaliação formativa. Esta última, de acordo com Hadji (1994),

tem uma finalidade pedagógica, o que distingue da avaliação administrativa, cuja finalidade é probatória ou certificativa. A sua característica essencial é a de ser integrada na ação de “formação”, de ser incorporada no próprio acto de ensino. Tem por objectivo contribuir para melhorar a aprendizagem em curso, informando o professor sobre as condições em que está a decorrer essa aprendizagem, e instruindo o aprendente sobre o seu próprio percurso, os seus êxitos e as suas dificuldades. Esta função geral de ajuda da aprendizagem recobre um certo número de funções anexas:

- segurança: consolidar a confiança do aprendente em si próprio;
- assistência: marcar as etapas, dar pontos de apoio para progredir;
- feedback: dar, o mais rapidamente possível, uma informação útil sobre as etapas vencidas e as dificuldades encontradas;
- diálogo: alimentar um verdadeiro diálogo entre professor/aprendente que esteja fundamentado em dados precisos (pp. 63-64).

A meu ver, este método de avaliação tem como um bom alicerce o portfolio, pois tudo o que está referido acima ele exerce. Diferentemente de outros tipos de avaliação, este é construído pelo próprio aluno e permite com o aluno possa ajustar as suas estratégias. Desde reflexão a criatividade, o portfolio serve para vincular a avaliação ao trabalho realizado.

Collins (1998) menciona que o portfolio ajuda as crianças a moverem-se do “eu não sei fazer/eu não sou capaz” para “eu sei fazer/eu sou capaz” (p.41). Algumas das formas de incentivar a reflexão é solicitar que o aluno justifique porque escolheu uma atividade, escrever em que melhorou, no que ainda precisa melhorar, no que apresentava dificuldade mas que já melhorou, entre outros. Contudo, é preciso cuidado para que estas atividades não sejam fastidiosas.

Segundo Shores e Grace (2001), os portfolios manifestam “uma avaliação mais rica, mais profunda e significativa do que testes tradicionais e do que exercícios dos livros didáticos.” (p.33). Como sabemos, os alunos quando estudam para um teste, preparam-se para tal e depois despejam esse conhecimento no dia do teste e muitas vezes o que acontece é que

se esquecem do que estudaram. Através do portfolio garantimos uma aprendizagem contínua, de mudança e de constante evolução.

O portfólio pode ser utilizado como estratégia de aprendizagem e de avaliação desde o jardim-de-infância, passando pelo 1º ciclo do ensino básico e pelo 2º ciclo, até ao ensino superior. Para alguns, a utilização do portfolio é uma avaliação alternativa.

Segundo Parente (2012),

a utilização do portfolio para documentar e avaliar as aprendizagens das crianças é uma resposta educacional ao desafio de aperfeiçoamento de procedimentos educação avaliação alternativa que, tenham em conta a atividade, a competência e o direito de participação da criança e que apresentem características adequadas para a avaliação de crianças mais pequenas (Grubb & Courtney, 1996, citado em Parente, 2012, p. 307).

O portfolio pode ser utilizado para uma unidade ou para o ano todo. Pode ser sobre um ou vários assuntos. Ele pode servir para o professor se certificar de que os objetivos de uma unidade tenham sido atingidos, mas também permite, ao aluno, obter evidências de sua aprendizagem significativa.

O portfólio pode vir a ter um papel fundamental no papel do professor, pois imagine-se que a turma muda de professor. Se o antigo professor tiver feito um portfólio com os alunos, o professor novo que chega e tem às suas mãos um portfolio vai ajudá-lo a conhecer melhor os seus alunos e que metodologias deverá utilizar. O portfolio pode auxilia-lo a atingir esse objetivo, nomeadamente conhecer melhor os alunos, interesses, dificuldades, que trabalho já foi realizado ou não.

De acordo com Shores e Grace (2001), o portfolio “é definido como uma coleção de itens que revela, conforme o tempo passa, os diferentes aspetos do crescimento e do desenvolvimento de cada criança.” (p. 43). Para além desta vantagem em que se tem oportunidade de verificar a evolução dos alunos, o portfolio também nos permite estabelecer uma relação com os pais, criando oportunidades de desenvolvimento de conversas entre as famílias sobre as aprendizagens das crianças, permitindo assim fazer ligações entre as aprendizagens escolares e as de casa (Parente, 2012, p. 306).

Parente (2012) considera que o portfolio possa ser entendido como uma estratégia de aprendizagem e de avaliação, inscreve-se numa perspetiva construtivista da aprendizagem e da avaliação, reflete e integra práticas pedagógicas e procedimentos congruentes com esta perspetiva, proporcionando espaço e oportunidade para a criança selecionar, refletir e expressar de forma autónoma as suas competências, emoções e preferências. De facto, o portefólio apresenta-se como uma estratégia de avaliação capaz de reunir e organizar informação diversa que torna possível apreciar o percurso de aprendizagem e de desenvolvimento das crianças através da realização de registos de observação, da seleção de amostras de trabalhos e evidências que documentam os progressos ao nível das aprendizagens e das realizações, e reflexões sobre as mesmas, tornando possível obter uma

descrição rica e compreensiva das aprendizagens da criança mas também do seu desenvolvimento (Mac Donald, 1997, citado em Parente, 2012, p. 307).

Depois de fazer a revisão literária sobre este assunto, pude perceber que a minha questão-problema para além de fazer sentido é um assunto bastante atual e permitiu-me verificar que as minhas ideias iniciais estavam corretas relativamente à distinção entre portfolio e dossier. Exemplo disso é que enquanto no portfolio podemos verificar comentários dos professores, dos alunos e/ou dos encarregados de educação, o dossier normalmente não apresenta estes comentários pessoais, ou seja o *feedback*. Também foi essencial para mim compreender a distinção entre portfolio do aluno e uma compilação de trabalhos realizados. Bernardes e Miranda (2003) referem que

(...) o portefólio repousa em normas de organização específicas e testemunha a reflexão do aluno e a sua participação no modo de efetivar a sua aprendizagem. O portefólio mostra, claramente, aquilo que o aluno aprendeu e como se processou essa aprendizagem (p.18).

Pude ainda perceber que a organização do portfolio é feita pelo aluno e os elementos selecionados para constarem neste devem ser sempre escolhidos, tendo em conta os objetivos da aprendizagem e os critérios definidos e negociados com os alunos. Os trabalhos selecionados devem ser todos os que são considerados importantes no percurso de aprendizagem do aluno e não necessariamente os melhores.

O portfolio também deve ser um instrumento em que “o aluno dá conta das reflexões que faz, dos esforços que desenvolve, define, para si próprio, objetivos, determina as estratégias a seguir, lança a si mesmo desafios.” (Bernardes & Miranda, 2003, p. 18). Este deve estar sempre na sua posse, sendo que o professor pode consultá-lo em momentos autorizados pelo aluno.

Deste modo, podemos perceber que o portfolio é mais do que uma compilação de trabalhos realizados pelos alunos. Ao contrário deste, o portfolio dá grande importância à parte reflexiva.

No decorrer do estágio, pensei em adotar como instrumento de avaliação a realização de um portfolio com cada aluno pois face à minha questão problema, a meu ver, fazia sentido implementá-lo. No entanto, percebi que a utilização do portfolio como estratégia de avaliação despenderia muito tempo. Tempo esse que era limitado neste meu percurso e por esta razão não conseguiria dar a devida atenção a este processo de montagem, uma vez que para tal precisaria de seguir vários passos. Outra das razões para não ter concretizado este tipo de instrumento de avaliação, foi devido à falta de conhecimento para me ancorar neste processo.

Após algumas leituras, nomeadamente Shores e Grace (2001), acerca da utilização do portfolio em contexto de sala de aula, tive a oportunidade de compreender como poderia iniciar este processo e incorporar na avaliação dos meus alunos, perceber como este podia ser constituído, bem como a importância do encorajamento do ensino centrado na criança.

Shores e Grace (2001) apresentam dez passos, sendo estes:

- 1- Estabelecer uma política para o portfólio (é um conjunto de regras básicas para a coleta de itens a serem guardados);
- 2- Coletar amostras de trabalhos;
- 3- Tirar fotografias;
- 4- Conduzir consultas nos diários de aprendizagem (realizar encontros regularmente com os alunos e conversar sobre as atividades desenvolvidas);
- 5- Conduzir entrevistas (é uma extensão do passo anterior, visto que nesta temos como objetivo primordial realizar entrevistas mais longas para poder aprofundar o conhecimento);
- 6- Realizar registos sistemáticos (são anotações do professor relativas às ações dos alunos);
- 7- Realizar registos de casos (selecionar um evento que seja importante para o desenvolvimento do aluno e escrever narrativas sobre o mesmo);
- 8- Preparar relatórios narrativos (pegar nas informações que o professor recolheu, por exemplo fotografias e realizar um relatório narrativo);
- 9- Conduzir reuniões de análise de portfólios em três vias (reunir com o professor e com os pais onde os alunos devem refletir sobre o trabalho desenvolvido e realizar comentários);
- 10- Usar portfólios em situações de transição (quando os alunos transitam para outro ano de escolaridade podem levar os seus portfólios pois graças a estes pode ajudar os professores a tomar decisões iniciais).

Do meu ponto de vista, estes passos contribuem para uma instrução individualizada do aluno, um desenvolvimento profissional contínuo para professores e um envolvimento da família neste processo.

Já o segundo ponto ajudou-me a perceber que o portfolio funciona também como um processo reflexivo acerca de acontecimentos fora de aula, enriquecendo assim as atividades realizadas em contexto de sala de aula, pois pode combinar com o relato de experiências vividas. Desta forma, podemos articular a escola e a vida pessoal do aluno, tornando a aprendizagem muito mais significativa.

Apesar de não ter realizado o portfolio, realizei outro tipo de trabalho com os meus alunos de forma a tentar chegar aos mesmos objetivos desenvolvidos com este tipo de instrumento de avaliação. Este trabalho consistia em realizar comentários aos trabalhos de casa dos alunos, valorizando assim o seu trabalho (Ver imagens abaixo).

Depois da análise dos dados pude constatar que todos os inquiridos eram pessoas do sexo feminino, com idades compreendidas entre os vinte cinco e os cinquenta e cinco anos de idade. Sendo que a faixa etária predominante era entre os trinta e três e os trinta e quatro anos.

Pode-se verificar no seguinte quadro que a maioria das inquiridas tem entre os trinta e os trinta e nove anos de idade.

Quadro 1.1. – *Dados de Identificação*

	Dados de identificação						
	25-29 anos	30-34 anos	35-39 anos	40-44 anos	45-49 anos	50-54 anos	>55 anos
Inquiridas	E1	P1; P2; P3; P4; E2; E3	P5; E4; E5	E6	E7	P6; E9	E8

Os dados relativos aos anos de docência que as educadoras e as professoras deste estudo têm, encontram-se sumariados no seguinte quadro 2:

Quadro 1.2. – *Anos de docência*

	Anos de docência					
	5-9 anos	10-14 anos	15-19 anos	20-24 anos	25-29 anos	30-34 anos
Inquiridas	E1; E3	P1; P2; P3; P4; E2; E4; E5	P5; E8	E6; E7	-	P6; E9

A maioria das professoras e educadoras têm entre dez a catorze anos de docência. Sendo que a que tem menos anos de docência é a E1 e a E2 com 7 anos e a que tem maior número de anos de docência é a E9 com 34 anos.

Nos quadros 3 e 4 pode-se verificar a que nível de escolaridade as professoras encontravam-se a dar aulas e que grupo de crianças as educadoras estavam responsáveis.

Quadro 1.3. – *Ano de escolaridade*

	Ano de escolaridade					
	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	1º e 2º ano	Apoio a alunos com dificuldades de aprendizagem
Inquiridas	-	-	P1; P2	P3; P4	P5	P6

Quadro 1.4. – Grupo de crianças

Grupo de crianças					
	Sala de 1 ano	Sala de 2 anos	Sala de 3 anos	Sala de 4 anos	Sala Mista (Dos 3 aos 6anos)
Inquiridas	E1; E2; E6	E3; E4	E5	E7; E8	E9

As categorias tiveram por base as técnicas e instrumentos de avaliação definidos por Leite (2000). No seguinte quadro é possível verificar as decisões dos profissionais quanto aos instrumentos de avaliação que utilizavam. Sendo que, os mais utilizados pela maioria das professoras para avaliar os seus alunos são os testes o e as grelhas de observação direta. O mesmo é observável com as educadoras, apontando como instrumento mais utilizado as grelhas de observação direta e grelhas de avaliação.

Quadro 1.5. - Instrumentos de avaliação usados pelos educadores e professores

Instrumentos de avaliação usados pelos educadores e professores		
Categorias	Subcategorias	Inquiridas
Inquérito	Testes	P1; P2; P3; P4; P5; P6
	Questionários orais e escritos	P6
	Fichas de trabalhos	E8; P1; P2
Observação	Grelhas de Observação direta	P3; P4; P5; P6; E2; E3; E4; E5; E6; E7
	Grelhas de avaliação	E1; E2; E4; E5; E6; E9; P2
	Registos escritos	E2; E3
	Registos fotográficos	E1
Análise de documentos	Dossier	P3; P5
	Portfolio	P2; E9
	Trabalhos realizados pelos alunos	P1; P2; P6
	Caderno Diário	P3; P5

A partir do seguinte quadro é possível identificar quais são os instrumentos que as professoras utilizam mais frequentemente.

Quadro 1.6. - *Instrumentos de avaliação mais usados pelos educadores e professores*

Instrumentos de avaliação mais usados pelos educadores e professores		
Categorias	Subcategorias	Inquiridas
Inquérito	Testes	P1; P4; P6
	Questionários orais e escritos	P6
	Fichas de trabalhos	P1; P2; P5
Observação	Grelhas de Observação direta	P3; P4; P5; P6; E2; E3; E4; E5; E7
	Grelhas de avaliação	E6
	Registos escritos	E2; E3
	Registos fotográficos	E1
Análise de documentos	Dossier	P3; P5
	Portfolio	E9
	Trabalhos realizados pelos alunos	P1; P2; P6
	Caderno Diário	P5

Como podemos verificar no quadro, o instrumento que as professoras utilizam com mais frequência são as grelhas de observação direta, sendo que a maioria não apontou a razão para a escolha do instrumento de avaliação que utiliza mais frequentemente. É de salientar que a professora P6 refere que os instrumentos que mencionou no quadro 5 utiliza-os todos frequentemente, variando o nível de escolaridade do aluno ou o seu grau de dificuldade. Esta professora é a que dá apoio a alunos com dificuldades de aprendizagem. A professora P1 escolheu como instrumentos que usa mais frequentemente as fichas de trabalho e de avaliação, apontando como principal razão o facto de “ficarem registados” (P1). A professora P3 apenas refere um instrumento de avaliação, sendo este as grelhas de observação, porque “cada grelha está direccionada para os critérios gerais de avaliação” (P3). Já a professora P2 refere que os instrumentos que utiliza mais frequentemente evidenciam um indicador pormenorizado da avaliação discente

Apenas uma educadora de infância utiliza o portfolio diariamente. Esta afirma que “sem o portfolio não conseguiria trabalhar. Não era possível. Porque o que regula o que acontece na sala é o portfolio.” (E9).

Relativamente ao instrumento de avaliação que as professoras e as educadoras consideram mais importantes, pode-se observar no quadro seguinte:

Quadro 1.7. - *Instrumento como tendo maior peso ou importância*

Instrumento como tendo maior peso ou importância		
Categorias	Subcategorias	Inquiridas
Inquérito	Testes	P1; P2; P3; P4
Observação	Grelhas de Observação direta	E6
	Grelhas de avaliação	E1; E2
	Registos fotográficos	E1
Análise de documentos	Portfolio	P2; E9

É de salientar que a maioria das educadoras refere que todos os instrumentos são importantes e se complementam entre si, mas não apontam qualquer um como exemplo. Justificam dizendo “que são crianças pequenas a avaliação só é possível utilizando vários instrumentos de avaliação”. (E4, E5, E6, E7, E8). Por isso, apenas as educadoras E1, E2 e E3 responderam a esta questão com exemplos.

A professora P1 aponta como instrumento mais importante as fichas de avaliação porque refere ela que “é das formas mais reais de avaliar o que os alunos sabem” (P1). Enquanto que a professora P2 diz que o instrumento mais importante são as fichas de avaliação formativa e sumativa. Contudo, afirma que “todos revelam importância equivalente, embora se atribui um peso superior às fichas de avaliação sumativa e formativa” (P2), não tendo referido a razão desta sua escolha. Já a professora P3 menciona que “não devia haver” (P3) um instrumento mais importante, mas que “neste momento dá-se grande importância aos testes trimestrais. A professora P4 afirma diretamente que existe um instrumento mais importante, sendo este as fichas sumativas, justificando que estas têm maior peso na avaliação dos alunos, contam mais em percentagem” (P4). É de referir ainda que a professora P5 não respondeu a esta questão. A professora P6 refere que a “avaliação contínua é bastante importante para a formação e desenvolvimento do aluno” (P6). Contudo, refere como tendo maior peso a avaliação trimestral, justificando que “embora todos os instrumentos de avaliação sejam importantes, devendo ser tomados sempre em conta pelo professor do aluno. No caso de alunos que tenham o Professor Titular de turma e sejam apoiados pelo Prof. de Apoio ou do Ensino especial, deverá ser tido em conta o relatório elaborado pelo mesmo e/ou haver uma troca de opiniões acerca de determinado aluno, de modo a não haver lugar a injustiças avaliativas que terão consequências nefastas no percurso escolar do aluno” (P6). Esta ainda

acrescenta que “a questão da avaliação não tem só a ver com os instrumentos avaliativos, vai mais além tem a ver com as estratégias pedagógicas utilizadas em sala de aula”.

Relativamente ao planeamento da avaliação, é de referir que nenhuma professora planeia a sua avaliação sozinha. A maioria das professoras respondeu que a avaliação era feita em conjunto e sozinha. A professora P1 justifica que “as planificações anuais/mensais são elaboradas por todos os elementos do grupo de ano, as diárias/semanais faço individualmente” (P1). Já a professora P2 afirma que faz “com outros colegas, os que pertencem à equipa pedagógica do mesmo ano de escolaridade” (P2). Enquanto que a professora P3 diz que faz “por vezes sozinha e também em subdepartamento” (P3) do mesmo ano letivo. A professora P4 refere que realiza sozinha as fichas formativas e em conjunto as fichas sumativas. A professora P5 menciona que o planeamento é feito em conjunto. A professora P6 afirma que a “avaliação trimestral é preparada em conjunto com o Conselho de ano, o caso do Conselho de ano do 1º ano, do 2º ano...” (P6). Refere ainda que as “avaliações são realizadas de acordo com as planificações realizadas no início de cada ano letivo” (P6).

Em relação às educadoras, a maioria planeia a avaliação sozinha. Esta realidade é observada no seguinte quadro:

Quadro 1.8. – *Planeamento da avaliação*

Planeamento da avaliação			
	Sozinha	Em grupo	Sozinha e em grupo
Inquiridas	E1; E4; E5; E6; E7; E8; E9	P2; P5; E2; E3	P1; P3; P4; P6

Em relação à liberdade que as professoras têm em definir parâmetros e as formas de avaliação na instituição onde trabalham, todas responderam que não tem total liberdade e que seguem algumas diretrizes dadas pelo agrupamento. Exemplo disso é o que a professora P1 diz “algumas diretrizes são dadas pelo agrupamento de 1º ciclo”. Já as professoras P2, P3, P5 e P6 dizem claramente que não têm liberdade em definir os parâmetros ou formas de avaliação. Enquanto que a professora P4 refere que nas sumativas “tudo é realizado em grupo” (P4) e as formativas encara como sendo “mais pessoal” (P4). Isto é retratado no seguinte quadro:

Quadro 1.9. - *Liberdade na definição dos parâmetros e formas de avaliação*

Liberdade na definição dos parâmetros e formas de avaliação		
	Sim	Não
Inquiridas	E1; E2; E3; E4; E5; E6; E7; E8; E9	P1; P2; P3; P4; P5; P6

A partir da análise do quadro acima pode-se verificar que as professoras não tem total liberdade em definir os parâmetros e as formas de avaliação dos alunos. Já com a educadoras acontece exatamente o contrário, tendo total liberdade na avaliação das crianças.

Quadro 1.10. – Representações acerca do portfólio

Representações acerca do portfólio	
Categoria	Inquiridas
Instrumento de avaliação	P1; P2; P3; P4; P5; P6; E1; E2; E3; E4; E5; E6; E7; E8; E9
Instrumento de estudo	P1; P2
Compilação de todos os trabalhos produzidos pelos alunos	P6; E1; E2; E3; E4; E5; E6; E7; E8
Carater reflexivo	P5; E9
Carater organizativo	P2; P4; E5; E9
Melhoria das práticas de ensino	E7; E8; E9
Evolução da criança	E9; E1; E2; E4; P6
Seleção dos trabalhos mais significativos	P3; E9

A partir do quadro acima pode-se compreender que todas as professoras e educadoras acham que um portfólio pode ser entendido como um instrumento de avaliação, apesar de constatarmos que a maioria não o utiliza. As razões que as professoras justificam que o portfólio é um instrumento de avaliação são variadas, pelo que a professora P1 afirma que é “uma forma de registo e de avaliação” (P1). Já a professora P2 diz que depende do tipo de portfólio. Esta constrói um individualmente “com material informativo para apoio ao estudo dos alunos e que facilita o acompanhamento dos encarregados de educação” (P2). Enquanto que a professora P3 afirma que o portfólio “é onde constam todos os trabalhos essenciais para uma melhor avaliação” (P3). A professora P4 diz que o portfólio é uma “forma de organização” (P4). A professora P5 justifica que é pelo “seu aspeto dinâmico e reflexivo” (P5). A professora P6 refere que o portfólio pode ser considerado um instrumento de avaliação e deve ser um instrumento de avaliação. Contudo, afirma que “o seu peso não seja igual a uma ficha de avaliação” (P6).

Já as educadoras referem que o portfólio é um instrumento de avaliação porque é onde constam “os registos diários, as planificações, as estratégias, as atividades e os objetivos”. Também é um elemento comparativo, visto que permite diz a educadora E5 “comparar competências numa sequência temporal” (E5).

Podemos concluir que todas as professoras acham que existem diferenças entre o dossier e o portfólio. Contudo, a professora P6 mantém que o portefólio é a compilação de todas as produções do aluno.

Em relação à função do portfólio, as respostas das professoras e educadoras foram divergentes, mas desde um instrumento de estudo, a um instrumento de avaliação foram respostas apontadas. Outra característica do portfólio que as professoras referiram mais do

que uma vez é o facto de ser bastante organizado e ter um papel importante na avaliação do aluno. Já as educadoras mencionaram que a principal função do portfolio é ver a evolução da criança, bem como verificar falhas e melhorar. A educadora E7 revela que o portfolio só é significativo para ela e não para as crianças, sendo apenas ela a refletir acerca dele.

Em relação a quem pondera vir utilizar, apenas as educadoras referiram que poderiam utilizar este instrumento.

Quadro 1.11. – *Utilização do portfolio*

Utilização do portfolio				
	Nunca utilizou	Já utilizou	Utiliza	Pondera utilizar
Inquiridas	P3; P4; P5; E1; E5; E6; E7	P1; P2; P6; E2; E3; E4; E8; E9	P1; P2; E9	E1; E5; E6

Através do quadro acima, podemos depreender que apenas duas professoras e uma educadora utilizam o portfolio. Contudo, as professoras utilizam o portfolio como instrumento de estudo e não como instrumento de avaliação. A educadora E9 utiliza o portfolio como instrumento de avaliação porque diz ela “este não regula apenas a minha prática mas envolve os meninos e regula a própria aprendizagem. O portfolio constitui-se como aprendizagem.” (E9). A educadora ainda dá um exemplo muito gratificante:

“vou dar-lhe um exemplo: eu tenho uma menina na sala que não falava comigo. Portanto falava muito bem com os colegas e comigo e com os meninos em grande grupo ela não falava. Porque não gostava, porque ficava inibida. Até ao momento do portfolio. Portanto no dia em que fez portfolio pela primeira vez sentou-se foi buscar a caixa dos seus trabalhos e falou, falou, falou, falou. E partir desse dia ela começou a falar comigo de uma maneira completamente diferente. Começou a interagir comigo como interage com os colegas, de forma natural e normal. Portanto digamos que o portfolio é um todo de aprendizagem e de envolvimento e por isso é que é muito importante para mim. Porque muda as coisas na sala, muda inclusivamente a minha prática. Porque é assim quando temos que fazer portfolio temos que levar os meninos a um nível de autonomia muito grande e portanto isso facilita a criação de instrumentos e de metodologias. Para eu poder fazer portfolio com uma criança, os outros têm que estar organizados. Têm que estar a aprender como se eu lá estivesse. Não só a utilização do portfolio exige um grau de autonomia muito grande das crianças, como os obriga a processos de tutoria, porque como eu não posso, porque quando estou com um menino a falar acerca do portfolio esse momento é meu e desse menino e ninguém pode interromper. E isto cria situações de tutoria e de entre ajuda muito grandes” (E9).

A forma como as professoras P1 e P2 utilizam o portfolio é a mesma, sendo esta de estudo essencialmente. As educadoras E2 e E3 utilizam o portfolio como sendo um dossier em que organizam os seus documentos e não a compilação dos trabalhos realizados pelas crianças. Mais uma vez é notório que a conceção que as professoras têm do portfolio é a conceção de dossier. Apenas a educadora E9 utiliza o portfolio como instrumento de avaliação, justificando que “permite à crianças ter acesso à sua própria aprendizagem. Portanto é um

instrumento que dá *feedback*, pois a avaliação como eu entendo e as outras pessoas como processo de controlo, de auto regulação da aprendizagem. Acontece naquele momento” (E9).

As razões de escolha por trás do portfolio estão implícitas no seguinte quadro.

Quadro 1.12. - *Razões para o uso do portfolio*

Razões para o uso do portfolio	
Categorias	Inquiridas
Carater reflexivo	P2; E9
Carater organizativo	P2; E9
Compilação de trabalhos	P2; E9; E4
Instrumento de estudo	P1; P2
Autonomia	P2; E9
Projeto de turma	E1; E2; E3; E5

As professoras não apontam nenhuma desvantagem para a utilização do portfolio e a participante P2 ainda acrescenta na sua resposta o seguinte: “Sempre primei por conduzir os alunos à responsabilidade de obterem um trabalho organizado, de forma a facilitar-lhes o seu estudo e trabalho diários, assim como a melhoria da qualidade de ensino/acompanhamento de quem os auxilia em casa” (P2). Em relação às professoras, é notório que quem utilizou o portfolio só viu vantagens nesta aplicação, como se pode confirmar no quadro abaixo, não referindo nenhum aspeto como desvantajoso. Relativamente às educadoras estas já apontam vantagens e desvantagens neste processo.

Quadro 1.13. – *Vantagens e desvantagens do portfolio*

Vantagens e desvantagens do portfolio		
		Inquiridas
Vantagens	Carater reflexivo	P2; E5; E9
	Carater organizativo	P2; E1; E2; E3; E6; E9
Vantagens	Compilação de trabalhos	P2
	Envolvimento da criança na sua própria aprendizagem	E4
	Instrumento de estudo	P2
	Auto-regulação	P2; E9
	Autonomia	P2; E9

Desvantagens	Gestão de tempo	E4; E5
---------------------	------------------------	--------

O conceito de portfolio que pude verificar na maioria das respostas dos inquiridos parece fugir ao encontro dos alicerces principais que encontrei na revisão de literatura, pois acham que é apenas uma compilação de trabalhos, como Parente (2012) destaca,

Os portefólios são, assim, coleções intencionais de trabalhos e outras evidências das crianças que mostram os seus esforços, progressos e realizações e que providenciam uma documentação rica das diversas experiências das crianças ao longo do tempo. Os portefólios tornam possível à criança envolver-se no processo de aprendizagem e avaliação através do procedimento de seleção, análise e apreciação dos trabalhos e evidências relevantes para aí colocar (p.307).

De acordo com esta ideia está a educadora E9 que para além de concordar com o que cima está descrito ainda o realiza com as suas crianças.

Pude concluir que a professora P2 e a educadora E9 são as que mais se aproximam de uma educação com base numa perspectiva construtivista e sociocultural onde a criança tem de participar ativamente no processo de aprendizagem e, conseqüentemente no direito de participar no processo de avaliação da aprendizagem. (Cardona, 2012, p.305). Uma demonstração disto mesmo é o facto de estas utilizarem o portfolio. As outras inquiridas limitavam-se a utilizar grelhas de observação direta, grelhas de avaliação e testes onde a avaliação não é feita em conjunto com os alunos e não existe um *feedback*. Diferentemente do portfolio que este é construído pelo próprio aluno e permite a este que possa participar na avaliação, tendo oportunidade de realizar uma auto-regulação da sua própria aprendizagem.

A avaliação baseada de acordo com Shores e Grace (2001), “pode estimular o questionamento, a discussão, a suposição, a proposição, a análise e a reflexão” (p.15). Estas características foram encontradas nas respostas das inquiridas, onde algumas referem que o portfolio prima pela reflexão.

Relativamente às vantagens vão ao encontro da revisão de literatura do que é defendido por Shores e Grace (2001), em portfolio “é definido como uma coleção de itens que revela, conforme o tempo passa, os diferentes aspetos do crescimento e do desenvolvimento de cada criança” (p.43). Portanto quando as inquiridas E9; E1; E2; E4; P6 referem que é possível verificar a evolução da criança estão a concordar com o que foi citado atrás.

Outro ponto importante refere-se à falta de tempo. Uma das desvantagens sentidas pelas inquiridas é a gestão do tempo e por isso a razão de não utilizarem o portfolio.

1.5. Análise das entrevistas

Em relação á questão “Quais são os instrumentos de avaliação que utiliza com os seus alunos/ com as suas crianças?” tanto a professora como a educadora apontaram que utilizavam o portfolio como instrumento de avaliação. As profissionais foram unânimes nesta resposta. Para além de terem referido outros instrumentos de avaliação, apontaram o portfolio também como instrumento de avaliação. O que é muito positivo, mas a função que as profissionais fazem do uso deste portfolio é divergente. Enquanto a professora utiliza vários portfolios, a educadora apenas utiliza um. Nesta questão, a professora explica ainda os três tipos de portfolios diferentes que utiliza, sendo eles

“o particular onde se encontram todos os registos escritos respeitantes aos alunos, como por exemplo: relatórios médicos e todos de avaliação psicológica, ou seja, são todos aqueles documentos próprios e individuais de cada docente que vão sendo recolhidos ao longo do percurso de formação académica. Depois tenho o portfolio das aprendizagens que é a coleção de todos os trabalhos realizados pelos alunos. que depois são analisados e é tomado conhecimento no final de cada período pelo seu encarregado de educação em que a professora também se baseia neles primeiro para dar a sua avaliação de final de período e depois também para os pais terem uma noção de que não há discrepância entre a avaliação que é dada com o trabalho que é apresentado. E por fim, ahhh o tipo de portfolio informativo, porque considero que é muito importante a formação invertida, ou seja, não ser só os pais a ensinarem os alunos mas também os alunos de uma forma aaaah nem sei como descrever pronto”. Já a educadora utiliza somente o portfolio de avaliação, em que diz ela que é “o principal instrumento regulador da atividade das crianças” (P2).

Uma das características que a professora e a educadora apontam sobre o portfolio. É a sua autonomia envolvente. A professora refere que os alunos ficam “satisfeitos porque é mais um instrumento que têm para poderem consultar caso tenham dúvidas. O que é que eu sinto essencialmente é que lhes produz muita autonomia, muita liberdade para poderem realizar as coisas sozinhos sem impedir o auxílio dos pais. Tendo estes materiais eles não precisam de pedir aos pais” (P2). Já a educadora menciona que ao realizar o portfolio “temos que levar os meninos a um nível de autonomia muito grande e portanto isso facilita a criação de instrumentos e de metodologias. Para eu poder fazer portfolio com uma criança, os outros têm que estar organizados. Têm que estar a aprender como se eu lá estivesse. Não só a utilização do portfolio exige um grau de autonomia muito grande das crianças, como os obriga a processos de tutoria, porque como eu não posso, porque quando estou com um menino a falar acerca do portfolio esse momento é meu e desse menino e ninguém pode interromper. E isto cria situações de tutoria e de entre ajuda muito grandes” (E9).

Para além desta característica, a professora revela que o sentido de organização e de responsabilidade também estão a ser desenvolvidos graças ao portfolio.

Ambas concordam que o portfolio pode fazer parte de uma avaliação sumativa e formativa.

Relativamente às diferenças entre o dossier e o portfolio as profissionais de educação veem de maneira diferente. A professora diz que para ela “o portfolio é constituído por esse dossier onde são arquivados todos os trabalhos e que os alunos os organizam e eu também vou avaliar a forma de organização e empenho dos alunos, porque o portfolio vai sendo organizado segundo uma ordem do dia da realização da tarefa” (P2). Já a educadora refere que “o portfolio envolve as crianças. Desde sempre. É um instrumento reflexivo. Portanto acontece ao longo do tempo e acontece de formas diferentes ao longo do tempo. Porque a criança a primeira vez que seleciona trabalhos seleciona critérios e da segunda vez seleciona com outros critérios. Por isso, do meu ponto de vista dá o acesso total global é criança. Um dossier organizado é apenas um processo de captação de produtos” (E9).

Foi curioso saber que as crianças nem perguntaram à educadora o que queria dizer portfolio. A educadora explicou-me que era “como se fosse um animal e eles soubessem o nome do animal e não questionam. É um nome entre muitos nomes que eu digo e que eles nunca ouviram mas que depois sabem o que é. Nós se perguntarmos-lhe o que é o portfolio eles dizem que é o momento em que se sentam comigo e conversam comigo sobre os trabalhos. Outros meninos dizem que o portfolio é o que está ali e apontam para o portfolio. Portanto eles sabem o que é” (E9).

Tanto num contexto como no outro as profissionais de educação afirmaram que os pais podem participar no portfolio.

Em relação às vantagens e desvantagens do portfolio a professora menciona que

“a principal vantagem que vejo é a facilidade do estudo, a organização dos alunos, que é uma prioridade realmente, é um privilégio para os alunos terem esta possibilidade de se organizar de forma autónoma. aaaah O favoritismo que é ter todas as matérias para poderem consultar sempre que pretendam porque é o único documento que é obrigatório circular na mochila diariamente para além da caderneta do aluno. E também para os pais terem o *feedback* diariamente daquilo que foi lecionado e daquilo que foi feito por parte dos alunos” (P2).

Enquanto que a educadora diz que não conhece nenhuma desvantagem e as vantagens são “dar acesso às crianças globalmente, permite às crianças aprenderem, faz com que eles se conheçam melhor, valorizam-se, é portanto um instrumento de gestão curricular até. Porque através do portfolio utilizo para fazer muitas vezes a planificação. Vou escolhendo conteúdos que pretendo trabalhar com as crianças. E vou envolvendo as crianças nessa própria aprendizagem. É o instrumento principal da sala!” (E9). Portanto não existem desvantagens quer para a professora quer para a educadora.

Auto regulação, reflexão e organização são palavras chave durante as entrevistas. Estes conceitos vão ao encontro de Piaget (1974) que refere o seguinte: “toda e qualquer aprendizagem põe em jogo um mecanismo de regulação de duplo efeito: por um lado (mecanismo de *feedback*), o sujeito situa-se em relação à meta pretendida; por outro

(mecanismo de orientação), haverá ajustamento ou reorientação da acção. (Piaget, 1974, citado em Hadji, 1994, p.61).

Ambas as profissionais de educação repetiram vezes sem conta estas palavras. A professora refere que “a reflexão e a correção do erro é aquilo que vai sendo feito e eu se calhar nem falei porque é uma coisa que está lá. É banal. É inconscientemente é feita. É obrigatoriamente feita diariamente. Têm que tomar conhecimento daquilo que errou, daquilo que fez mal para que de seguida corrigir e fazer bem e nunca mais há de se esquecer e que tem um sitio ideal para consultar”. Enquanto que a educadora aponta que “a reflexão leva sempre a uma acção não é? Seja de organização e de aprendizagem. Mas o motor é a metacognição. Eu acho. Que depois permite desenvolver certas competências” (E9).

Em relação à implementação do portfolio, das diferenças do ensino com e sem portfolio a professora diz “o que eu sinto e que não senti no inicio do ano letivo porque não tinha sido educadora dos meus alunos é que há um espírito de aaaah sede de aprender, de organização e de autonomia e de estudo e de trabalho”. Enquanto que a educadora refere que “aaah sim! Eu sou uma educadora antes do portfolio e outra depois. O portfolio mudou a minha forma de trabalhar. Completamente!” (P2).

Ambas aconselhariam às colegas realizar o portfolio devido às vantagens que tem e de acreditarem que é um ensino mais centrado na criança.

Os resultados desta investigação apontam para que o tipo de portfolio que é utilizado em pré-escolar não é o mesmo que é utilizado no ensino básico. Em pré-escolar verifiquei a utilização do portfolio como instrumento de avaliação, enquanto que no ensino básico é mais utilizado como estudo. A professora também utiliza o portfolio como instrumento de avaliação mas de maneira diferente. Enquanto que a educadora realiza todos os dias com uma criança o portfolio e pede a esta para seleccionar os três trabalhos mais importantes. A professora não pede aos alunos para escolherem qualquer tipo de trabalho, visto que todos os que eles realizam fazem parte deste portfolio, sendo que é utilizado como instrumento de estudo.

Através das entrevistas, posso concluir que cada um utiliza o portfolio como melhor sabe, mas apesar da utilização que fazem do portfolio este tem sempre a função de estimular e ativar o pensamento reflexivo das crianças, como dá oportunidade para a criança auto regular a sua aprendizagem e desenvolver competências de organização, responsabilidade e autonomia.

Reflexão final

Foi fundamental perceber esta evolução porque neste momento tenho uma noção mais clara do que implicava e do que implica a conceção do portfolio. Consegui perceber a história e evolução do portfólio

Esta etapa da minha vida académica constituiu um grande desafio quer pessoal quer profissional, que apenas foi possível concretizar graças ao contributo dos intervenientes do estudo.

A temática investigada constituiu-se de veras importante principalmente devido a ser um assunto atual e tão abrangente, podendo assim melhorar a sua compreensão.

Após a análise dos questionários e da entrevista, concluo que o portfolio não é utilizado pela maioria dos inquiridos como instrumento de avaliação, mas sim como estudo ou de compilação apenas de trabalhos ou documentos. Verifiquei que são poucos os profissionais de educação que utilizam o portfolio, sendo apenas dois que utilizam mas a forma como utilizam é de estudo. Contudo, encontrei duas pessoas, uma professora e uma educadora que faziam uso do portfolio como instrumento de avaliação e percebi que as vantagens são imensas e o ensino melhorado.

Apresentada esta visão, penso que os professores deveriam utilizar o portfolio como instrumento de avaliação e reforço a ideia de que o portfolio é extremamente importante e deveria fazer parte da avaliação das crianças. Ao utilizá-lo maior é a autonomia do aluno, maior é a sua organização e conseqüente aprendizagem. O portfolio ajuda o aluno a ser reflexivo e a ter uma auto-regulação da sua aprendizagem. Através deste, o professor tem oportunidade de conhecer muito melhor os seus alunos, assim como o educador de infância com as suas crianças.

Pude concluir que o portfolio pode ser visto como um instrumento de avaliação quer diagnóstica, quer sumativa ou formativa. A primeira porque temos oportunidade de identificar as características de um aluno e compreender os seus interesses e suas dificuldades. Quanto à segunda deve-se à evolução do aluno. Esta é possível verificar-se e fazer depois um balanço. Por fim, a formativa pois contribui para a formação do aluno e da sua aprendizagem.

É de salientar ainda que foi uma investigação que me deu muito gosto em realizar e fiquei de veras satisfeita com o meu trabalho, porque para além de ter conseguido concluí-lo conseguir dar resposta às minhas questões iniciais.

Fica também a vontade de ver este trabalho alargado a outros contextos e a outros profissionais de educação de forma a melhorarem as suas práticas e acima de tudo a refletirem sobre elas de forma a pensarem em incluir o portfolio nos seus instrumentos de avaliação que utilizam.

Finalizo este trabalho citando Shores & Grace (2001), “Abrir um portfolio bem feito é como abrir uma arca do tesouro” (p.45).

Referências Bibliográficas

- Abrantes, P. & Araújo, F. (coord.) (2002). *Reorganização Curricular do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Bernardes, C., & Miranda, F. (2003). *Portfólio, uma escola de competências*. Porto: Porto Editora.
- Cardona, M. (2007). *A Avaliação na Educação de Infância: as paredes da sala também falam!* Exemplo de alguns instrumentos de apoio. *Cadernos de Educação de Infância*, 81, 10-15.
- Cardona, M. (2012). *A avaliação na Educação de Infância*. Viseu: Psico & soma.
- Carmo, H., & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da Investigação – Guia para Auto-Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Collins, R. (1998). *Seeing our growth as learners: The story of a first-grade teacher and her students*. In G. Martin-Kniep (org.), *Why am I doing this?: Purposeful teaching through portfolio assessment*. Portsmouth: Heinemann.
- Danielson, C., & Abrutyn, L. (1997). *An introduction to using portfolios in the classroom*. Virginia: ASCD, 1997.
- Flick, U. (2005), *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Manuel A. Pacheco, Lda.
- Gil, A. (1999). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. Brasil: Editora Atlas
- Grubb, D., & Courtney, A. (1996) *Developmentally Appropriate Assessment for the young children: the role of portfolio*. Assessments. Comunicação apresentada em Annual Conference of the Southern Early Childhood Association, Little Rock.
- Hadji, C. (1994). *A avaliação, regras do jogo: das intenções aos instrumentos*. Porto: Porto Editora.
- Hernández, F. (2000). *Cultura Visual, Mudança Educativa e Projecto de Trabalho*. Porto Alegre: Artmed.

- Lopes da Silva, M. I. (2005). Projectos e Aprendizagens. In *Actas do 2º Encontro de Educadores de Infância e Professores do 1º Ciclo* (pp. 49-64). Porto: Areal Editores.
- Lopez, L. M., & Allal, L. (2004). Le portfolio: pratiques et perspectives. *Educateur*, 46-51. Recuperado de <http://archive-ouverte.unige.ch/unige:17359>
- Marques, R. (1996). *A Criança na Pré-escolar*, Lisboa: Livros Horizontes.
- Mata, L. (2008). *A descoberta da escrita - textos de apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação.
- ME. (1997). *Orientações Curriculares Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Meirieu, P. (1987). Pédagogie et évaluation différenciées. In C. Delorme (Ed.), *L'évaluation en questions* (pp. 149-163). Paris: Editions ESF.
- Parente, C. (2012) *Avaliação na Educação de Infância: Um ponto de partida*. em M.J. Cardona (ed.), *Avaliação na Educação de Infância*. Viseu: Psico & soma.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Roldão, M. C. (2003). *Gestão do Currículo e Avaliação de Competências – As questões dos professores*. Lisboa: Editorial Presença.
- Santos, L. (coord.) et al (2010). *Avaliar para Aprender. Relatos de experiências de sala de aula do pré-escolar ao ensino secundário*. Porto: Porto Editora.
- Sousa, M. J. & Baptista, C. S. (2011). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios segundo Bolonha*. Lousã: Pactor.
- Shores, E., & Grace, C. (2001). *Manual de Portfólio: um guia passo a passo para o professor*. Porto Alegre: Artmed.
- Zabalza, M. (1994). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Porto: Edições ASA.

Legislação

Despacho Conjunto n.º 258/97, de 21 de Agosto – Normas de equipamento e material.

Despacho Conjunto n.º 268/97, de 25 de Agosto – Normas de instalação.

Decreto-Lei nº5/97 de 10 de fevereiro (Lei Quadro da Educação Pré-Escolar).

Anexos

Índice de Anexos

Anexo I – Guião da entrevista

Anexo II – Entrevista realizada à professora

Anexo III – Entrevista realizada à educadora

Anexo IV – Inquérito por questionário às professoras

Anexo V – Inquérito por questionário às educadoras

Anexo VI – *Curriculum vitae*

Anexo I -Guião da Entrevista

- **Identificação**

1- Que idade tem.

2- Nº anos de docência.

3- Nível de escolaridade a que se encontra a dar aulas.

4- Frequentou ações de formação no âmbito da avaliação?

- **Conhecer decisões da docente face aos instrumentos de avaliação que utiliza.**

5- Quais são os instrumentos de avaliação que utiliza com os seus alunos?

6- De todos os instrumentos de avaliação que costuma utilizar, indique o/os que utiliza mais frequentemente. Porquê?

7- Considera algum instrumento como tendo maior peso ou importância? Porquê?

8- Costuma planear a avaliação dos alunos sozinha ou em conjunto com outras colegas? Com quem (caso resposta seja afirmativa).

9- Tem total liberdade em definir os parâmetros e as formas de avaliação na Instituição onde trabalha? Sendo a sua resposta negativa, como é realizado este processo?

- **Identificar as concepções da docente acerca do portfolio.**

10- Na sua opinião o portfólio pode ser considerado um instrumento de avaliação? Porquê?

11- Do seu ponto de vista, qual ou quais poderiam ser as principais diferenças entre o portfolio e outros instrumentos que o professor utiliza na sua acção quotidiana (por ex^o, dossiers, relatórios, testes...)?

12- Que tipo de portfolios conhece?

13- Acha que o portfolio pode fazer parte de uma avaliação formativa? E sumativa? Outra?

- **Identificar o uso que o profissional faz do portfolio, e a apreciação que faz dele.**

14- Já utilizou, utiliza ou pondera vir a utilizar o portfolio? Responda, por favor, acrescentando a razão da sua resposta.

15- Se utiliza, ou já utilizou, descreva o modo como o fez (por favor contemple na sua resposta os seguintes elementos: procedimentos de apresentação e acompanhamento da construção; tipo de portfólio; áreas que integra; organização...)

16- Como foi o início do processo? Como foi continuado?

17- Quais os conteúdos do portfólio? Como estão organizados? São para todas as áreas de conteúdos?

18- As crianças participam na construção do portfólio? De que formas? Como reagem?

19- Os pais participam na construção do portfólio? De que formas? Como reagem?

20- Quando utilizou o portfólio teve mais comunicação com os pais do que antes?

21- Quando, como e por quem são selecionadas as evidências para incluir no portfólio?

22- Existem momentos para o portfólio durante o dia?

- **Vantagens e desvantagens do portfólio**

23- Que função poderá este instrumento assumir, no contexto da avaliação global do aluno?

24- Porque escolheu utilizar o portfólio?

25- Na sua opinião, quais podem ser as vantagens e desvantagens da utilização do portfólio? Justifique por favor a sua resposta.

26- As vantagens do portfólio compensam o tempo e as dificuldades que se sujeita na realização deste?

27- Refira exemplos concretos do uso que faz do portfólio com os seus alunos

28- Vai continuar a utilizar o portfólio como instrumento de avaliação? Ou outro tipo de portfólio?

29- Do seu ponto de vista, quais foram os momentos mais importantes durante a implementação do portfólio?

30- O que pode concluir com a utilização do portfólio? Fazendo uma apreciação geral do uso deste.

31- Recomendaria a outras professoras para utilizarem o portfólio como instrumento de avaliação?

33- Que conselhos daria caso outras colegas quisessem começar a utilizar o portfólio?

Anexo II – Entrevista à Professora

Entrevista à Professora de 1º Ciclo do Ensino Básico

Ficha técnica	
Entrevista	1
Entrevistado	Professora de Ensino Básico
Entrevistador	Própria
Local	Escola Primária
Data	11 de março de 2014
Duração	1h
Suporte de registo	Gravador de áudio

Entrevistadora: Como já tinha referido aquando o pedido de autorização da entrevista. Sou aluna da Escola Superior de Educação de Santarém, do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e estou a aplicar esta entrevista no âmbito da minha dissertação de mestrado, que tem como objetivo identificar as metodologias e instrumentos de avaliação a que as professoras recorrem para realizarem a avaliação dos alunos.

Quero ainda que saiba que esta entrevista será confidencial e que os dados serão apenas investigados para o presente trabalho.

Professora: Sim. Está bem.

Entrevistadora: Que idade tem?

Professora: Tenho 34 anos.

Entrevistadora: As suas habilitações professora?

Professora: Sou licenciada em Ensino Básico do 1º Ciclo e tirei mestrado em administração e planificação da educação.

Entrevistadora: Muito bem! Então a professora também fez uma dissertação?! Sobre o quê?

Professora: Fiz sim senhora! Sobre a área de educação ambiental, avaliando o nível de sensibilidade ecológica dos alunos do 1º ciclo do ensino básico, com idades compreendidas entre os seis e os dez anos.

Entrevistadora: Frequentou ações de formação no âmbito da avaliação?

Professora: Sim frequentei, mas possivelmente não direcionadas para o campo da avaliação. Talvez na parte curricular do mestrado. Eu agora não tenho presente o nome das disciplinas, mas pronto. Nestas formações que eu tive oportunidade de ir sempre foram tratados assuntos relativos à avaliação dos alunos, sim e também docente. Não só em termos escritos mas também em termos de atitudes e comportamentos dos mesmos.

Entrevistadora: Portanto posso verificar que a professora frequentou imensas formações?

Professora: Sim imensas formações.

- **Conhecer decisões da docente face aos instrumentos de avaliação que utiliza.**

Entrevistadora: Quais são os instrumentos de avaliação que utiliza com os seus alunos?

Professora: Pronto. Em termos de avaliação das aprendizagens dos alunos recorro às fichas de avaliação formativas e sumativas, recorro à ficha de avaliação de conhecimentos. Recorro a grelhas de avaliação de atitudes e comportamentos diários. Com registos de trabalhos de casa realizados, com trabalhos em família que vão sendo também realizados com os alunos que eu faço questão de solicitar um ou dois por período, com apresentação posterior na sala de aula a todos os colegas e também recorro a três tipos de portfólios diferentes, sendo eles o particular onde se encontram todos os registos escritos respeitantes aos alunos, como por exemplo: relatórios médicos e todos de avaliação psicológica, ou seja, são todos aqueles documentos próprios e individuais de cada docente que vão sendo recolhidos ao longo do percurso de formação académica. Depois tenho o portfólio das aprendizagens que é a coleção de todos os trabalhos realizados pelos alunos. que depois são analisados e é tomado conhecimento no final de cada período pelo seu encarregado de educação em que a professora também se baseia neles primeiro para dar a sua avaliação de final de período e depois também para os pais terem uma noção de que não há discrepância entre a avaliação que é dada com o trabalho que é apresentado. E por fim, ahhh o tipo de portfólio informativo, porque considero que é muito importante a formação invertida, ou seja, não ser só os pais a ensinarem os alunos mas também os alunos de uma forma aaaah nem sei como descrever pronto

Entrevistadora: Harmoniosa?

Professora: Sim! De uma forma harmoniosa e levarem a informação e ensinarem de alguma forma aos pais, porque muitos deles já estudaram há imensos anos e todos os conteúdos que foram sendo apresentados no seu tempo são divergem imenso dos que são apresentados atualmente e então temos o portfolio informativo onde eles podem recorrer a todo o tipo de material informativo que é o resumo ou as fichas informativas de todos os conteúdos que foram sendo lecionados para consulta dos pais e dos alunos assim sendo, para facilitar as aprendizagens e o acompanhamento ao estudo diário dos mesmos.

Entrevistadora: Realizam resumos também para incluir nesse portfolio informativo?

Professora: Realizamos resumos dos conteúdos. Muitas das vezes já forneco eu porque faço uma pesquisa em vários tipos de bibliografia aaaaah

Entrevistadora: E assim já está a ajudar mais uma vez...

Professora: Exato! É uma forma de ter um material de consulta de forma a facilitar o estudo para as fichas de avaliação, para os exames que depois vão ser realizados no final do 2º ano e no final do ciclo que é no 4ºano.

Entrevistadora: Talvez a professora faça também esse resumo como alicerce ao manual?

Professora: Sim sim. O manual é um simples instrumento de trabalho, mas incompleto. Deve-se sempre completar com uma compilação de saberes e conteúdos informativos que vamos recolhendo noutros manuais, noutras obras, recorrendo muitas vezes à internet. Não fazendo plágio mas tirando informação que é (que é) de todo pertinente e que vai completar aaaah o que consideramos que está incompleto nos manuais. Eeeeeee

Entrevistadora: E assim vai complementando...

Professora: Sem dúvida alguma!

Entrevistadora: De todos os instrumentos de avaliação que me falou. Considera algum instrumento como tendo maior peso ou importância? Porquê?

Professora: é assim eu como não tenho trabalho ainda o portfolio na parte avaliativa dos alunos. Quer dizer na parte avaliativa numa certa parte. Quer dizer aaah não de um todo, porque o portfolio de aprendizagem é assim é o reforço da avaliação que eu vou dar, ou seja,

Entrevistadora: Sim... Ajuda a ver a evolução do aluno não é?

Professora: Exatamente! Exatamente! Pronto. É sem dúvida, tenho o em conta para a avaliação do aluno. Sem dúvida. Mas não é só isso.

Entrevistadora: Mas qual é que assume um maior peso para si?

Professora: Para mim, eu estou a falar por mim, não por mim, a nível de agrupamento porque temos de seguir as diretrizes que são dadas no agrupamento e que são decididas em equipa pedagógica e que depois até ao final do ano letivo temos de ter isso em linha de conta. Temos uma grelha em excel que não sei precisar agora os valores mas poderei depois conceder, em que aah são atribuídas determinadas percentagens para determinados conteúdos, saberes, comportamentos, atitudes, fichas de avaliação, trabalhos diários, organização, responsabilidade, empenho e tudo isso.

Entrevistadora: Nessa grelha não se inclui o portfolio por exemplo?

Professora: Não. Não se inclui. O portfolio foi um instrumento de trabalho que eu criei por considerar que vai auxiliar imenso ao nível do percurso académico dos alunos do 1º ciclo com vista numa preparação para os exames e também facilita imenso o meu trabalho assim como o acompanhamento dos familiares.

Entrevistadora: Também gostaria de lhe dizer que existe um tipo de portfolio que se chama demonstrativo que é feito em conjunto com os alunos e a professora. Neste ano por exemplo era feito consigo e com os seus alunos e para o ano se viesse uma professora nova dar aulas a esta turma já ficaria a saber o que foi desenvolvido com os alunos, a evolução deles

Professora: é assim. A minha intenção é como nós andamos sempre a saltar de escola para escola não sabemos também o que é que cada uma vai aceitar fazer ou não. Mas o que eu peço aos pais é que realmente os alunos para o próximo ano aaaaah tragam o portfolio informativo para a pessoa que vier ter como base o trabalho que foi feito e sabido do ano letivo anterior e pegar por aí e completar. Só que nem toda a gente está para isso porque dá imenso trabalho, são imensas horas do nosso dia-a-dia da nossa vida pessoal que vamos dedicar à escola que pronto para completar realmente o ensino dos alunos. Agora o portfolio de aprendizagens que são os ditos trabalhos realizados eu faço sempre questão de os deixar ficar até setembro do ano letivo seguinte para que a pessoa que venha receber os alunos se inteire daquilo que cada um é ou não é capaz de fazer. Aaaaah e depois sim solicito para que depois de fazer essa análise entregue depois aos alunos.

Entrevistadora: Vamos imaginar que a professora ia agora para uma escola nova, com uma nova turma e havia um portfolio do ano letivo anterior. Na sua opinião, era um ponto a favor? Verificar o que os alunos trabalharam, o que já são capazes de fazer ou não?

Professora: facilita e ajuda-nos imenso, mas existem pessoas que muitas vezes por uma questão de comodismo ou

Entrevistadora: Por desconhecerem talvez?

Professora: Não. Não sei bem. Recetividade muitas vezes. Pronto. Mas acredito que ajuda sem dúvida alguma. Para mim, ajudava-me imenso se eu chegasse a uma escola e verificasse este tipo de trabalho e daria com certeza continuidade.

Entrevistadora: A professora de todos os instrumentos de avaliação que nomeou qual ou quais é que utiliza mais frequentemente?

Professora: Tudo aquilo que eu referi é aquilo que eu utilizo e tenho em linha de conta para.. todos os registos diários que faço em grelhas, para além destes portfolios que falei e para além das fichas de avaliação formativa e sumativa de cada período. Eu tenho em linha de conta tudo o que se faz dentro da escola, dentro da sala de aula. Seja verbal, escrita ou comportamental ou em termos de atitude contribui sim.

Entrevistadora: Muito bem. A professora costuma planear a avaliação dos alunos sozinha ou em conjunto com outras colegas? A professora à pouco referiu que tem grelhas do excel e diretrizes do agrupamento. Pode explicar-me mais um pouco esse processo?

Professora: Sim claro. Mensalmente aaaah cada ano de escolaridade é reunido em grupos de trabalho, ou seja, todos os docentes, neste caso do 3º ano, todos os docentes do agrupamento que lecionam o 3º ano são reunidos uma vez ou duas vezes mensalmente para discutirmos avaliação, quando se fazem as fichas, construir as fichas, as suas matrizes aaaah dialogamos sobre exercícios que vão aparecendo nos novos programas de português e matemática e que vão sendo postos em prática aaaah vamos fazendo, elaborando os desafios que são feitos ao nível da escrita criativa e da matemática. São feitos uma vez mensalmente, normalmente é na última quarta e na última sexta de cada mês. Vamos discutir entre outras coisas aaaah fazer uma análise da avaliação que é conseguida pelos alunos, ver muitas vezes onde é que nós podemos pegar mais, onde é que as notas são mais fracas. Que tipos de instrumentos ou recursos podemos utilizar para melhorar nesse sentido, fazer uma avaliação global. Sei lá. Tantos pontos que discutimos.

Entrevistadora: E ajudam-se entre si.

Professora: Sem dúvida!

Entrevistadora: Muito bem. Então a professora pelo que falou não tem total liberdade em definir os parâmetros e as formas de avaliação?

Professora: Não. Não tenho. Obedeço aos critérios que são dados pelo agrupamento. E pronto.

- **Identificar as concepções da docente acerca do portfolio.**

Entrevistadora: Agora vamos falar um bocadinho acerca do portfolio. Na sua opinião o portfólio pode ser considerado um instrumento de avaliação? Porquê?

Professora: é assim. Sim em certa parte. Não de todo.

Entrevistadora: Não de todo, porque não basta apenas o portfolio para avaliar é isso?

Professora: sem dúvida alguma.

Entrevistadora: é também um instrumento de avaliação?

Professora: Sim. É mais um instrumento.

Entrevistadora: Mas para si pode ser considerado um instrumento de avaliação?

Professora: Sim, porque é no portfolio que são compilados os trabalhos aaah que são traçados os conteúdos, que são resumidas todas as informações que vão sendo transmitidas e que depois os alunos que vão tendo consciência daquilo que sabem, daquilo que deverão saber e de aquilo que podem melhorar.

Entrevistadora: Professora do seu ponto de vista, acha que existem diferenças entre o portfolio e outros instrumentos de avaliação? Por exemplo um dossier e um portfolio? Existem diferenças?

Professora: é assim, para mim o portfolio é constituído por esse dossier onde são arquivados todos os trabalhos e que os alunos os organizam e eu também vou avaliar a forma de organização e empenho dos alunos, porque o portfolio vai sendo organizado segundo uma ordem do dia da realização da tarefa.

Entrevistadora: essa organização é semanalmente? Mensalmente?

Professora: eu faço quinzenalmente a organização do dossier. Eu faço a correção das fichas, mas normalmente até fazemos no quadro a correção, porque eu gosto que eles façam a correção a nível do português para ter noção do que eles sabem ou não sabem fazer. Pronto. É então tudo lá compilado. E agora perdi-me na questão.

Entrevistadora: Era a diferença entre portfolio e dossier? Se existem uma diferença entre eles?

Professora: Em termos de diferença entre portfolio e dossier é assim o portfolio informativo é aquele que vai diariamente para casa para os alunos e para as famílias consultarem sempre que sentem necessidade em inteirarem os conteúdos e para resolver os trabalhos de casa e para estudarem. O dossier que é a compilação dos trabalhos que vão sendo realizados na sala de aula fica na escola. os pais vêm tomar conhecimento da sua existência e verificar e analisar

os trabalhos e ver onde podem melhorar também com os alunos no final de cada período letivo, assim como os alunos quinzenalmente organizam as suas fichas, verificam os seus trabalhos e tomam também consciência daquilo que efetivamente sabem e daquilo que podem vir a melhorar.

Entrevistadora: Não sei se a professora tem noção que existem professoras que utilizam esses trabalhos que falou dos alunos apenas para guardar no dossier. Não existe *feedback*, por vezes nem correção desses trabalhos. Não vai para casa esse dossier.

Professora: Eu tenho plena noção disso mas também sei que isto não é um trabalho obrigatório e eu faço com muito gosto e porque realmente amo aquilo que faço e porque sinto que tenho alguma vocação para isto aaaah e como já fui aluna e como tive a sorte de encontrar professoras exemplares ao longo da minha carreira académica tenho escolhido uma forma de trabalhar muito pessoal, com base também naquilo que me transmitiram.

Entrevistadora: E é de salientar que se nota que tem vocação professoral!

Professora: eheheh obrigada!

Entrevistadora: Professora quanto aos portfolios que conhece, já me disse que conhece o particular, o informativo e o de aprendizagem. Como conheceu estes tipos de portfolios?

Professora: Não conheci. Quer dizer eu não conheci. Eu fiz alguma pesquisa e tive conhecimento nas ações de formação que frequentei. Aprendi imenso na parte curricular do meu mestrado porque eu era a pessoa mais nova a estudar na turma e havia pessoas sempre dez ou vinte anos mais velhas que eu e aprendi imenso com os testemunhos que me foram transmitidos.

Entrevistadora: Muito bem. Uma curiosidade! Ai já falavam de portfolio?

Professora: Falávamos sim! Falávamos.

Entrevistadora: Mas portfolio do aluno?

Professora: sim sim!

Entrevistadora: Que bom saber isso! Já é um assunto antigo.

Professora: sim. O portfolio do professora começou se a falar muito foi quando se falou também em avaliação de desempenho de docente.

Entrevistadora: Na minha opinião, o portfolio do professor é mais falado do que propriamente o portfolio do aluno como instrumento de avaliação.

Professora: Como sabe isto dá muito trabalho a realizar. E como não é obrigatório e se puder evitar de fazer... não se faz.

Entrevistadora: Professora relativamente à avaliação formativa e sumativa. Acha que o portfolio pode fazer parte dessa avaliação? Formativa e sumativa? Outra?

Professora: Sem dúvida nenhuma! Tanto a sua organização como por exemplo é assim é imprescindível recorrer ao portfolio muitas vezes para quem não sabe determinados conteúdos aaaaah tomar conhecimento deles. Daí ele ser levado para casa para ser feita uma pesquisa e ao ser feita esta pesquisa eu também faço a avaliação. Se vêm trabalhos corretos ou incorretos e também sei se consulta ou não consulta o portfolio. E em que bases consulta.

- **Identificar o uso que o profissional faz do portfolio, e a apreciação que faz dele.**

Entrevistadora: Já sabemos que a professora utiliza o portfolio. E posso saber se é a primeira vez?

Professora: Sim. Ao longo da minha carreira aaaaah principalmente depois do meu terceiro ano de serviço que foi quando eu comecei a ter mais noção e aprender mais também com as formações que fui fazendo, principalmente quando realizei a parte curricular do meu mestrado.

Entrevistadora: E utiliza sempre o mesmo tipo de portfolio?

Professora: Fui modernizando. Comecei inicialmente com o mais simples que foi o particular. Depois fui acrescentado o de aprendizagem. Alias, o de aprendizagem é que foi sempre sendo feito mas não com este sentido que eu hoje atribuo.

Entrevistadora: Ok. Gostaria de lhe perguntar como iniciou este processo? O portfolio? Se falou com as crianças? Se implementou logo o portfolio sem qualquer conversa?

Professora: Primeiro aaaaah não pedi opinião a ninguém a não ser pelo portfolio informativo. Porquê? Porque eu pedi um portfolio mesmo com as micas que foi dedicado realmente a consulta. Como é um bocadinho caro eu decidi na reunião de pais apresentar sempre o meu ponto de vista, a estratégia que eu iria utilizar e se realmente estivessem dispostos a adquirirem este portfolio com micas. O que é certo é que até hoje não me foi recusado e até hoje tenho tido essa sorte.

Entrevistadora: Portanto o portfolio informativo falou com os pais até porque este serve para eles e para os alunos. Mas e o portfolio de aprendizagem?

Professora: Não pedi opinião, porque eu sempre fiz. Acontece que hoje em dia com uma conotação diferente, uma preocupação também diferente para os alunos consultarem e arquivarem e aaaah inteirarem-se daquilo que sabem e que vão aprender.

Entrevistadora: Será que os alunos têm noção que aprendem muito com o portfolio? O que colocam lá dentro tem significado para eles?

Professora: Eu penso que eles não tem plena noção. As crianças de ano para ano tenho notado um nível de imaturidade crescente.

Entrevistadora: Porquê?

Professora: porque possivelmente tem a ver com a educação eo acompanhamento dos pais.

Entrevistadora: Imagine professora que eles realizavam um exercício de matemática e foi corrigido e estava incorreto. Depois noutra semana fizeram o mesmo exercício de matemática mas já tinham conseguido acertar. A professora faz esse reforço positivo? Eles conseguem perceber sozinhos esta evolução? O portfolio ajuda a esta auto regulação?

Professora: Sim! Eles percebem e o portfolio ajuda imenso e o caderno que os alunos utilizam diariamente também ajuda, onde os alunos realizam todo o tipo de exercícios e também os trabalhos de casa e podem consultar. Dai também a necessidade que eu entendo de fazer a correção em grupo e no quadro com uma cor diferente para eles perceberem aonde é que eles erraram e para poderem estudar.

Entrevistadora: Professora como é que o portfolio dos alunos está organizado? Que conteúdos existem? Está separado por áreas?

Professora: Estão separados por áreas disciplinares e tenho um separadorzinho que eles próprios coloriram e decoraram e depois são inseridas as fichas informativas à medida que os conteúdos forem sendo lecionados.

Entrevistadora: E nesse portfolio constam as fichas? Constam os resumos? O que faz parte do portfolio de aprendizagem?

Professora: então é assim. Do de aprendizagem fazem parte as fichas de trabalho, basicamente tudo o que é feito em sala de aula e em casa. No particular é onde constam as fichas de avaliação formativa e sumativa e todos os documentos que também são anexos, como relatórios, históricos médicos, contactos com os encarregados de educação, justificação de faltas. Do informativo foi o que lhe referi aquele esquema aquelas grelhas, os resumos, os exercícios resolvidos para eles poderem consultar principalmente agora que tem a ver com os novos programas de português e de matemática. Muitas vezes também quando normalmente é

matemática quando eu sinto que há mais dificuldades e até os pais a acompanharem os filhos. O que é que eu faço? Na semana seguinte à realização do teste volto a imprimir o teste, vamos corrigi-lo, vamos voltar a fazê-lo e toda aquela correção vai constar no portfolio para quê? Para os alunos e os pais poderem consultar. Primeiro para terem uma noção daquilo que erraram e do que acertaram no teste. Eles muitas vezes até percebem logo olha vou ter muito bom ou suficiente antes de eu dar as notas. A partir da correção eles conseguem ver isso. Depois isto tudo é arquivado no portfolio e ajuda os alunos a estudarem para o teste seguinte porque estão lá o resumo de conteúdos.

Entrevistadora: Então as crianças participam na construção do portfolio? Pelo que a professora disse. Pode me dizer de que formas e como é que eles reagem?

Professora: O portfolio de aprendizagem os alunos organizam por separadores e por área de aprendizagem e depois segundo a ordem de realização. Têm em atenção as datas e eu depois vou avaliar o nível de organização de cada um.

Entrevistadora: A professora acredita que o portfolio ajuda a promover uma competência organizativa?

Professora: Sem duvida alguma. Componente organizativa e não só. Competência de responsabilidade, sentido de empenho e dedicação. Tendo sempre em linha de conta que é tudo para a avaliação deles.

Entrevistadora: E até de auto regulação deles próprios?

Professora: É de salientar que estamos a preparar um segundo ciclo em que eles têm de ter um trabalho autónomo já bastante desenvolvido para depois poderem fazer com bastante sucesso.

Entrevistadora: E os pais professora? Participam na construção do portfolio? De que formas?

Professora: ora.. aaah.. os pais não participam diretamente na construção do portfolio. Sou eu que forneco todas as informações e fichas informativas e outros materiais, mas por exemplo, quando são realizados os trabalhos em família, como por exemplo foi realizado no primeiro período um trabalho relacionado com o meio local em que cada aluno levou um tema a desenvolver dentro daqueles que existia naquele meio aaaah para além de ter sido apresentado em sala de aula, foi aproveitado aquele conteúdo que veio de casa elaborado pelos pais com os alunos para partilhar com todos os outros. Pronto de certa parte eles até participam, porque isto depois é incluído no portfolio.

Entrevistadora: E como é que os pais reagem?

Professora: Os pais reagem muito bem. Os alunos de uma forma excelente e pedem me imensas vezes para realizar trabalhos em família. Porquê? Porque é uma forma de conseguir sentar o pai e a mãe à mesa para fazerem com eles, porque tirando isso é só o pai ou é só a mãe. Ou então acabam muitas vezes por fazerem sozinhos ou no ATL. E pronto. É realmente vantajoso o trabalho em família.

Entrevistadora: quando utilizou o portfolio a professora sentiu que tinha mais comunicação com os pais do que antes? Ao utilizar o portfolio pareceu-lhe estar mais próxima dos pais?

Professora: Há parceria. Fazemos um trabalho de parceria. Eu também já os tinha colocado à vontade para que sempre que surgissem dúvidas eles me enviassem email para eu poder explicar ou então vir nos dias de atendimento ou na hora de almoço para os esclarecer sobre determinados conteúdos, nomeadamente matemática. Eles têm tido bastante dificuldade em acompanhar.

Entrevistadora: Mas a professora sente que com o portfolio existe mais proximidade? Por exemplo imagine que não utilizava o portfolio achava que existia na mesma a lidaçãõ que tem agora com os pais?

Professora: Possivelmente sim porque se não existisse secalhar não surgiriam dúvidas não é?

Entrevistadora: quais serão as vantagens e as desvantagens do portfolio?

Professora: Pronto. A principal vantagem que vejo é a facilidade do estudo, a organização dos alunos, que é uma prioridade realmente, é um privilégio para os alunos terem esta possibilidade de se organizar de forma autónoma. aaaah O favoritismo que é ter todas as matérias para poderem consultar sempre que pretendam porque é o único documento que é obrigatório circular na mochila diariamente para além da caderneta do aluno. E também para os pais terem o *feedback* diariamente daquilo que foi lecionado e daquilo que foi feito por parte dos alunos.

Entrevistadora: E desvantagens? Existe alguma?

Professora: Até ao momento não tenho nada apontar, a não ser o peso excessivo na mochila não é?

Entrevistadora: eheh

Professora: Pronto porque acaba por ser um instrumento que pronto tanta compilação de tantos materiais informativos desde o inicio do ano letivo que gostaria que fosse dado continuidade no próximo ano. Pronto a principal desvantagem é essa. É o peso excessivo na mochila.

Entrevistadora: Existem momentos para reflexão acerca do portfolio na sala de aula?

Professora: Existem sim, nomeadamente no portfolio da compilação das fichas em que depois trataremos de fazer a correção ou alteração no quadro para toda a gente realmente... porque muitas vezes os alunos têm dúvidas e não dizem que têm, só que eu entre linhas percebo não é? E Daí fazemos em grupo essa correção e esse esclarecimento, solicitando aos alunos que venham ao quadro, que estejam à vontade aaaah

Entrevistadora: Como é que os alunos reagem a essa correção? E ao portfolio?

Professora: Ficam satisfeitos porque é mais um instrumento que têm para poderem consultar caso tenham dúvidas. O que é que eu sinto essencialmente é que lhes produz muita autonomia, muita liberdade para poderem realizar as coisas sozinhos sem impedir o auxilio dos pais. Tendo estes materiais eles não precisam de pedir aos pais.

Entrevistadora: A professora acredita que os portfolios encorajam o ensino centrado no aluno?

Professora: Sem dúvida alguma. E principalmente o apelo à responsabilidade e à autonomia que é extremamente importante para os preparar para o segundo ciclo.

Entrevistadora: Porquê que a professora decidiu utilizar o portfolio? Como surgiu essa necessidade?

Professora: Surgiu. Foi uma necessidade que sentia para poder me aproximar me dos pais e sentia necessidade em incutir-lhes o espirito de responsabilidade para com as tarefas escolares, o sentido de autonomia e o sentido de responsabilidade e de organização.

Entrevistadora: Muito bem. Sente diferenças no ensino agora com o portfolio e antes sem portfolio?

Professora: Sinto sim que os alunos são mais organizados mas isto também depende do nível sociocultural do local onde trabalhamos. Porque por exemplo quando trabalhei com alunos de etnia cigana é assim o portfolio não tinha ponta por onde se pegasse. Havia uma folha aqui, outra ali. Cada vez que se precisava de consultar alguma coisa a folha não regressava à mica. Era perdida. Também tem a ver com o nível social das famílias e do meio onde trabalhamos.

Entrevistadora: A professora fala muito de organização e de responsabilidade. E de reflexão? Acha que os alunos adquirem esta capacidade através do portfolio?

Professora: Sem dúvida. A reflexão e a correção do erro é aquilo que vai sendo feito e eu secalhar nem falei porque é uma coisa que está lá. É banal. É inconscientemente é feita. É obrigatoriamente feita diariamente. Têm que tomar conhecimento daquilo que errou, daquilo

que fez mal para que de seguida corrigir e fazer bem e nunca mais há de se esquecer e que tem um sitio ideal para consultar.

Entrevistadora: Então o portfolio ajuda nesse sentido?

Professora: Sim em todos!

Entrevistadora: Estamos quase a terminar professora. Do seu ponto de vista, quais foram os momentos mais importantes durante a implementação do portfolio?

Professora: O que eu sinto e que não senti no inicio do ano letivo porque não tinha sido professora dos meus alunos é que há um espírito de aaaaah sede de aprender, de organização e de autonomia e de estudo e de trabalho.

Entrevistadora: E isso já faz parte da rotina?

Professora: Exatamente e eles já podem realizar a tarefa sem qualquer ajuda dos pais.

Entrevistadora: Agora pode-me fazer uma apreciação geral do portfolio, desta utilização que fez?

Professora: Apesar de nos dar muito trabalho, trabalho que não é inútil porque isso reflete-se depois nos ritmos de aprendizagem, nas estratégias a serem utilizadas pelos alunos, porque eles já conhecem e acabam por adquirir realmente, por exemplo se têm dúvidas vão consultar. Apenas me questionam se realmente tiverem uma dúvida e não conseguirem resolve-la com a ajuda do portfolio. É uma preparação, como já disse para o ingresso do segundo ciclo, para os exames nacionais e para a vida.

Entrevistadora: Muito bem! Recomendaria a outras professoras a utilizarem o portfolio? Como instrumento de avaliação?

Professora: Não só mas também.

Entrevistadora: E porquê?

Professora: Por tudo aquilo que foi dito até agora. Por todas estas razões em termos de desenvolvimento da criança, enquanto futuro homem do amanhã.

Entrevistadora: E porque tem muitas vantagens?

Professora: Sim! Realmente! Mas implica muito trabalho e muita disponibilidade pessoal para o fazer. Porque é assim sinceramente hoje em dia não temos muito motivação por várias razões. Primeiro a grande razão por ter que trabalhar muito longe de casa, é uma fadiga enorme. Segundo por despender muito do nosso tempo pessoal para a escola. Nem toda a gente está

para isso. Não é? Eu não sou mais que os outros mas aaaah mas muitas vezes também sinto que as pessoas têm a profissão mas não têm vocação. E é ao sentir que estamos a trabalhar com seres humanos e não estamos a trabalhar com objetos. Pronto e acima de tudo temos de ser modelos e eu como sempre tive bons modelos na minha vida. Eu gostava imenso ser modelo para eles.

Entrevistadora: A professora conhece algumas referencias bibliográficas acerca do portfolio?

Professora: Sinceramente não. O que eu tenho encontrado são livros de estudo acompanhado que me vão dando algumas diretrizes de apoio ao estudo e dicas para poder inculcar a responsabilidade, o trabalho autónomo.

Entrevistadora: E a professora já pesquisou sobre o portfolio?

Professora: Não. Não precisei.

Entrevistadora: Tenho aqui um livro de Grace e Shores, cujo titulo é *Manual de Portfólio: um guia passo a passo para o professor*. Neste livro ajuda-nos a implementar o portfolio em sala de aula seguindo dez passos. Agora fica a conhecer!

Professora: Muito interessante! Obrigada. Eu implemento à minha maneira. Nunca precisei de pesquisar.

Entrevistadora: Porque naturalmente tem tido resultados positivos!

Professora: Sim!

Entrevistadora: Quer acrescentar alguma coisa?

Professora: Não. Penso que tudo foi dito.

Entrevistadora: Muito obrigada pela sua colaboração. Após uma primeira análise, caso surjam dúvidas na informação recolhida, imprecisões ou respostas em que o sentido é ambíguo entrarei em contacto com a professora para pedir esclarecimentos. Enviarei a transcrição da entrevista na íntegra, por correio eletrónico ou virei ao seu encontro pessoalmente, para que a possa confirmar e comprovar o conteúdo da entrevista, acrescentar ou mesmo retirar algo que foi transmitido.

Anexo III – Entrevista à Educadora de Infância

Entrevista à Educadora de Infância

Ficha técnica	
Entrevista	1
Entrevistado	Educadora de Infância
Entrevistador	Própria
Local	Infantário
Data	27 de março de 2014
Duração	1h
Suporte de registo	Gravador de áudio

Entrevistadora: Como já tinha referido aquando o pedido de autorização da entrevista. Sou aluna da Escola Superior de Educação de Santarém, do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e estou a aplicar esta entrevista no âmbito da minha dissertação de mestrado, que tem como objetivo identificar as metodologias e instrumentos de avaliação a que as educadoras recorrem para realizarem a avaliação das crianças.

Quero ainda que saiba que esta entrevista será confidencial e que os dados serão apenas investigados para o presente trabalho.

Educadora: Está bem.

Entrevistadora: Que idade é que tem?

Educadora: Eu tenho 52 anos.

Entrevistadora: E muito bem feitos!

Entrevistadora: Anos de docência?

Educadora: trinta eeeeeeee quatro anos.

Entrevistadora: com que idade se encontra agora neste momento a trabalhar?

Educadora: 5, quer dizer há um menino que já fez 6, 6, 5, 4 e 3.

Entrevistadora: Tem uma sala mista.

Educadora: Neste jardim-de-infância podíamos ter dividido as salas por idades mas opção do pais é fazer turmas verticais não é? Porque é melhor.

Entrevistadora: Então no total tem 25 crianças?

Educadora: Sim. São 25.

Entrevistadora: Frequentou ações de formação no âmbito da avaliação?

Educadora: Sim frequentei, mas possivelmente não direcionadas para o campo da avaliação. Talvez na parte curricular do mestrado. Eu agora não tenho presente o nome das disciplinas, mas pronto. Nestas formações que eu tive oportunidade de ir sempre foram tratados assuntos relativos à avaliação dos alunos, sim e também docente. Não só em termos escritos mas também em termos de atitudes e comportamentos dos mesmos.

Entrevistadora: Portanto posso verificar que a educadora frequentou imensas formações?

Educadora: Sim imensas formações.

- **Conhecer decisões da docente face aos instrumentos de avaliação que utiliza.**

Entrevistadora: Quais são os instrumentos de avaliação que utiliza com as crianças?

Educadora: São muitos. São vários. Alguns que são comuns. Por isso, que eu utilizo com todas as crianças. O portfolio é o principal. É individual. Não é? Eu faço com todas as crianças da sala. Depois dependendo daquilo que se pretenda avaliar os vários instrumentos, por exemplo se aaaaah for um instrumento para avaliar decisões que se tomam em grupo é um instrumento para avaliação em grupo. Se for um instrumento para avaliar aaaaah por exemplo, projetos que foram desenvolvidos por um grupo pequeno de crianças então um instrumento de avaliação é decidido no próprio grupo e faz parte da planificação do projeto e normalmente são instrumentos feitos com a participação das crianças. Eles definem os critérios comigo, decidimos se é uma tabela se é um texto. Portanto os instrumentos de avaliação que eu utilizo com as crianças. Portanto que é uma coisa que não são. Há instrumentos que são para avaliar as crianças que não são os mesmos que são feitos com as crianças. Agora eu estou a falar dos que são feitos com. Aaaaah. Há situações que por exemplo aaaaah no próprio projeto nós decidirmos logo que tipo de instrumento vamos utilizar. Ah! O que eu estava a dizer era que o instrumento é planificado. Portanto a avaliação também é planificada. E existe no momento da planificação. Isto os instrumentos que utilizo com os meninos. Por exemplo, este agora ali na

sala e viu com certeza a Ana aquele instrumento de parede que avaliava a arrumação? É um instrumento de utilização diária que tem definidos. Não sei se a Ana fotografou, mas se quiser pode ainda fotografar. Tem definidos um conjunto de critérios que foram definidos com eles a partir do momento da assembleia, em que em assembleia se detetou um problema, que era a arrumação. As coisas não estavam a ficar bem arrumadas e portanto foi preciso melhorar isso e para isso nós decidimos em conversa que os mecanismos eram estes estes estes estes e estes, as mesas tinham de ficar arrumadas, os materiais tinham de ficar arrumados, os livros tinham de ficar direitos. Por isso eles agora diariamente verificam se ficou assim ou não. Mentalizam-se não é? Nós combinamos é que este instrumento ia ficar na sala até que em todos os dias de uma semana todos os dias os objetivos tivessem sido atingidos, porque isso significa que eles já aprenderam. Pronto. Por exemplo. Mas há situações em que estou me a lembrar de um projeto que foi agora desenvolvido e que já foi apresentado por eles. Por exemplo aí nós utilizamos dois instrumentos de avaliação: um foi para verificar a opinião dos colegas sobre o trabalho deles e foi muito simples porque nós temos meninos de várias idades portanto quando se estabelece um instrumento destes este tem que ser exequível no contexto não é? Pronto. Então eram as caras. Eles dividiam os que tinham gostado dos que não tinham gostado. E depois eu decidi com eles na altura da planificação de projeto que a avaliação do próprio projeto devia ter umas questões e decidi com eles quais eram as questões e eles disseram umas e eu disse outras e agora no fim do projeto respondemos às questões. Pronto.

Há uma coisa que é comum a todos os instrumentos de avaliação que eu utilizo e faço com os meninos. Que é todos têm de ser de aprendizagem. Portanto a avaliação com as crianças é aprendizagem. Não é uma coisa mais que se faz. Não. É aprendizagem! Seja o portfolio, seja uma tabela, seja um quadro, seja o que for, seja um texto, seja uma verificação de um trabalho ou uma análise de um trabalho. Em todas as circunstancias a avaliação é sempre um momento de aprendizagem. Tem que ser!

Entrevistadora: Concordo! Então e agora que instrumentos utiliza para avaliar as crianças?

Educadora: então é assim eu tenho aaah sobretudo um que eu uso sempre e este sempre. Está escondido na sala portanto só eu é que vejo e é confidencial. Portanto é uma tabela, nem é bem uma tabela, é um quadro que está dividido em quadriculas e cada uma dessas quadriculas diz respeito a um comportamento que eu espero. Portanto um comportamento esperado. E aaah cada vez que eu verifico numa criança aquele comportamento eu vou o número da criança naquela quadricula. Por exemplo o João pede para escrever. Parece que está sensível à escrita. Faz tentativas de escrita. Isto naquele quadro tem uma quadricula para esse comportamento e o João é o número 13 eu vou e ponho o número 13 naquela quadricula. Portanto eu vou verificando comportamentos. Aaaaah é construído. Este é o meu instrumento principal de avaliação das crianças. É unilateral. Tem a vantagem de ser construído ao longo

do tempo. Avalio a olho se não não funciona então tenho de ter uma coisa que seja verdadeira. E este é, porque eu assim que vejo o comportamento vou logo verifica-lo. Sendo que depois este instrumento aaah permite-me a mim e é para isso que sobretudo serve permite-me a mim investir mais por exemplo no grupo eu percebo que existe uma série de meninos que ainda não tem aquele comportamento. Não tem não. Eu ainda não vi. E isso significa que vou ter que trabalhar mais aquele aspeto. É um instrumento que regula mais a minha prática e a minha planificação.

Entrevistadora: então qual é o instrumento que utiliza mais frequentemente?

Educadora: o que utilizo mais frequentemente é portfolio, porque é diário. Porque eu acredito e vejo que os instrumento que eu utilizo com as crianças também servem para eu avaliar. digamos que conseguiria trabalhar sem o último instrumento que lhe falei, mas sem o portfolio não conseguiria. Não era possível. Porque o que regula o que acontece na sala é o portfolio. Não é?

Entrevistadora: Eu ia-lhe perguntar agora qual teria mais peso para si que acabou de responder.

Educadora: É o portfolio, porque este não regula apenas a minha prática mas envolve os meninos e regula a própria aprendizagem. O portfolio constitui-se como aprendizagem, vou dar-lhe um exemplo: eu tenho uma menina na sala que não falava comigo. Portanto falava muito bem com os colegas e comigo e com os meninos em grande grupo ela não falava. Porque não gostava, porque ficava inibida. Até ao momento do portfolio. Portanto no dia em que fez portfolio pela primeira vez sentou-se foi buscar a caixa dos seus trabalhos e falou, falou, falou, falou. E partir desse dia ela começou a falar comigo de uma maneira completamente diferente. Começou a interagir comigo como interage com os colegas, de forma natural e normal. Portanto digamos que o portfolio é um todo de aprendizagem e de envolvimento e por isso é que é muito importante para mim. Porque muda as coisas na sala, muda inclusivamente a minha prática. Porque é assim quando temos que fazer portfolio temos que levar os meninos a um nível de autonomia muito grande e portanto isso facilita a criação de instrumentos e de metodologias. Para eu poder fazer portfolio com uma criança, os outros têm que estar organizados. Têm que estar a aprender como se eu lá estivesse. Não só a utilização do portfolio exige um grau de autonomia muito grande das crianças, como os obriga a processos de tutoria, porque como eu não posso, porque quando estou com um menino a falar acerca do portfolio esse momento é meu e desse menino e ninguém pode interromper. E isto cria situações de tutoria e de entre ajuda muito grandes. Não é? Portanto o portfolio é um instrumento de trabalho.

Entrevistadora: existem muitas poucas pessoas que utilizam o portfolio...

Educadora: existem muitas pessoas que dizem que estão a utilizar o portfolio mas são dossiers organizados.

Entrevistadora: Exato! Também ia lhe perguntar se para si existe essa diferença, entre dossier e portfolio e está claro que existe.

Educadora: é muito diferente não é? É completamente diferente. Um dossier é um dossier organizado. Com os trabalhos. O portfolio não. O portfolio é um instrumento metacognitivo. Portanto não é a mesma coisa.

Entrevistadora: Muito bem. A educadora costuma planear a avaliação dos alunos sozinha ou em conjunto com outras colegas?

Educadora: é assim. Nesta caso concreto, neste jardim de infância, nós trabalhamos muito em equipa, porque..

Entrevistadora: isso é ótimo não é?

Educadora: é sim. É tao bom que podia estar a trabalhar a dez minutos da minha casa e estou efetiva. E venho para este e demoro 40minutos a chegar de carro. Mas as pessoas aqui trabalham como eu. Aqui é possível fazer as coisas que nós fazemos, inclusive formação. Reunimo-nos uma vez por mês, onde discutimos várias coisas. Trocamos imensas ideias.

Entrevistadora: Muito bem. E tem total liberdade em definir os parâmetros e as formas de avaliação?

Educadora: é assim. Tenho alguma liberdade, porque eu vivo num país que tem uma política não é, que tem orientações curriculares, metas de aprendizagem.

Entrevistadora: Sim, sim. Mas a instituição poderia dar lhe grelhas ou...

Educadora: é assim a instituição tentou.

Entrevistadora: ahahah

Educadora: tentou. Mas quando nós educadores temos uma alternativa e sabemos justificar. É assim eu não conheço nenhum caso, nem um, já sou muito velha, que os educadores justificando bem o que pretendem fazer tenho sido obrigados a fazer algo. Conheço são vários casos que como os educadores não chegam à frente, portanto o agrupamento diz que têm que fazer assim assim e assim. Eu já passei por muitos assim que tinham metodologias e formas de avaliação. Passei muitas vezes pela minha vida essa dificuldade. Não é? Chegar a um sitio e ter um mecanismo de avaliação diferente. Mas eu defendo e se for preciso mostro e até hoje ninguém me obrigou a fazer fosse o que fosse.

Entrevistadora: ainda bem. Que bom. Queria-lhe ter perguntado antes e não perguntei: frequentou ações de formação?

Educadora: frequentei muitas e a partir de uma determinada altura passei a ser formadora. Mas entendo que a ação de formação mais importante que devemos fazer é aprender com os nossos pares.

- **Identificar as conceções da educadora acerca do portfolio.**

Entrevistadora: Agora vamos falar um bocadinho acerca do portfolio. Porquê que surgiu essa ideia de fazer o portfolio?

Educadora: eu comecei a ler sobre o portfolio para 1º ciclo. O que acontece é eu sempre me questioneei e achei que a avaliação era uma coisa fundamental, mas sempre sentia-me insatisfeita porque eu não conseguia fazer avaliação nenhuma que tivesse este caráter informativo, a sério, que fosse de aprendizagem. Na altura não havia nada a falar do portfolio em pré escolar. E comecei então a fazer o quê? Espera aí. Isto no 1º ciclo faz-se assim, no 2º ciclo faz-se assim e no pré escolar também se pode fazer! E comecei eu a experimentar. Entretanto juntei-me a um grupo de investigação dando consistência científica a esta experiência. Entretanto fui lendo muitas coisas e conversando com pessoas que faziam portfolio de outra forma. Porque existem muitas formas.

Entrevistadora: Na sua opinião o portfólio pode ser considerado um instrumento de avaliação? Porquê?

Educadora: por causa disto. Porque permite às crianças ter acesso à sua própria aprendizagem. Portanto é um instrumento que dá *feedback*, pois a avaliação como eu entendo e as outras pessoas como processo de controlo, de auto regulação da aprendizagem. Acontece naquele momento.

Entrevistadora: Do seu ponto de vista, acha que existem diferenças entre o portfolio e outros instrumentos de avaliação? Por exemplo um dossier e um portfolio? Existem diferenças? Já falamos há pouco sobre isso.

Educadora: o portfolio envolve as crianças. Desde sempre. É um instrumento reflexivo. Portanto acontece ao longo do tempo e acontece de formas diferentes ao longo do tempo. Porque a criança a primeira vez que seleciona trabalhos seleciona critérios e da segunda vez seleciona com outras. Por isso, do meu ponto de vista dá o acesso total global é criança. Um dossier organizado é apenas um processo de captação de produtos.

Entrevistadora: mais organizacional não é?

Educadora: organizado pelo educador. Não é?

Entrevistadora: Que tipos de portfolio conhece?

Educadora: conheço basicamente dois tipos de portfolio na educação. Conheço este que nós fazemos que é feito à pouco tempo. Este é aberto e portanto não está definido à partida. O início do portfolio eu não sei o vou fazer e conheço o outro que é aquele que tens já as coisas definidas e preenchem com as crianças

Entrevistadora: Relativamente à avaliação formativa e sumativa. Acha que o portfolio pode fazer parte dessa avaliação? Formativa e sumativa? Outra?

Educadora: é assim a avaliação sumativa é a soma de todas as avaliações, como a palavra diz. Portanto o portfolio pode se constituir como um aspeto, como algumas evidências de aprendizagens. Portanto pode ser utilizado numa avaliação formativa e sumativa.

- **Identificar o uso que o profissional faz do portfolio, e a apreciação que faz dele.**

Entrevistadora: Já sabemos que utiliza o portfolio. E posso saber se é a primeira vez? Já utilizou? Pondera vir a utilizar?

Educadora: eu direi até que da maneira que eu trabalho dificilmente consigo trabalhar sem recurso ao portfolio. O portfolio é o principal instrumento regulador da atividade das crianças. Não é? E portanto se eles não tiverem o portfolio não conseguem funcionar. Não sou só eu. São eles próprios. Alias a Ana viu que eles sabem onde se faz, quando se faz, como se faz. Aquilo é um instrumento completamente adquirido a todos os meninos.

Entrevistadora: é um instrumento que faz sentido...

Educadora: faz sentido e faz falta. Sem o portfolio a sala não é igual.

Entrevistadora: E pode me dizer o modo como o fez? Como é que iniciou este processo? Se falou com as crianças? Se implementou logo?

Educadora: É assim eu ponho aquelas coisas na sala e depois começo a fazer.

Entrevistadora: E não falou com as crianças acerca do portfolio?

Educadora: eu digo vamos sentar aqui e vamos falar sobre o portfolio. Depois começo a formalizar. Primeiro começo a conversar, depois começo a formalizar.

Entrevistadora: Eu reparei que na sala já têm um espaço para fazer o portfolio.

Educadora: Sim. E isto começou acontecer normalmente. O portfolio não diferente de qualquer outra coisa. O portfolio é igual a ter um armário numa sala. Explicamos a alguns, começamos a atividade com alguns e depois os outros vão percebendo. Depois as regras vão-se falando. O portfolio e a avaliação não é uma coisa extra. É uma coisa que faz parte que está integrada na sala.

Entrevistadora: ok. E como continuou este processo?

Educadora: a forma como ele decorre depende das crianças, dos grupos.

Entrevistadora: Marca uma hora todos os dias para falar com eles? Como é?

Educadora: Não. Aquilo está estabelecido. Portanto todos os dias faço. Sendo que o que está estabelecido é quem primeiro e quem faz depois. Aquele quadro fixado na sala tem dois lados. Quem já fez e quem ainda não fez.

Entrevistadora: como é que o portfolio esta organizado? Tem conteúdos?

Educadora: Não tenho nada definido. É tudo livre. Tem entradas livres. A não ser que eu tenha uma intenção. Por exemplo eu posso detetar porque preciso de falar com os meninos sobre a planificação individual, porque não está a funcionar, há ali questões, eles não estão a utilizar. Então eu decido que aquela próxima entrada vai ser a análise das planificações individuais.

Entrevistadora: De que forma é que eles participam na construção do portfolio?

Educadora: o portfolio tem sempre uma questão, seja o que for que a gente faça. Em qualquer circunstancia o que acontece é que as crianças vão à caixa dos seus trabalhos daquele período. E a caixa é desde que fizeram portfolio até que voltam a fazer. E eles selecionam três trabalhos que eles considerem mais importantes. Depois pode-se fazer mais coisas mas isto tem de ser feito. Os trabalhos vão para casa. Só ficam na escola os trabalhos que eles selecionaram. Portanto eles depois fazem a seleção não é. Há meninos que selecionam os primeiros três trabalhos que aparecem na caixa, pois não tem capacidade de reflexão e de análise. Existem outros meninos que andam ali para trás e para frente e escolhem cinco e seis. Depois têm que ver outra vez só para escolherem apenas três. Portanto há graus de escolha muito diferentes e isso é motivo de avaliação. Isto é evidência de aprendizagem. Pronto mas eles é que depois dizem o porquê que escolheram aquele trabalho. Porquê que aqueles são mais importantes e muito interessante porque depois há meninos que dizem que escolheram aqueles porque são os três maiores. Este é importante porque é maior. Outro diz que é importante porque ali escreveu. Este é importante porque eu ainda não sabia fazer e agora já sei e aprendi. Eles explicam a razão da sua escolha e existe uma grande conversa tão natural, porque o portfolio é tão natural como se fosse outra coisa.

Entrevistadora: E eles não perguntam o que quer dizer portfolio?

Educadora: Não. É como se fosse um animal e eles soubessem o nome do animal e não questionam. É um nome entre muitos nomes que eu digo e que eles nunca ouviram mas que depois sabem o que é. Nós se perguntarmos-lhe o que é o portfolio eles dizem que é o momento em que se sentam comigo e conversam comigo sobre os trabalhos. Outros meninos dizem que o portfolio é o que está ali e apontam para o portfolio. Portanto eles sabem o que é.

Entrevistadora: Os pais participam?

Educadora: Os pais podem participar. Portanto há situações em que eles participam. Neste momento aqui ainda nenhum participa. Mas a partir de uma determinada altura sim.

Entrevistadora: Mas como é que faziam? Eles levavam para casa?

Educadora: Eles levavam para casa umas fichas abertas, completamente abertas onde os pais se virem alguma coisa extraordinária que queiram reforçar escrevem nessas fichas e mandam-me. Depois eu leio. É muito interessante porque os pais conforme o que valorizam depois escrevem lá. Eu lembro-me de ter uma vez uma família que todas as semanas, eles mandavam um papelinho a dizer um comportamento que consideraram importante aaah e havia uma família que colocava todas as semanas a menina ajudou a levar a loiça. Para eles isso é que era importante. Outros por exemplo já diziam começou se a interessar pela escrita. Portanto depende.

Entrevistadora: E acha que o portfolio permite ter mais comunicação com os pais?

Educadora: É assim. O portfolio não tem essa função. No meu caso não tem essa função. Eu falo com os pais por outros veículos. Mas se a pessoa quiser utilizar o portfolio para tal ela também consegue chegar. O portfolio permite tudo o que nós quisermos.

Entrevistadora: os momentos que tem com as crianças sobre o portfolio acontece todos os dias? Como se processa?

Educadora: todos os dias eu faço com um menino. Existe um momento próprio, sendo este antes de eles irem almoçar. Depois de eles irem um bocadinho à rua e por volta das onze horas faço. Mas pode ser noutro momento. O que é suposto e antes não conseguia fazer a agora já consigo é fazer todos os dias. Nem que seja à tarde.

Entrevistadora: Já fez gravações ou tirou fotografias para incluir no portoflio?

Educadora: é assim fotografias já. Às vezes já tem acontecido. É assim as fotografias fazem parte da nossa sala. Eu até tenho uma máquina na sala que eles podem utilizar. Por exemplo

fazem uma construção e depois vai-se destruir e pedem para tirar uma fotografia. Esta fotografia pode ser incluída no portfolio, se eles escolherem depois. Mas eu também posso ter a intenção e às vezes acontece que é refletir com as crianças momentos que já passaram e seleciono fotografias e eu própria digo que quero falar com eles sobre aquilo. Mas são situações excecionais porque eles é que escolhem sempre os trabalhos.

Entrevistadora: acha que o portfolio encoraja o ensino centrado na criança?

Educadora: pois eu acho que sim!

Entrevistadora: quais são as reações das crianças quando chama-os para virem fazer o portfolio?

Educadora: de uma forma natural. Eles gostam muito de realizar o portfolio. É um momento que eles estão só comigo. Eles são a personagem principal. E isso é muito importante para eles. Muitas vezes eles já estão à espera do momento do portfolio porque como sabem que são eles e querem falar sobre um trabalho muito importante e ficam à espera.

Entrevistadora: que função pode assumir este instrumento na avaliação? Que já disse de auto-regulação... mais?

Educadora: é tudo á volta disso. Mas se tivesse que escolher uma palavra seria avaliação/aprendizagem/desenvolvimento.

Entrevistadora: porquê que escolheu utilizar o portfolio? Foi por ter lido?

Educadora: foi por ter lido. Foi por ter experimentado. Surgiu de uma inquietação. Fazer uma avaliação que não fosse mais uma coisa. Porque não tenho paciência para mais uma coisa. Foi um processo teórico, foi de aprendizagem, foi de ler e perceber como poderia acontecer e foi experimentar!

Entrevistadora: E as vantagens e desvantagens do portfolio?

Educadora: eu não conheço nenhuma desvantagem. Portanto não dou por nenhuma desvantagens. Vantagens são estas todas que já falei. Dá acesso às crianças globalmente, permite às crianças aprenderem, faz com que eles se conheçam melhor, valorizam-se, é portanto um instrumento de gestão curricular até. Porque através do portfolio utilizo para fazer muitas vezes a planificação. Vou escolhendo conteúdos que pretendo trabalhar com as crianças. E vou envolvendo as crianças nessa própria aprendizagem. É o instrumento principal da sala!

Entrevistadora: pode me dar um exemplo do uso do portfolio? Por exemplo a ultima vez?

Educadora: Foi hoje. Um menino escolheu um trabalho muito grande que tinha a ver com castelos eeeee aaaaah cavaleiros.

Entrevistadora: Um desenho que ele fez?

Educadora: Era um desenho e um texto. Aaaah. Selecionou esse. Foi muito interessante porque esse menino não tem acesso ao número mas já tem à quantidade. E então representou no trabalho é que eles escolhem três mas têm de os ordenar por ordem de importância atribuída. Portanto há o número um, número dois.. e ele estava a fazer essa ordenação e dizia que não sabia fazer números. Não faz mal disse eu representa! E ele lá representou... uma bolinha no número um. Duas bolinhas no número dois. Depois aconteceu uma coisa bastante curiosa que é muito frequente acontecer que é depois da análise dos trabalhos, como passa este tempo desde que ele fez o trabalho até que fala dele, ele já aprendeu outras coisas então dizia ahhh falta aqui a porta. Falta-me aqui não sei o que. E eles têm oportunidade de reformular o trabalho. Depois aconteceu outra coisa muito engraçada porque um dos trabalhos foi um estudo sobre o miró que ele fez. Então dizia isto é o miró ou o picasso? Então via lá buscar o álbum. Nós temos um álbum sobre os pintores na sala. Foi ver e dizia ele e eu estava a escrever tudo. Tava a registar tudo. E dizia ele aaah é o Miró! Porque os Picasso faz olhos assustadores e o Miró faz estes engraçados. Portanto é muito interessante porque o próprio momento é um momento de aprendizagem.

Entrevistadora: vai continuar a utilizar o portfolio?

Educadora: Sim.

Entrevistadora: sente diferenças enquanto utiliza o portfolio e antes quando não utilizava?

Educadora: aaah sim! Eu sou uma educadora antes do portfolio e outra depois. O portfolio mudou a minha forma de trabalhar. Completamente!

Entrevistadora: através do portfolio o que acha que as crianças adquirem?

Educadora: sobretudo uma grande grande grande capacidade de pensar!

Entrevistadora: De reflexão não é?

Educadora: De reflexão.

Entrevistadora: e talvez de organização também?

Educadora: sim. Mas a reflexão leva sempre a uma ação não é? Seja de organização e de aprendizagem. Mas o motor é a metacognição. Eu acho. Que depois permite desenvolver certas competências.

Entrevistadora: Estamos quase a terminar. Do seu ponto de vista, quais foram os momentos mais importantes durante a implementação do portfolio?

Educadora: foi quando comecei a interrogar-me acerca da avaliação e depois durante o processo foi trabalhar com pessoas que estavam interessadas em investigar sobre essa situação. Durante a implementação todos os momentos são igualmente importantes.

Entrevistadora: Agora pode-me fazer uma apreciação geral do portfolio, desta utilização que fez?

Educadora: eu acho que o portfolio é uma forma muito eficaz de aah chegar ao conhecimento das crianças, de interagir com elas e de as por à aprender.

Entrevistadora: Muito bem! Recomendaria a outras educadoras a utilizarem o portfolio? Como instrumento de avaliação?

Educadora: sim!

Entrevistadora: Conhece algumas referencias bibliográficas acerca do portfolio?

Educadora: conheço algumas, como Cristina Parente, Leonor Santos, Jorge Pinto. Eu também tenho algumas coisas escritas.

Entrevistadora: Quer acrescentar alguma coisa?

Educadora: Não. Falamos um bocadinho de tudo.

Entrevistadora: Muito obrigada pela sua colaboração. Após uma primeira análise, caso surjam dúvidas na informação recolhida, imprecisões ou respostas em que o sentido é ambíguo entrarei em contacto com a educadora para pedir esclarecimentos. Enviarei a transcrição da entrevista na íntegra, por correio eletrónico ou virei ao seu encontro pessoalmente, para que a possa confirmar e comprovar o conteúdo da entrevista, acrescentar ou mesmo retirar algo que foi transmitido.

QUESTIONÁRIO



Sou aluna da Escola Superior de Educação de Santarém, do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e estou a aplicar este questionário no âmbito da minha dissertação de mestrado, que tem como objetivo identificar as metodologias e instrumentos de avaliação a que os professores recorrem para realizarem a avaliação dos alunos.

Agradeço desde já a sua colaboração.

Idade: _____ Sexo: _____

1. Nº de anos de docência?

2. Nível de escolaridade que leciona?

3. Quais são os instrumentos de avaliação que utiliza com os seus alunos?

4. De todos os instrumentos de avaliação que costuma utilizar, indique o/os que utiliza mais frequentemente. Porquê?

5. Considera algum instrumento como tendo maior peso ou importância? Porquê?

6. Costuma planear a avaliação dos alunos sozinha ou em conjunto com outras colegas?
Com quem (caso resposta seja afirmativa).

7. Tem total liberdade em definir os parâmetros e as formas de avaliação na Instituição onde trabalha? Sendo a sua resposta negativa, como é realizado este processo?

8. Na sua opinião o portfólio pode ser considerado um instrumento de avaliação? Qualquer que seja a sua resposta, aponte por favor a razão.

9. Do seu ponto de vista, qual ou quais poderiam ser as principais diferenças entre o portfólio e outros instrumentos que o professor utiliza na sua ação quotidiana (por ex^o, dossiers, relatórios, testes...)

10. Que função poderá este instrumento assumir, no contexto da avaliação global do aluno?

11. Já utilizou, utiliza ou pondera vir a utilizar o portfólio? Responda, por favor, acrescentado a razão da sua resposta.

12. Se utiliza, ou já utilizou, descreva o modo como o fez (por favor contemple na sua resposta os seguintes elementos: procedimentos de apresentação e acompanhamento da construção; tipo de portfólio; áreas que integra; organização...)

13. Porque escolheu utilizar o portfólio?

14. Na sua opinião, quais podem ser as vantagens e desvantagens da utilização do portfólio? Justifique por favor a sua resposta.

Obrigada pela sua preciosa colaboração!

QUESTIONÁRIO



Sou aluna da Escola Superior de Educação de Santarém, do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e estou a aplicar este questionário no âmbito da minha dissertação de mestrado, que tem como objetivo identificar as metodologias e instrumentos de avaliação a que os educadores recorrem para realizarem a avaliação das crianças.

Agradeço desde já a sua colaboração.

Idade: _____ Sexo: _____

2. Nº de anos de docência?

2. Grupo de idades que se encontra?

3. Quais são os instrumentos de avaliação que utiliza com as suas crianças?

4. De todos os instrumentos de avaliação que costuma utilizar, indique o/os que utiliza mais frequentemente. Porquê?

5. Considera algum instrumento como tendo maior peso ou importância? Porquê?

6. Costuma planejar a avaliação dos alunos sozinha ou em conjunto com outras colegas?
Com quem (caso resposta seja afirmativa).

7. Tem total liberdade em definir os parâmetros e as formas de avaliação na Instituição onde trabalha? Sendo a sua resposta negativa, como é realizado este processo?

8. Na sua opinião o portfólio pode ser considerado um instrumento de avaliação? Qualquer que seja a sua resposta, aponte por favor a razão.

9. Do seu ponto de vista, qual ou quais poderiam ser as principais diferenças entre o portfólio e outros instrumentos que o educador utiliza na sua ação quotidiana (por ex^o, dossiers, grelhas...)

10. Que função poderá este instrumento assumir, no contexto da avaliação global da criança?

11. Já utilizou, utiliza ou pondera vir a utilizar o portfólio? Responda, por favor, acrescentado a razão da sua resposta.

12. Se utiliza, ou já utilizou, descreva o modo como o fez (por favor contemple na sua resposta os seguintes elementos: procedimentos de apresentação e acompanhamento da construção; tipo de portfólio; áreas que integra; organização...)

13. Porque escolheu utilizar o portfólio?

14. Na sua opinião, quais podem ser as vantagens e desvantagens da utilização do portfólio? Justifique por favor a sua resposta.

Obrigada pela sua preciosa colaboração!

Anexo VI – Curriculum vitae